



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Marcele Mendes Goulart

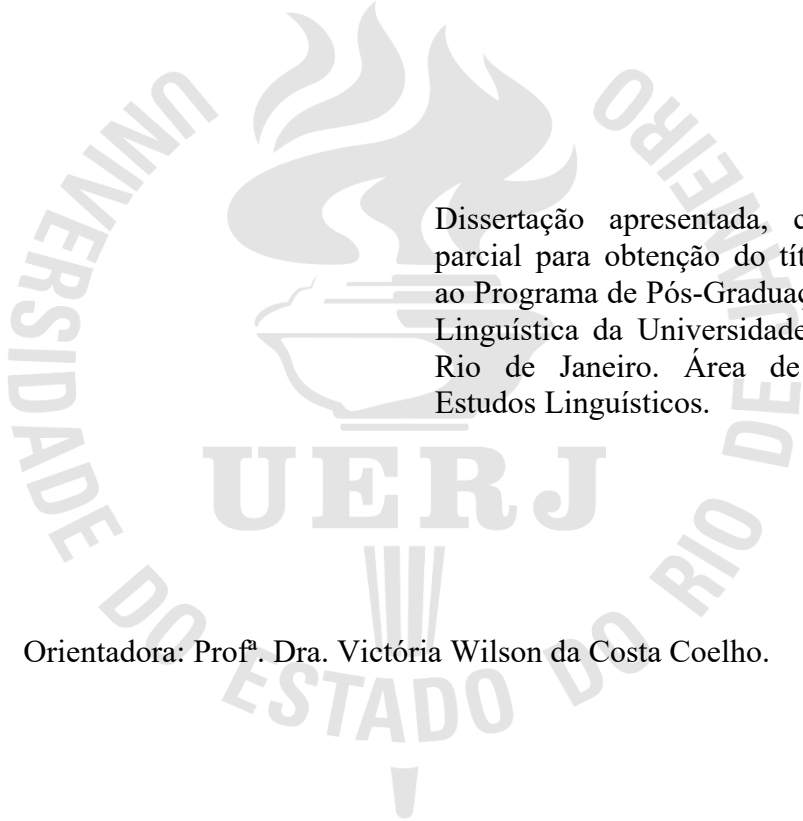
**Atos injuriosos à imprensa brasileira: uma análise sociointeracional de
interações conflituosas a partir do gênero live**

São Gonçalo

2023

Marcele Mendes Goulart

**Atos injuriosos à imprensa brasileira: uma análise sociointeracional de interações
conflituosas a partir do gênero live**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Victória Wilson da Costa Coelho.

São Gonçalo

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

G694 TESE	<p>Goulart, Marcele Mendes Atos injuriosos à imprensa brasileira: uma análise sociointeracional de interações conflituosas a partir do gênero live / Marcele Mendes Goulart. – 2023. 122f. : il.</p> <p>Orientadora: Prof^a. Dra. Victória Wilson da Costa Coelho. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.</p> <p>1. Análise do discurso – Brasil – Teses. 2. Comunicação de massa e opinião pública – Brasil – Teses. 3. Governo e imprensa – Brasil – Teses. I. Coelho, Victória Wilson da Costa. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.</p>
CRB7 – 6993	CDU 82.085

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Marcele Mendes Goulart

**Atos injuriosos à imprensa brasileira: uma análise sociointeracional de interações
conflituosas a partir do gênero live**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Aprovada em 10 de outubro de 2023.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Victória Wilson da Costa Coelho (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof. Dr. Ricardo Rios Barreto Filho
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^a Dra. Gysele da Silva Colombo Gomes
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

São Gonçalo

2023

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação à mulher mais extraordinária que já conheci, minha querida mãe, Valesi de Souza Mendes Goulart. Mesmo em meio aos desafios que enfrenta, sua coragem, amor e apoio inabaláveis continuam a ser a maior fonte de inspiração da minha vida. Esta conquista acadêmica é dedicada a você, que sempre acreditou em mim, encorajou meus sonhos e nunca desistiu, não importa quão difícil fosse o caminho. Cada página deste trabalho é um reflexo do amor e força que herdei de você. Que esta dissertação seja uma homenagem a sua incrível resiliência e um tributo ao seu inestimável papel na minha vida. Com todo o meu carinho e gratidão.

AGRADECIMENTOS

Após uma longa e desafiadora jornada, não posso deixar de expressar minha sincera gratidão a todas as pessoas que estiveram presentes em minha vida e que desempenharam um papel fundamental para que eu chegasse até aqui. Esta jornada foi marcada por inúmeras dificuldades, desde o seu início até o seu encerramento, e essas pessoas foram verdadeiros pilares em meu processo de caminhada.

Primeiramente, desejo expressar minha profunda gratidão a Deus por Sua orientação constante em minha vida. Sou consciente de que não sou nada e não posso fazer nada sem Ele. Tudo o que alcancei é por Sua graça e para Sua glória. Agradeço por Sua misericórdia infinita, por me fortalecer nas horas mais difíceis, e por me conduzir no caminho certo mesmo quando meus passos se desviavam.

Não posso deixar de agradecer ao meu marido, Rogger, que tem sido uma presença fundamental em minha vida nos últimos sete anos. Sua constante apoio e amor incondicional foram a âncora que me sustentou em minha trajetória acadêmica, desde o momento em que decidi ingressar no mestrado até a conclusão deste desafiador ciclo. Rogger, você não apenas acreditou em mim quando eu duvidava de minhas próprias capacidades, mas também me incentivou a seguir meus sonhos com determinação. Sei que houve momentos em que meus estudos exigiram muito de nosso tempo juntos (principalmente nesse final), e sua compreensão e apoio nesses momentos foram inestimáveis. Sua crença em meu potencial me impulsionou a perseverar, mesmo quando o cansaço e a pressão eram esmagadores. Este trabalho de pesquisa e a conquista do título de mestre são, de fato, resultados de nosso trabalho em equipe, por isso afirmo que este diploma é tanto seu quanto meu, e é com profunda gratidão que reconheço seu papel integral em minha realização acadêmica. Espero que este seja apenas o começo de muitas outras conquistas que celebraremos juntos.

À minha amada família (pai, mãe, irmã e sobrinho), meu profundo agradecimento por tudo o que fizeram e ainda fazem por mim ao longo desses anos. Agradeço especialmente à minha irmã, que não apenas me alfabetizou, mas também sempre insistiu comigo: "Marcele, estude!" Suas palavras persistentes foram o que me motivou a nunca mais parar de estudar. Descobri que a educação é a chave para transformar o mundo, e essa descoberta foi possível graças a vocês. Agradeço por me proporcionarem, mesmo diante de todas as dificuldades, a base educacional que moldou o meu caminho.

À minha orientadora, Prof^a. Victória Wilson, expresso minha profunda gratidão pela paciência, sabedoria e carinho que sempre demonstrou por mim, desde a minha graduação. Você é mais do que uma orientadora, é um exemplo de pessoa e profissional que admiro profundamente. Fui e sou afortunada por tê-la como mentora e modelo a ser seguido. A você, Victória, meu mais sincero obrigado!

Aos Professores, Ricardo Barreto Filho e Gysele Colombo, expresso minha gratidão pelas valiosas dicas e orientações fornecidas durante a banca de qualificação. Suas orientações foram de grande valia e me ajudaram a enxergar aspectos que, por conta própria, não teria percebido. Agradeço pela paciência de ambos e, acima de tudo, por acreditarem no meu trabalho. A vocês, professores, meu mais profundo agradecimento!

Por fim, mas não menos importante, desejo expressar minha gratidão à comunidade da UERJ- FFP por sempre me receber de braços abertos e por oferecer apoio inestimável quando necessário. Agradeço a todos os professores que fazem parte do PPLIN.

RESUMO

GOULART, Marcele Mendes. *Atos injuriosos à imprensa brasileira: uma análise sociointeracional de interações conflituosas a partir do gênero live*. 2023. 122f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

Essa pesquisa tem como intuito contribuir para o estudo de interações conflituosas no contexto de uma transmissão realizada, ao vivo, no canal oficial do ex-presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, no Youtube, em que são observadas expressões de natureza impolida dirigidas à imprensa. O objetivo geral da pesquisa consiste em observar a interação em uma live presidencial, para interpretar atos de fala de natureza ofensiva que possam caracterizar comportamento impolido e violência verbal. Visamos ampliar os desdobramentos teórico-analíticos emergentes nos estudos da linguagem em perspectiva crítica, no que tange à construção de face (GOFFMAN 2011) pautada nas formas convencionalizadas da impolidez (CULPEPER, 2011) e em violência verbal performativizada (BUTLER 2021), no ciberespaço, graças à força ilocucionária de atos de fala que se realizam sob determinadas formas rituais. Nossa fundamentação também se baseia nas perspectivas pragmáticas de linguagem, advindas tanto da Filosofia da Linguagem (AUSTIN, 1962; BUTLER, 2020, 2021), quanto da nova Pragmática Linguística (ALENCAR, 2010; OLIVEIRA, 2008, 2010, MARCONDES 2006, OTTONI 2002). O corpus utilizado neste estudo relaciona-se a atos de fala que expressam ataques e ofensas direcionadas à imprensa brasileira, presentes em três excertos transcritos de uma live presidencial, realizada no dia 24/06/2021 pelo seu canal do Youtube. Baseando-nos numa metodologia qualitativa e interpretativa, analisamos o corpus com vistas a responder às seguintes perguntas de pesquisa: (i) O que estaria sendo ressignificado com proferimentos de natureza impolida e violenta em relação à imprensa? (ii) E o que, conseqüentemente, essas interações conflituosas revelam em relação à face construída pelo ex-presidente, Jair Messias Bolsonaro, neste tipo de evento? Entender esse tipo de conduta que visa o conflito é de extrema relevância não só para a área da linguística como também para a compreensão das dinâmicas dos tecidos sociais. Não é por acaso que situações de violência no campo político – que não se restringem apenas à imprensa - são vistas com frequência nas esferas midiáticas e apresentam inúmeras visualizações e compartilhamentos. Os resultados obtidos pelas análises desta investigação apontam, grosso modo, para a manipulação da representação da autoimagem, ora apontando para uma face ameaçada, ora apresentando uma face agressiva, além da utilização de estratégias de impolidez por emoção ou por entretenimento - segundo Culpeper (2011)-, haja vista o perfil do público presente nas lives. Além disso, foi possível visualizar o reestabelecimento de contextos violentos, dos quais emerge a força ilocucionária dos atos de fala pautados na destruição do oponente por meio da linguagem.

Palavras-chave: trabalho de face; violência verbal; impolidez; ataque à imprensa.

RESUMEN

GOULART, Marcele Mendes. *Actos difamatorios hacia la prensa brasileña: un análisis socio-interaccional de interacciones conflictivas a través del género de transmisiones en vivo*. 2023. 122f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

Esta investigación tiene como objetivo contribuir al estudio de interacciones conflictivas en el contexto de una transmisión en vivo en el canal oficial del ex presidente de Brasil, Jair Messias Bolsonaro, en YouTube, donde se observan expresiones de naturaleza impolítica dirigidas a la prensa. El objetivo general de la investigación es observar el ethos interaccional de una transmisión en vivo presidencial para interpretar actos de habla ofensivos que puedan caracterizar comportamientos sin pulidez y violencia verbal. Buscamos ampliar los desarrollos teórico-analíticos emergentes en los estudios del lenguaje desde una perspectiva crítica, enfocándonos en la construcción del espejo de sí mismo (GOFFMAN, 2011) basada en los marcadores de descortesía (CULPEPER, 2011) y en la violencia verbal performativa (BUTLER, 2021) en el ciberespacio, gracias a la fuerza ilocucionaria de los actos de habla que se realizan en ciertas formas rituales. Nuestra fundamentación también se basa en perspectivas pragmáticas del lenguaje, provenientes tanto de la Filosofía del Lenguaje (AUSTIN, 1962; BUTLER, 2020, 2021) como de la nueva Pragmática Lingüística (ALENCAR, 2010; OLIVEIRA, 2008, 2010; MARCONDES, 2006; OTTONI, 2002). El corpus utilizado en este estudio se relaciona con actos de habla que expresan ataques e insultos dirigidos a la prensa brasileña, presentes en tres fragmentos transcritos de una transmisión en vivo presidencial realizada el 24/06/2021 en su canal de YouTube. Utilizando una metodología cualitativa e interpretativa, analizamos el corpus con el objetivo de responder a las siguientes preguntas de investigación: (i) ¿Qué se está redefiniendo con enunciados de naturaleza descortés y violenta dirigidos a la prensa? (ii) ¿Y qué revelan estas interacciones conflictivas con relación a la construcción del espejo de sí mismo por el ex presidente Jair Messias Bolsonaro en este tipo de evento? Comprender este tipo de conducta que busca el conflicto es de suma importancia no solo para el campo de la lingüística, sino también para comprender las dinámicas de las estructuras sociales. No es casualidad que las situaciones de violencia en el ámbito político, que no se limitan solo a la prensa, se vean con frecuencia en los medios de comunicación y generen numerosas visualizaciones y comparticiones. Los resultados obtenidos a través del análisis de esta investigación apuntan, en términos generales, a la manipulación de la representación de la imagen pública, a veces indicando una imagen amenazada y otras veces presentando una imagen agresiva, además del uso de los marcadores de descortesía por emoción o entretenimiento, según Culpeper (2011), dada la audiencia presente en las transmisiones en vivo. Además, fue posible observar el restablecimiento de contextos violentos, de los cuales emerge la fuerza ilocucionaria de los actos de habla basados en la destrucción del oponente a través del lenguaje.

Palabras clave: construcción de la imagen pública; violencia verbal; marcadores de descortesía; ataque a la prensa.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Canal do Youtube de Jair Messias Bolsonaro.....	24
Figura 2 –	Live do dia 24/06/2021 produzida por Jair Bolsonaro no Palácio da Alvorada (chat de interação em tempo real à direita da imagem)	25
Figura 3 –	Comentários feitos posteriormente pelos seguidores.....	25
Figura 4 –	Lista com alguns dos temas da live.....	29

LISTA DE EXCERTOS

Excerto 1 – Folha, estádio, globo, veja, tampas de bueiro, isentões, tetas secas, Chávez e Maduro”	77
Excerto 2 – “A metáfora do jacaré e os canalhas da imprensa e da CPI”	92
Excerto 3 – “Por que a resistência ao voto auditável?”	100

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Categorias de violências à imprensa no ano de 2021.....	21
Tabela 2 –	Principais agressores à imprensa no ano de 2021.....	22
Tabela 3 –	As fórmulas convencionais de impolidez de Culpeper.....	66
Tabela 4 –	Expressões impolidas utilizadas por Jair Messias Bolsonaro.....	112

LISTA DOS SÍMBOLOS

(.) –	Silêncio de até 0,2 décimos de segundo
(:) –	Som ou sílaba prolongada
(-) –	Corte abrupto na produção vocal
(><) –	Fala pronunciada com velocidade acelerada
([])-	Mais de um interlocutor falando ao mesmo tempo
.h –	Inspiração
h -	Expiração
(h) –	Risos
(=) –	Quando um turno termina e o outro interlocutor toma o turno sem lapso de tempo
() –	Quando não há certeza do que foi pronunciado
Sublinhado –	Elocução pronunciada em tom mais grave
Letras maiúsculas –	Elocuções com pronunciamento mais alto (gritos)

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	14
1	ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS.....	19
1.1	Natureza e contexto da pesquisa.....	19
1.2	Descrição e caracterização do corpus: a live de quinta.....	23
1.3	Procedimentos de análise.....	31
2	SOCIABILIDADES, PERFORMACES E REPRESENTAÇÕES DE FACE NAS REDES SOCIAIS.....	33
2.1	A interação mediada pelos recursos digitais.....	33
2.2	Transmissão de informações em tempo real: O uso da live stream e do Youtube como mídias.....	38
2.3	Representações de face na interação virtual: revisitando Goffman.....	47
3	CONFLITOS INTERACIONAIS: UMA PERSPECTIVA PRAGMÁTICA SOBRE OS COMPORTAMENTOS NÃO COOPERATIVOS NA COMUNICAÇÃO.....	58
3.1	Os princípios da polidez: o marco inicial para o estudo da impolidez.....	59
3.2	A quebra das normas sociais: explorando o fenômeno da impolidez na comunicação humana.....	61
3.3	As categorias da Impolidez: funções e estratégias de comunicação ofensiva.....	67
3.4	A força ilocucional dos atos de fala: violência verbal e impolidez.....	70
4	AS FACES EM CENA: ASPECTOS INTERACIONAIS DAS LIVES DE QUINTA.....	76
4.1	Excerto 1: “Folha, estadão, globo, veja, tampas de bueiro, isentões, tetas secas, Chávez e Maduro”.....	76
4.1.1	<u>“E você tem que se consultar com o médico, não é com o William Bonner não”</u> : face, deferência e porte.....	78
4.1.2	<u>“Não é (: com jornalista, esses picaretas da (.) em grande parte da imprensa ae, da (.) os picaretas da Folha, do Estado, da Globo...”</u> : A ofensa profissional	81

	<u>como critério de ataque à face.....</u>	
4.1.3	<u>O ataque como resposta à perseguição pessoal.....</u>	86
4.1.4	<u>O controle da plateia através da auto-humilhação.....</u>	88
4.2	Excerto 2: “A metáfora do jacaré e os canalhas da imprensa e da CPI”	90
4.2.1	<u>“Segundo os imbecis da imprensa, a ema tomou aquilo”: o deboche como marca de ataque.....</u>	93
4.2.2	<u>A metáfora do jacaré: outra tática de desmerecimento da imprensa.....</u>	95
4.3	Excerto 3: “Por que a resistência ao voto auditável?”	98
4.3.1	<u>Uma imprensa mentirosa e interesseira.....</u>	102
4.3.2	<u>Uma imprensa omissa.....</u>	106
4.3.3	<u>Uma imprensa odiada.....</u>	108
4.4	As fórmulas convencionais de impolidez (Culpeper 2011) a partir das falas de Jair Bolsonaro.....	111
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
	REFERÊNCIAS.....	116

INTRODUÇÃO

O jornal, desde a sua criação, tem convivido com as diversas transformações sociais, políticas e econômicas que moldaram o gênero (ou suporte) e permitiram a evolução do conceito de notícia. Alves (2001) explica que, a partir do momento em que D. João VI permitiu a instalação da imprensa, através da Carta Régia de 1808, dezenas de jornais e folhas se proliferaram, quase sempre com o objetivo de participar do jogo político que envolvia os interesses na colônia elevada a Reino Unido. Essa medida representou um marco significativo na história do Brasil, pois trouxe consigo um crescimento exponencial no campo da comunicação e da disseminação de ideias.

Com a introdução da imprensa, a tipografia, a edição e o jornalismo tiveram sua entrada simultânea no país, conforme observado também por Martins (1978). O ritmo de produção dos jornais aumentou consideravelmente, assim como a variedade de títulos disponíveis para o público. Essa explosão de publicações jornalísticas representou não apenas uma nova era na comunicação, mas também um importante canal para a expressão de opiniões e discussões sobre assuntos de interesse público. Os jornais se tornaram espaços de debate político, social e cultural, contribuindo para a formação de uma esfera pública mais ativa na sociedade brasileira.

Nos séculos XX e XXI, a imprensa se consolidou ainda mais como um poderoso instrumento de denúncia e exposição de injustiças, abusos de poder e violações dos direitos humanos. Com avanços tecnológicos, como o desenvolvimento do rádio, da televisão e, posteriormente, da internet, a capacidade de disseminação das informações alcançou um patamar sem precedentes.

No entanto, mesmo diante da importância da imprensa como formadora de senso crítico e como instrumento de denúncia, vale ressaltarmos que existem veículos de comunicação que são acusados de adotar posturas parciais e favorecer determinados interesses políticos, econômicos ou ideológicos, o que acaba influenciando na opinião pública de forma negativa.

Alguns veículos de comunicação no Brasil são conhecidos por apoiar abertamente determinados partidos políticos e isso pode ser evidenciado pela forma como as notícias são selecionadas, apresentadas e comentadas, muitas vezes favorecendo ou desfavorecendo determinados grupos e entidades políticas. Além disso, alguns veículos de comunicação buscam aumentar sua audiência através do sensacionalismo, dando destaque exagerado a

histórias impactantes, o que pode levar a distorções e a uma perda de foco nas questões realmente relevantes. Logo, não há como negar que em alguns contextos a imprensa age de forma desonesta, apresentando uma parcialidade que pode comprometer a confiabilidade das informações, mas isto não deve ser o fio condutor que fundamente a censura de informações, muito menos justifique a propagação de violência aos meios de comunicação e aos seus agentes (jornalistas).

Uma das consequências de uma sociedade pautada na liberdade expressão é a aparição de conflitos e desavenças entre os grandes meios de comunicação e os governantes, seja pelas investigações realizadas pelos jornais em relação às ações dos políticos, revelando escândalos de corrupção, condutas inadequadas ou políticas controversas; seja por interesses políticos e partidários da imprensa, que podem influenciar na cobertura e na narrativa das notícias, contribuindo para uma possível polarização social.

Todavia, no Brasil, esse cenário de conflito entre a mídia e o meio político tem se intensificado de maneira intrigante, especialmente durante o mandato presidencial de Jair Messias Bolsonaro. Nos últimos anos, especialmente compreendidos no período de seu mandato (2018 a 2022), houve uma estratégia de descredibilização da imprensa, através de discursos inflamados e violentos, disseminação de informações falsas, além de narrativas vinculadas ao desmerecimento pessoal de grandes personalidades jornalísticas, a acusações de perseguição política, e a contestação do monopólio dos principais meios de comunicação na produção e circulação de informações.

A motivação dessa pesquisa surgiu a partir da publicação de um relatório, divulgado em 2020 pela Federação Nacional dos Jornalistas – FENAJ, que evidencia 428 casos de violência contra jornalistas, o que equivale a 105,77% de ataques verbais vinculados à imprensa a mais do que o ano de 2019. Além disso, o documento também reporta que 175 dos casos de ataques aos veículos de comunicações e jornalistas estão associadas ao ex-presidente Jair Messias Bolsonaro.

Diante dessas ocorrências, conduzimos uma pesquisa para identificar os canais digitais nos quais a "descredibilização" da imprensa tornou-se frequente, sobretudo, no ambiente digital. Entre as várias redes sociais, as associadas à assessoria do ex-presidente, encontramos o canal oficial de Jair Messias Bolsonaro no YouTube. Nessa plataforma, eram publicadas semanalmente "lives" desde 2019, nas quais o político aborda diversas questões relacionadas ao seu mandato. Observamos que, em várias dessas transmissões ao vivo, o próprio ex-presidente promove ataques aos meios de comunicação do país, incentivando um confronto

com a imprensa e questionando, muitas vezes de forma impolida e violenta, a veracidade das notícias que abordam acontecimentos políticos.

Este trabalho buscará investigar se a retórica agressiva, adotada pelo ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, em suas transmissões ao vivo no YouTube, especificamente em relação à imprensa e às instituições democráticas, contribuiu para a descredibilização da imprensa e para a promoção de uma cultura de confronto e violência verbal no cenário político brasileiro. A hipótese central é a de que as estratégias discursivas empregadas pelo ex-presidente têm sido eficazes na criação de uma pauta orientada para minar a confiança nas instituições democráticas e na imprensa, ao mesmo tempo em que consolidam uma tática política baseada em uma imagem presidencial (self) caracterizada pela confrontação e falta de respeito às normas de conduta compatíveis ao cargo em questão, contribuindo assim para um ambiente de polarização e instabilidade na sociedade brasileira.

Como a vulnerabilidade (das faces) é a condição da interação e o confronto é a marca de nossas experiências no mundo (Goffman, 1962), assumimos neste trabalho que mensagens de cunho violento podem ofender e ferir as pessoas: “Quando dizer é violentar”, título da obra de Danilo do Nascimento Silva (2019), já aponta para essa compreensão. Assim, buscamos interpretar os trabalhos de face empreendidos pelo ex-presidente no que toca à construção de sua autoimagem pública (self) e na sua relação com a audiência, no contexto das lives de quinta, formulando as seguintes questões:

- (i) Se para preservar a face, é necessário garantir a manutenção de uma ordem expressiva específica (Goffman, 2011), como o ex-presidente da República do Brasil (JMB) regula suas ações de forma que estejam em conformidade com sua imagem pública?
- (ii) Estratégias de impolidez empregadas no discurso de JMB favorecem uma retórica na descredibilização da imprensa diante de seu público?
- (iii) Que contextos são (re)instaurados para conferir força ilocucionária ao tipo de ato de fala violento dirigido à imprensa? (cf. SILVA, 2019, p. 27)

O objetivo geral visa observar o comportamento verbal do ex-presidente, considerando os processos de construção de uma “face presidencial”, na qual se evidencia tanto uma despreocupação com a preservação de normas expressivas próprias do cargo político, quanto um descaso e negligência quanto a comportamentos baseados no respeito, na compostura, no aprumo. Quanto aos objetivos específicos, pretendemos:

1. Observar a interação virtual, a partir dos atos de fala que expressam, explícita ou implicitamente, atitudes de caráter violento, ofensivo e impolido;

2. Avaliar como os processos de interação podem sofrer consideráveis mudanças quando ocorrem em ambiente cibernético, levando em consideração as novas ferramentas que possibilitam múltiplas relações em diferentes temporalidades.
3. De acordo com as relações interacionais, interpretar a performatividade dos atos de fala e sua repercussão em termos de manifestação e disseminação de comportamento verbal de caráter violento, ofensivo e impolido.

Para embasar teoricamente este trabalho, recorreremos às contribuições de Goffman (1962, 1980, 2011) para a compreensão da formulação dos papéis sociais e das estratégias de ataque e defesa de face. Ademais, utilizaremos Butler (1997, 2020, 2021), Cabral e Lima (2018), Silva e Alencar (2013) e Silva (2017, 2019, 2021) para traçarmos uma conceituação para o fenômeno da violência linguística, além também das reflexões de Culpeper (2011, 2017, 2020), Barros (2017), Cunha e Oliveira (2020) e Barreto Filho (2019, 2021, 2023) para tratar as ocorrências de impolidez discursiva.

Acerca da metodologia, esta pesquisa utiliza-se da abordagem qualitativa e interpretativista como método científico para a análise do material selecionado. Nosso corpus foi escolhido com base em uma live exibida no dia 24/06/2021- de durabilidade de 51min20s - no canal do Youtube do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. O canal do Youtube do referido político existe desde 2009 e apresenta, até o momento desta pesquisa, o total de 3,63 milhões de inscritos, sendo utilizado para divulgação de informações sobre campanhas e feitos políticos. Como se caracteriza por ser um meio de comunicação bem popular, que atinge um grande público, as lives acabam por “viralizar” e tornaram-se pauta de discussão entre os outros meios de comunicação.

O trabalho compreende quatro seções. Na primeira seção, apresentamos as orientações metodológicas adotadas nesta dissertação, que se insere no campo das pesquisas qualitativas interpretativistas. O primeiro elemento abordado é a natureza e contexto da pesquisa; em seguida, realizamos a descrição e caracterização do corpus selecionado para análise. Por fim, apresentamos os procedimentos de análise utilizados para examinar o conteúdo dessas "lives" e compreender os discursos e argumentos empregados pelo ex-presidente.

Na segunda seção, exploramos os elementos fundamentais relacionados às sociabilidades, performances e representações de face nas redes sociais, com foco específico no contexto das transmissões ao vivo ("live stream") e do YouTube como mídias de interação e comunicação. Na subseção 2.1, discutimos a interação mediada pelos recursos digitais, destacando as peculiaridades e características das interações que ocorrem por meio dessas plataformas; na sub-seção 2.2, abordamos a transmissão de informações em tempo real,

analisando o uso das "live streams" e do YouTube como mídias populares para disseminação de conteúdo e interação social; e na 2.3, revisitamos as representações de face na interação virtual, utilizando o arcabouço teórico de Erving Goffman para compreender como os participantes constroem e gerenciam suas imagens(faces) e identidades nas plataformas online.

A terceira seção, denominada “Conflitos interacionais: uma perspectiva pragmática sobre os comportamentos não cooperativos na comunicação”, está subdividida em 4 subseções em que: (i) discorremos sobre polidez; (ii) abordamos o fenômeno da impolidez na comunicação humana; (iii) apresentamos as categorias da impolidez formulada por Culpeper (2011), dando destaque para as suas funções e estratégias como comunicação ofensiva; e (iv) tratamos da força ilocucional dos atos de fala, traçando uma relação entre a violência verbal e a impolidez.

A quarta seção refere-se à análise, em que são interpretadas as lives. Esta seção compreende quatro partes que estão subdivididas por temas e tópicos relativos a cada excerto da live selecionada como corpus da pesquisa. Por fim, apresentamos as considerações finais.

Enfrentamos diversos desafios ao desenvolver esta pesquisa, principalmente em encontrar o equilíbrio entre a seriedade e a ética científica ao estudar os ataques presidenciais às instituições midiáticas. Tivemos que lidar com a necessidade de não nos deixarmos envolver por questões políticas pessoais; enfrentar a possibilidade de receber difamação/censura em decorrência desta produção; além da dificuldade de encontrar suporte teórico nas correntes linguísticas que pudessem responder às nossas questões sobre a até então violência que estávamos presenciando.

Decidimos prosseguir com a pesquisa, conscientes da responsabilidade que temos como pesquisadoras diante de questões sociais que demandam reflexão e, potencialmente, mudanças. Compreendemos que as ameaças direcionadas à imprensa nacional por parte do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro é uma questão de relevância significativa, que merece ser abordada de forma iminente. Nossa motivação para dar continuidade a essa pesquisa surgiu do reconhecimento de que, como acadêmicas, temos a oportunidade e a obrigação de trazer à luz fenômenos sociais problemáticos, de modo a contribuir para uma compreensão mais ampla e crítica da realidade.

1 ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

Nesta seção, procuramos explicitar a base metodológica que deu suporte a este estudo, que se insere no campo das pesquisas qualitativas interpretativistas. Inicialmente, na primeira parte desta seção, discutiremos a natureza e o contexto da pesquisa. A segunda parte trata da descrição e caracterização do corpus: a live de quinta e o método de transcrição de dados utilizado neste trabalho. Por fim, descreveremos na terceira seção os procedimentos de análise.

1.1 Natureza e contexto da pesquisa

Esta pesquisa, de natureza qualitativa e interpretativista, tem o propósito de analisar uma interação conflituosa que ocorre em uma das “lives de quinta-feira¹”, divulgada no canal oficial do Youtube do ex-presidente da república Jair Messias Bolsonaro no ano de 2021. De acordo com informações divulgadas na imprensa, o período de gestão do governo presidido por Jair Bolsonaro (2019-2022) foi marcado por um expressivo número de ataques e descredibilização à grande parte da imprensa brasileira, em que o então presidente teve seu nome vinculado a numerosas polêmicas, envolvendo fake-news, censura e confronto direto com a imprensa nacional.

A fim de garantir a credibilidade das informações sobre o persistente ataque à imprensa nacional pelo então presidente, consultamos o relatório produzido pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) - no ano de 2021-, em que são divulgados os casos de violência sofridos por jornalistas por meio de denúncias das próprias vítimas da compilação de dados de notícias publicadas pelos variados veículos de comunicação. Os casos são agrupados em categorias de tipos de violência, que podem variar de ano para ano, em razão das ocorrências registradas.

A Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) foi criada em 1946 e está efetivamente incorporada às lutas em defesa dos jornalistas e do jornalismo no Brasil. A entidade é responsável pela adoção de regras que organizam a comunidade jornalística e garante para a sociedade acesso público a informações relacionadas a essa classe profissional. Desde 1998, a

¹ Em março de 2019, o político Jair Messias Bolsonaro (PL) iniciou a prática de fazer uma transmissão ao vivo em suas redes sociais com o objetivo de realizar um encontro semanal com o público virtual. As *lives* ficaram conhecidas como “*lives de quinta*” porque costumavam ocorrer nas noites de quinta-feira.

instituição lança anualmente um relatório com registros referentes à violência contra jornalistas e ataques à liberdade de expressão no Brasil, registrando o número de violência/ataques por categorias, evidenciando as ocorrências por região/estado, por gênero, por tipo de mídia e pelos tipos de agressores².

O relatório da FENAJ (2021, p.7) afirma que a constância da violência contra jornalistas nestes últimos anos - 2019, 2020, 2021 - está diretamente associada a três fatores: à sistemática ação do ex-presidente da República, Jair Bolsonaro, para “descredibilizar” a imprensa; à ação de seus auxiliares e apoiadores contra veículos de comunicação social e contra os jornalistas; e à censura estabelecida pelo governo Bolsonaro aos profissionais da Empresa Brasil de Comunicação (EBC).

Segundo o relatório da FENAJ (2021, p.7), no ano de 2019, foi registrado um aumento no número de casos de ataques a veículos de comunicação e a jornalistas, chegando a 208 ocorrências, um aumento de 54,07% em relação ao ano anterior (2018), quando foram registradas apenas 135. Em 2020, a situação agravou-se ainda mais e a instituição registrou 428 casos de violência contra jornalistas, 105,77% a mais do que em 2019. A “descredibilização” da imprensa, assim como no ano de 2019, foi o tipo de “violência” mais frequente: 152 casos, que representa 35,51% do total (p.7)³.

No ano de 2021, os atos de natureza hostil e violenta direcionados à comunidade jornalista não apresentaram muitas alterações, e o relatório da FENAJ (2021) evidenciou que o presidente Jair Messias Bolsonaro continuava liderando os ataques profanados à imprensa. Entretanto, vale a pena ressaltar uma alteração significativa nos dados do relatório de 2021: apesar da continuidade da política da presidência da República para desacreditar o jornalismo, os casos de censura ultrapassaram os de descredibilização da imprensa (2021, p.7). O documento oficial da federação dos jornalistas de 2021 denuncia que foram registradas 140 ocorrências de censura, a maioria delas (138) cometidas por dirigentes da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), empresa pública federal, que tinha ligação com o então presidente Jair Messias Bolsonaro.⁴

² Todas as informações relacionadas à FENAJ são disponibilizadas no site: <https://fenaj.org.br/>

³ A FENAJ (2019) menciona que a “descredibilização” da imprensa entrou como uma nova categoria de violência no relatório do ano de 2019 e foi criada em razão da institucionalização, por meio da Presidência da República, da crítica genérica e generalizada a veículos de comunicação e a jornalistas (p.5).

⁴ De acordo com o relatório da FENAJ (2021, p.6 e 7), a instituição e outras entidades, como o Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal, consideram como censura atos que ameaçam a liberdade da imprensa por ações judiciais ou por ataques cibernéticos que visam atingir o cerceamento da atividade jornalística em seu conjunto. “A censura também é uma forma de violência e esta representou 32,56% do total de casos (foram 140 ocorrências no total)”. (FENAJ, 2021, p.7)

Para fins de esclarecimento, demonstraremos abaixo as tabelas do relatório da FENAJ (2021), evidenciando os tipos de violência mais praticadas no ano de 2021 contra a imprensa⁵ (tabela 1) e os principais agressores (tabela 2):

Tabela 1: Categorias de violências à imprensa no ano de 2021

Categorias	Números de Casos	Porcentagem
Censuras	140 casos	32,56%
Descrédibilização da imprensa	131 casos	30,46%
Agressões verbais / Ataques virtuais	58 casos	13,49%
Ameaça/ intimidações	33 casos	7,67%
Agressões Físicas	26 casos	6,05%
Cerceamento à liberdade de imprensa por meio de ações judiciais	15 casos	3,49%
Violência contra a organização dos trabalhadores /sindical	8 casos	1,86%
Impedimento ao exercício profissional	7 casos	1,63%
Ataques cibernéticos	4 casos	0,93%
Atentados	4 casos	0,93%
Assassinatos	1 caso	0,23%
Injúria Racial / Racismo	1 caso	0,23%

Fonte: FENAJ (2021, p.8)

⁵ A FENAJ não explicita quais são os atributos que definem cada categoria de violência dos relatórios lançados anualmente.

Tabela 2: Principais agressores à imprensa no ano de 2021.

Agressores	Número de Casos	Percentual
Presidente da República	147 casos	34,19%
Dirigentes EBC	142 casos	33,02%
Políticos/ assessores	40 casos	9,30%
Manifestantes Bolsonaristas	20 casos	4,65%
Internautas/ Hackers	15 casos	3,49%
Não identificados	13 casos	3,02%
Juízes/ procuradores	10 casos	2,33%
Policiais militares/civis	09 casos	2,09%
Profissionais liberais/ humorista	08 casos	1,86%
Torcedores/funcionários de clube de futebol	06 casos	1,40%
Empresários	05 casos	1,16%
Seguranças	03 casos	0,70%
Infratores da lei	02 casos	0,47%
Twitter	01 caso	0,23%

Fonte: FENAJ (2021, p.13)

Diante dos dados do relatório da FENAJ (2021), fica evidente que está ocorrendo no Brasil um acontecimento social marcado pela censura à imprensa e por atos de caráter agressivo como forma de desvalorização dos meios de comunicação em geral. O confronto e a polêmica envolvendo os principais meios de comunicação e os governantes não são uma novidade na política brasileira. No entanto, o tipo de comportamento, mais hostil e violento, de natureza impolida, naturalizado no meio político, estimulado pelo então presidente, influencia o comportamento público, haja vista que, à medida que os ataques e as ameaças se intensificam e se generalizam, estes se tornam, conseqüentemente, responsáveis por comportamentos baseados na intolerância e na manutenção de uma “retórica do ódio” (ROCHA, 2021)

Quando a imprensa é atacada e censurada, encontramos-nos diante de um ataque direto à liberdade de expressão de uma sociedade. No caso do Brasil, esses ataques estavam sendo feitos e incentivados até o momento desta pesquisa, em sua maior parte, por uma figura pública de grande influência política e social. A conduta de Jair Messias Bolsonaro infringiu o

decoro de seu cargo presidencial quando este tentou desestabilizar o regime democrático, o que torna o contexto ainda mais complexo.

Para entender os atos que expressam ataques à imprensa como aqueles registrados no relatório, fizemos um levantamento das principais redes sociais utilizadas pelo ex-presidente Jair Bolsonaro nos anos de seu mandato e encontramos, em seu canal do Youtube, uma espécie de programa semanal elaborado através de lives, com data e horário previamente marcados (as “lives de quinta” como ficaram conhecidas), que promovia uma interação direta entre o político e o seu público virtual. Assim, chegamos à escolha de uma live que constituirá o nosso corpus, este dado representa um tipo de interação marcada por atos de ameaça à face e, quiçá, de violência verbal à imprensa, como será detalhado na próxima subseção.

1.2 Caracterização e descrição do material de pesquisa: a live de quinta-feira (24/06/2021) e o método de transcrição de dados

Esta pesquisa dispõe-se a observar relações marcadas por atos de ameaça às faces, nos quais se destacam as estratégias de impolidez e discursos de natureza hostil e violenta, como os sucessivos ataques à imprensa na gestão do governo Bolsonaro no Brasil (2019-2022). Para tratar de interações dessa natureza, foram selecionadas aquelas direcionadas especialmente à imprensa pelo então presidente da República, à época, através de seu canal ativo⁶, desde o ano de 2009, na plataforma Youtube.

Em 2019, o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro deu início a uma série de apresentações, realizadas semanalmente, às quintas-feiras, com o intuito de levar a público os principais assuntos da semana e também responder dúvidas dos internautas expressadas nos comentários das redes sociais. Esses encontros semanais ficaram conhecidos como as “lives de quinta” (Pires e Carvalho, 2022). Durante os anos de seu mandato – 2020 2021 e 2022- essas lives ganharam popularidade e, de acordo com a Carta Capital⁷, as lives do político ultrapassavam facilmente 250 mil visualizações, chegando ao recorde de um milhão na transmissão em que ele acusa, sem provas, o sistema eleitoral de ser fraudulento.

Dentro e fora das redes sociais, as lives de Jair Messias Bolsonaro apresentavam notoriedade e audiência, seja pelo público que declarava apoio ao “governo bolsonarista”, seja

⁶ <https://www.youtube.com/@jbolsonaro>

⁷ Revista semanal brasileira dedicada a informações gerais e marcada por uma linha editorial assumidamente alinhada à esquerda política.

pela parcela da população que rejeitava as transmissões das lives por conta de polêmicas que envolviam difamação a outros políticos e órgãos institucionais, divulgação de dados e informações falsas em relação à pandemia da Covid-19 e a descredibilização da imprensa nacional.

Dentre as inúmeras lives de quinta, escolhemos a do dia 24 de junho de 2021, em virtude de um número expressivo de ocorrências de críticas à imprensa, o que nos serviu como exemplo para demonstrar algumas formas de ataques aos meios de comunicação. Para efeito de descrição e caracterização, apresentaremos o “desenho” da página do canal do Youtube do ex-presidente, conforme mostram as imagens I, II e III. Em seguida, faremos um detalhamento da live 24 de junho de 2021 e, por fim, demonstraremos a transcrição dos trechos escolhidos para a constituição do nosso corpus.

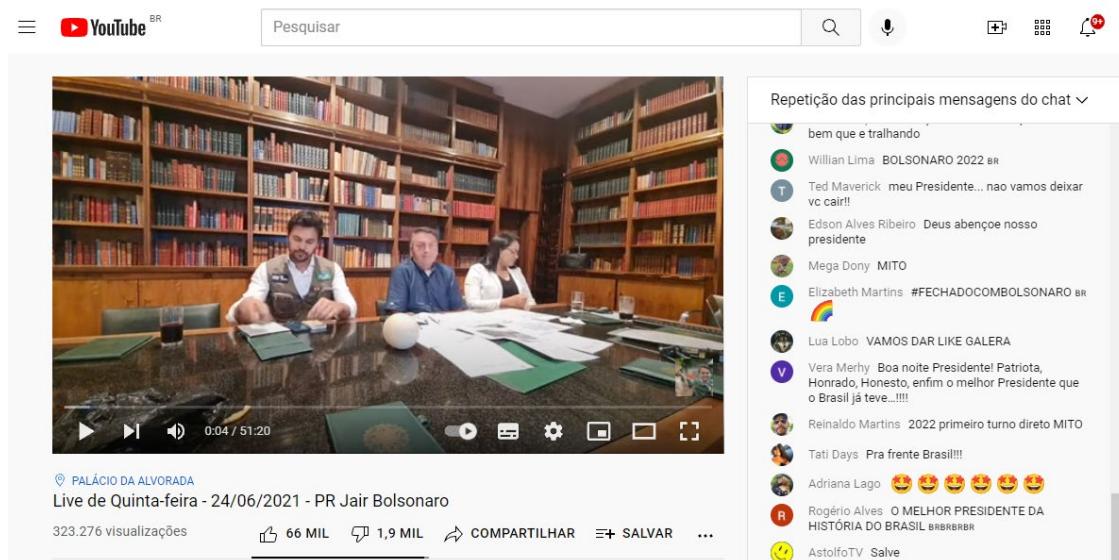
Imagem I⁸: Canal do Youtube de Jair Messias Bolsonaro.



Fonte: Goulart, Marcelle, 2021

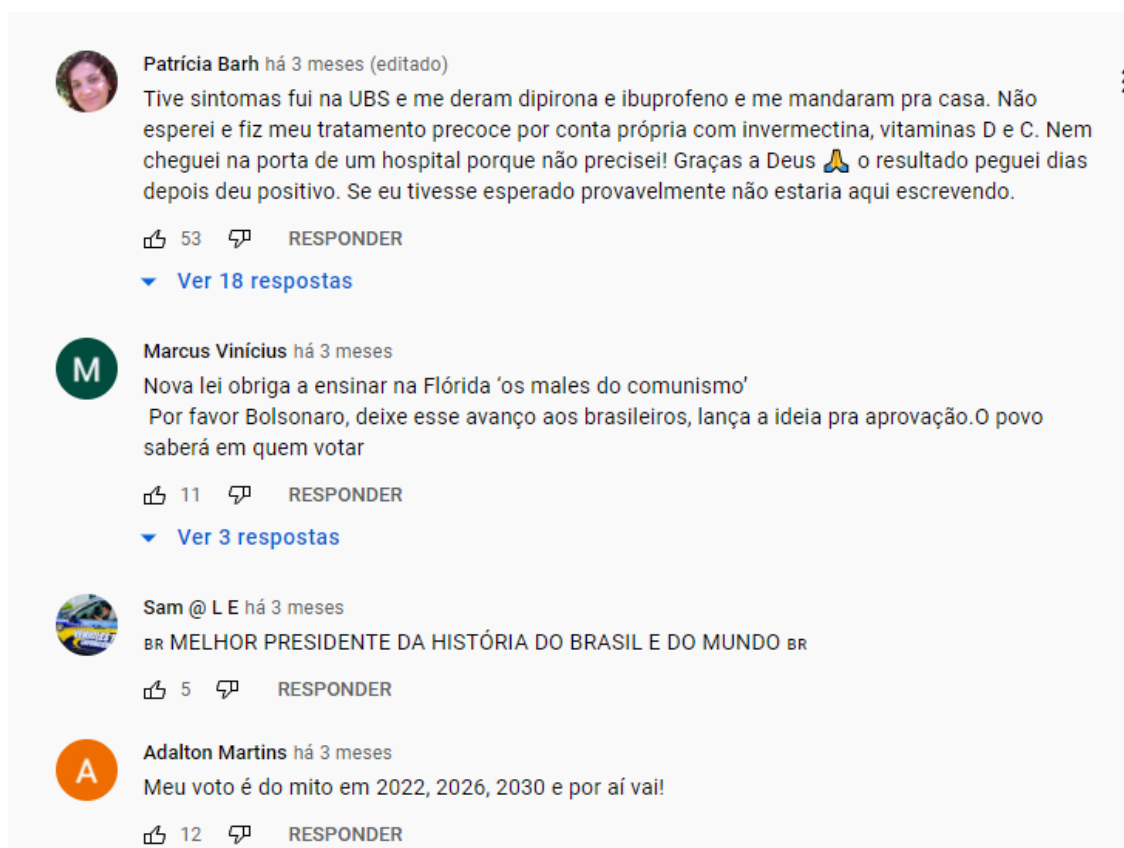
⁸ Disponível em: < <https://www.youtube.com/@jbolsonaro/streams> >

Imagem II⁹: Live do dia 24/06/2021 produzida por Jair Bolsonaro no Palácio da Alvorada (chat de interação em tempo real à direita da imagem).



Fonte: Goulart, Marcelle, 2021

Imagem III: Comentários feitos posteriormente pelos seguidores.



Fonte: Goulart, Marcelle, 2021

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GJMCHfgvFjY>

A live denominada “live de quinta-feira – 24/06/2021- PR Jair Bolsonaro” encontra-se, até o momento de produção deste trabalho, disponível no canal do ex-presidente da República Jair Messias Bolsonaro¹⁰ e apresenta a durabilidade de 51min20s. O vídeo foi produzido no Palácio da Alvorada e se inicia (ao vivo) com o ex-presidente ao centro da cena, acompanhado de uma intérprete de libras, à direita, e à esquerda, o convidado Fábio Faria¹¹. A imagem observada mostra o local onde a live é realizada, indicando tratar-se de uma sala de reuniões, onde se vê, ao fundo, uma estante de livros, e, à frente dos participantes, uma grande mesa com papéis e documentos oficiais visíveis. No entanto, vale ressaltar que nem todas as lives disponibilizadas no canal são produzidas neste mesmo local/cenário, o que evidencia que não há um protocolo a ser seguido, que apresente o mesmo padrão para as gravações. Então, mesmo que as lives sejam programadas para um dia e horário com marcação antecipada, há indícios de uma intenção que transpareça informalidade e improvisação.

No começo da transmissão, o ex-presidente inicia a interação com uma folha na mão, que o auxilia nos comunicados a serem transmitidos e menciona o término de uma obra em uma barragem na cidade de Jucurutu – 260 km da capital do Rio Grande do Norte. Logo após a informação dada, ele, juntamente com o ministro Fábio Faria, anuncia -3min53- que a universidade de Oxford irá desenvolver o estudo com o remédio indicado para tratamento de piolhos e vermes como prevenção ao vírus da Covid-19. Segue abaixo a descrição deste trecho que ocorre entre 3min53 e 5min17:

Jair Messias Bolsonaro: “Já que você falou de universidade, a Universidade de Oxford vai aprofundar o estudo com aquele remédio que mata piolho, mata verme - não posso falar aqui que senão vai cair a live. Então, parabéns. Vamos entrar em contato com a Universidade de Oxford”

Fábio Faria: “E foi a Reuters que deu essa notícia”.

Jair Messias Bolsonaro: “... para ver se a gente pode acompanhar esse estudo lá, já que aqui no Brasil é uma complicação enorme - não sei porque certas pessoas são contra o tratamento imediato. Eles adotam ainda - muitos médicos, agora prefeitos também, alguns governadores também são contra - o tratamento de que você pegou a Covid, vai para casa, e se estiver morrendo, sufocado, com falta de ar, vai para o hospital. Por que não vai para o hospital logo no começo? E deixar bem claro essa questão: o Conselho Federal de Medicina, na pessoa do senhor Mauro Brito, presidente, não fala nada do tratamento imediato; ele dá liberdade ao médico para trabalhar o seu paciente. Se você for no médico, se achar que o tratamento não está bom, você pode mudar de médico?”

Fábio Faria: “Pode – depende da pessoa. Todo mundo, presidente... qualquer doença que você vai, até hoje, nós sabemos que todo mundo tem que buscar logo o médico com qualquer doença, você deve tratar logo em vez de ficar em casa esperando”.

¹⁰ Até o dia 04/12/22, a live consta com 324.938 visualizações.

¹¹ Fábio Salustino Mesquita de Faria é um administrador e político brasileiro, filiado ao partido Progressista. Exerceu quatro mandatos de deputado federal pelo Rio Grande do Norte e foi ministro das Comunicações entre 2020 e 2022 no governo do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro.

Usando deste pronunciamento da Oxford, o ex-presidente também aproveita para mencionar a ineficácia da vacina Coronavac, recomendando a quem tomou esta vacina ou a quem ainda não havia se vacinado procurar um médico e iniciar um tratamento imediato. Segue abaixo a descrição deste trecho que ocorre entre 5min43 e 6min42:

Jair Messias Bolsonaro: “E olha o que está acontecendo: eu tenho que falar, afinal de contas não posso me omitir. Vocês estão vendo que essa vacina, a Coronavac, está com problemas em alguns países do mundo, como, por exemplo, o Chile, entre outros. No Brasil, não está sendo diferente. A gente vê notícias de asilos, por exemplo, que tem dezenas de idosos que tomaram as duas doses e, depois de algum tempo, as pessoas são infectadas e entram em óbito. Então, se você tomou a vacina Coronavac e, porventura, venha a ser infectado, procure um médico - quem sabe você possa iniciar o tratamento imediato também. Porque botaram na cabeça dessas pessoas que, se ela tomar vacina e for acometida do vírus, as consequências da infecção não vão ser muito sentidas, vão ser brandas, e tem gente morrendo por causa disso”.

Após esta fala do ex-presidente, o convidado Fábio Farias toma o discurso reafirmando as informações dadas pelo ex-presidente e menciona que, em virtude de uma provável perseguição às ideias de Jair Messias Bolsonaro, há uma recusa por parte da população em aderir ao uso da medicação sugerida. Segue abaixo a descrição do trecho que ocorre entre 7min31s e 8min:

Fábio Faria: “Até porque existe uma grande diferença das eficácias das vacinas, presidente”.

Jair Messias Bolsonaro: “Oi?”

Fábio Faria: “Tem uma grande diferença, como o senhor falou. Ainda é uma doença nova, tem umas que têm uma eficácia muito menor que as outras - outras têm maior. Então, tem que buscar o médico mesmo. O presidente sempre defendeu, desde o primeiro dia: "procure o médico". O médico faz o tratamento, ele tem o direito de prescrever aquilo que ele queira, e as pessoas brigam só porque foi ideia do presidente. Tudo que o presidente fala”...

É a partir deste momento – 8min01s – que as ofensas à imprensa surgem na live, principalmente por parte do próprio ex-presidente, estimulando a “descrédibilização” de determinados jornalistas como William Bonner e dos principais meios de comunicação – a revista Veja e os jornais de grande circulação, em geral, alvo dos ataques como a Folha de São Paulo, o Estadão e O Globo.

Como já dito, a “live” apresenta um tempo de durabilidade considerável e os ataques à imprensa ocorrem de forma espontânea em momentos isolados do vídeo, no qual também são abordados diferentes assuntos cujos conteúdos não serão objeto de nossa pesquisa. Dessa forma, optamos pela análise das transcrições de falas focadas nos momentos em que foi possível observar ataques explícitos à imprensa e que demonstram as estratégias de salvamento e ataques de face nesses episódios de conflito.

No entanto, entendemos que não é possível avaliar interações fragmentadas sem considerar todo o seu contexto de produção, já que a compreensão de um enunciado depende da situação comunicativa, de fatores relacionados aos falantes, e de uma sequência lógica do contexto linguístico-interacional, o que contribui para a interpretação dos sentidos. Por isso, disponibilizaremos a transcrição completa da live no apêndice deste trabalho para o leitor que

queira ter acesso ao material na íntegra e para também garantir maior fidedignidade à situação comunicativa em que ocorrem os ataques aos meios de comunicação.¹² Vale também ressaltar que, nos excertos escolhidos para a análise, decidimos seguir as convenções adotadas na Análise da Conversa Etnometodológica – ACE¹³- e optamos por nos basear no modelo Jefferson de transcrição¹⁴ a partir do texto de Loder (2008).

Loder (2008) afirma que o modelo de transcrição empregado na pesquisa deve servir aos propósitos teóricos específicos do pesquisador. Assim, não há modelos de transcrições neutros, isto é, o processo de produção da transcrição já pode ser considerado um processo de análise. Além de não ser neutra, a transcrição também não é completa, em outras palavras, nenhum pesquisador consegue abarcar a totalidade dos fenômenos que estão em jogo na situação de uso da linguagem, pois sempre haverá a possibilidade de registrar mais ou menos uma transcrição, por isso, a autora também defende que transcrever é um processo seletivo, que segue os interesses da pesquisa e do que se quer evidenciar. Fazer transcrições implica fazer escolhas, seja de abordagem aos dados, de fenômenos a serem enfocados, da maneira de organizá-los no registro escrito, etc.

Garcez (2002, p.85), tal como Loder (2008), também menciona que as transcrições são produtos analíticos pautados em propósitos analíticos específicos, assim, o transcritor tem que ter consciência do processo de filtragem característico das atividades de transcrições, já que essas filtragens é o que reflete os objetivos e as definições teóricas do pesquisador.

No caso desta pesquisa, que tem como foco central evidenciar as formas de violência verbal e verificar como os atores da interação reagem no percurso e nas “manobras” dos trabalhos de face, a transcrição se apresentará de forma seletiva, a fim de satisfazer os propósitos analíticos deste estudo. Assim, decidimos por categorizar e transcrever por ordem cronológica três excertos que evidenciam a ocorrência de violência à imprensa na live de quinta-feira – 24/06/2021- PR Jair Bolsonaro.

¹² A transcrição completa da live foi feita pela empresa Audiotext Transcrição e Degravação de Audio em Texto, que utiliza a padronização própria de transcrição.

¹³ A Análise da Conversa Etnometodológica (ACE) é uma abordagem teórico-metodológica que busca observar interações em contextos de mundo real e fazê-la com o mínimo de interferência do analista.

¹⁴ Loder (2008, p.130) cita que o modelo Jefferson de transcrição foi inicialmente pensado para atender a representação sequencial de fenômenos vocais, só que a popularização de registros em vídeos acabou ocasionando a busca por maneiras de incluir a representações de ações não vocais na transcrição. A autora, baseada em Have (1999, p.9), explica que a prática recomendada de transcrição deve começar pela transcrição de áudio, e depois, se necessário para a análise, acrescentar os detalhes visuais. Dessa forma, ressaltamos que a transcrição dos dados desse estudo terá como foco principal a evidência de falas; os gestos, direcionamentos de olhares e a postura corporal dos participantes não terão destaque nesta transcrição se estes não forem considerados pertinentes para a interpretação dos dados.

Vale destacar que a live apresenta uma lista de temáticas que equivale a uma cronologia dos assuntos abordados pelo ex-presidente, ela encontra-se na parte inferior à transmissão, conforme mostra a imagem IV abaixo, facultando ao usuário o acesso prévio ao conteúdo discutido ao vivo.

Imagem IV: lista com alguns dos temas da live.

Live de Quinta-feira - 24/06/2021 - PR Jair Bolsonaro

325.009 visualizações Transmitido ao vivo em 24 de jun. de 2021 [PALÁCIO DA ALVORADA](#)

-Temas:

- . Ministério das Comunicações amplia área de internet para escolas públicas, rurais, universidades e regiões mais carentes;
- . Estudo internacional sobre tratamento imediato;
- . Vacinas;
- . Folha, estadão, globo, veja, tampas de bueiro, isentões, tetas secas, Chávez e Maduro;
- . Liberdade de imprensa: governo amplia localidades para alcance de sinais de TVs locais;
- . Estudo da ONU aponta que Brasil é líder em preservação de florestas;
- . Fique em casa determinado por governadores e prefeitos afeta a todos e alimentação de alunos;
- . Aumento de dívidas de famílias (uso de UTIs e mais);
- . Argentina e lockdown: país é um dos países que mais morrem no mundo / economia / desabastecimento (é o que queremos?);
- . Livre comércio;
- . Socialismo mata;
- . Imprensa espalha fakenews que Presidente aumentou por portaria seu próprio salário;
- . Cartões corporativos e a verdade mais uma vez;
- . Comunidades indígenas pedem e recebem internet no AM;
- . O malandro que toma remédio escondido, se cura e dane-se a população;
- . CPI do Circo;
- . Imbecis da imprensa e as emas;
- . Vuduzão, vudú e Vuduzinho;
- . A metáfora do jacaré e os canalhas da imprensa e da CPI;
- . Avança o Programa Wi-Fi Brasil do Ministério das Comunicações;
- . ONGs e a calculada influência nos índios;

- . Projeto de autonomia de trabalho em reservas indígenas, se assim nossos irmãos desejarem;
- . Por que a resistência ao Voto auditável?;
- . Ministro do STF impede ações de policiais em determinadas áreas;
- . Água: Ramal do Apodi e Barragem de Oiticica no Nordeste;
- . Convidem o ex-presidiário a dar uma volta na Av. Paulista e em outros locais;
- . Boas relações internacionais garantem avanços ao Brasil perante ao mundo (a imprensa não vai te contar);
- . Brasil ganha vaga na Organização Mundial do Turismo (OMT);
- . Mais uma fakenews: a história ridícula da covaxin (esclarecimentos do TCU e dos fabricantes desmontam narrativa).

Mostrar menos

Fonte: Goulart, Marcele, 2021

Após a leitura dos tópicos, é possível observar aqueles que citam os meios de comunicação, dentre os quais selecionamos especificamente três para analisar a ocorrência de ataques. São eles: (i) “Folha, estadão, globo, veja, tampas de bueiro, isentões, tetas secas, Chávez e Maduro”; (ii) “A metáfora do jacaré e os canalhas da imprensa e da CPI;”; (iii) “Por que a resistência ao voto auditável?”.

Com o intuito de favorecer a proposta de análise deste estudo, decidimos transcrever esses três excertos e analisá-los separadamente, a fim de evidenciar os trabalhos de face mais

significativos realizados pelo ex-presidente e seu convidado durante a interação. Apresentaremos a transcrição dos três excertos seguindo o modelo Jefferson a partir do texto de Loder (2008) na íntegra na seção da análise. A seguir, mencionaremos os contextos que essas interações estão inseridas.

O primeiro excerto - 8min52s até 10min26s – demonstra a fala em que o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro comete o primeiro ataque aos meios de comunicação de forma explícita na “live de quinta-feira - 24/06/2021 - PR Jair Bolsonaro”. Percebe-se nesta parte que, além das ofensas diretas a jornais específicos, ao final de sua enunciação, ele menciona uma possível “insistência” da imprensa em manter um contato forçado contra sua vontade, e esta atitude provoca conflitos e respostas indesejadas da parte dele.

O segundo excerto ocorre quase na metade da live, no qual é possível notar que o ex-presidente menciona dois episódios polêmicos que aconteceram em seu mandato, criticando a maneira como a mídia reportava as informações, visando prejudicá-lo, além de insinuar a falta de credibilidade aos meios de comunicação e a incompetência profissional de uma parte considerável dos jornais.

A primeira situação citada neste segundo excerto refere-se ao ocorrido no mês 07/2020, em que o ex-presidente foi visto exibindo uma caixa de cloroquina para as emas que viviam no Palácio da Alvorada. Tal cena gerou muitas críticas e repercussões nas redes sociais, visto que, até aquele momento, Jair Messias Bolsonaro não incentivava a campanha de vacinação contra a Covid-19 e defendia o "tratamento precoce" com o uso de cloroquina e outros medicamentos. Além desse evento, o ex-presidente também aludiu à outra polêmica ocorrida em dezembro de 2020, quando o político questionou os possíveis efeitos colaterais das vacinas contra o coronavírus, tomando como exemplo a da Pfizer/BioNtec, e afirmou que não havia garantia de que estas vacinas não transformariam quem as tomassem em “um jacaré”. Tal pronunciamento virou pauta para diversas notícias e foi até tratado com ironia por vários internautas, que debocharam de sua fala e até chegaram a ir se vacinar vestidos de jacaré. Vale ressaltar a explicação dessas ocorrências aqui para que o leitor tivesse maior compreensão dos contextos mencionados pelo próprio enunciador, o que irá contribuir para o entendimento dos ataques feito à mídia neste fragmento.

Na transcrição do terceiro excerto, entre 31min18s e 36min16, o ex-presidente comenta a promulgação da PEC do voto impresso, afirmando que a possibilidade de aprovação da referida PEC conduziria ao retorno do voto impresso no lugar das urnas eletrônicas. Neste momento, seu convidado faz alusão às fake-news sobre esse assunto, declarando o quanto a mídia divulga informações que não condizem com a verdade. Jair

Bolsonaro toma a palavra novamente e menciona algumas situações nas quais os grandes meios de comunicação levaram ao público relatos que difamariam a sua imagem, sugerindo calúnias e mentiras a seu respeito. Neste último trecho, Jair Messias Bolsonaro discursa em torno de cinco minutos, ora colocando-se como vítima de uma perseguição pessoal e política –, ora agindo em tom ofensivo e apropriando-se de recursos como deboche, desmerecimento da honra do opositor, etc.

Em suma, as lives do ex-presidente Jair Bolsonaro têm se tornado um espaço recorrente para demonstrações de ações agressivas e desrespeito por parte do político brasileiro. Em diversas ocasiões, o ex-líder utilizou esse meio de comunicação para fazer comentários ofensivos e agressivos, além de atacar jornalistas e adversários políticos. A live do dia 24 de junho de 2021 evidenciou mais uma vez a postura polêmica e controversa do presidente, com comentários questionáveis sobre a pandemia, a imprensa e a política adversária.

A seguir, explicitaremos os procedimentos de análise.

1.3 Os procedimentos de análise

Esta pesquisa, como já mencionado, está direcionada ao estudo das utilizações dos recursos de elaboração de face, bem como sua manifestação, em eventos que violam algumas normas de conduta quanto aos rituais de interação no sentido de garantir a honra e a dignidade da pessoa humana em contextos públicos conforme Goffman:

Ao entrar numa situação em que recebe uma fachada para manter, uma pessoa assume a responsabilidade de vigiar o fluxo de eventos que passa diante dela. Ela precisa garantir que uma ordem expressiva particular seja mantida - uma ordem que regula o fluxo de eventos, grandes ou pequenos. (GOFFMAN, 2011, p.18).

Ao colocar em evidência ataques explícitos aos interactantes (no caso, adversários e “inimigos políticos” e ideológicos), a pesquisa visa reforçar o argumento segundo o qual “toda interação potencializa encontros e desencontros com relação ao que está acontecendo no aqui e agora de uma interação” (OLIVEIRA, 2020, p. 7).

A partir da transcrição e da descrição dos três fragmentos escolhidos para análise, pretendemos verificar a ocorrência dos recursos da impolidez e da violência verbal com base

em Culpeper (1996, 2011 e 2022) e Butler (2021), além das representações das faces a partir de um gênero midiático, com base em Goffman (2011), Recuero (2012, 2014) e Braga (2020 e 2021). Pretendemos demonstrar, através da análise dos recursos citados que, em alguns contextos, como é o presente caso, manifestações de caráter hostil não devem ser vistas como fenômenos marginais, mas como expedientes e estratégias utilizados nas interações, com determinados fins, que podem mobilizar sentimentos e comportamentos os mais variados, colocando em xeque os modos como nos comportamos em lugares públicos/privados.

Assim, a seção dedicada à análise retomará o conteúdo abordado nos capítulos anteriores de modo a interpretar as interações selecionadas. A seção a seguir apresentará os recursos teóricos que baseiam nossa pesquisa.

2 SOCIABILIDADES, PERFORMACES E REPRESENTAÇÕES DE FACE NAS REDES SOCIAIS

Os meios digitais têm revolucionado a forma como as pessoas se relacionam e se comunicam na sociedade contemporânea. Com o avanço tecnológico e a popularização de dispositivos móveis, a interação mediada pelos recursos digitais se tornou cada vez mais presente em nosso cotidiano. Esse novo cenário tem impactado não somente a forma como as pessoas se comunicam entre si, mas também a maneira como as informações são transmitidas e recebidas em tempo real. Nesse contexto, a live stream e o YouTube surgem como ferramentas fundamentais para a transmissão de conteúdos ao vivo, possibilitando interações mais diretas e imediatas entre emissores e receptores de informações.

Esta seção tem como objetivo explorar essa temática, apresentando reflexões e exemplos sobre como as ferramentas digitais têm revolucionado a forma como a informação é compartilhada na sociedade contemporânea. No entanto, essas interações não estão isentas de conflitos e comportamentos agressivos, especialmente quando se trata de discussões políticas ou temas controversos. Por isso, iremos também explorar as representações de face na interação virtual, em particular, examinando a teoria de Erving Goffman (2010, 2014) sobre a representação do self na interação face a face e como ela se aplica nas interações mediadas pelos recursos digitais.

2.1 A interação mediada pelos recursos digitais

A interação é um conceito fundamental que descreve as relações estabelecidas entre indivíduos e grupos sociais, sendo essencial para o desenvolvimento e a constituição das sociedades.

Segundo Ribeiro e Garcez (1998), a análise da organização do discurso e da interação social revela a complexidade inerente a qualquer tipo de encontro face a face. Isso ocorre porque a interação verbal envolve a negociação de significados entre os interlocutores e exige a consideração tanto das estruturas linguísticas quanto das práticas sociais e culturais em que a interação está inserida. Por isso, o estudo da interação verbal requer uma abordagem interdisciplinar que incorpore elementos da linguística, da sociologia, da antropologia, entre

outras áreas. Desse modo, o pesquisador precisa constantemente levar em conta o contexto social em que ocorre a interação para conseguir interpretá-la, já que a compreensão de alguns aspectos é essencial para a análise da dinâmica comunicativa entre os indivíduos.

Ao que se refere ao ato de interagir, Goffman (2014, p. 16) explica que quando um indivíduo se encontra na presença de outras pessoas, geralmente há uma motivação que o leva a agir de modo a transmitir uma determinada impressão para elas. Em outras palavras, as pessoas tendem a construir uma imagem de si mesmas e a comunicá-la aos demais por meio de sua conduta e expressão, buscando estabelecer uma determinada relação social.

Na perspectiva do autor, a presença de um indivíduo diante de outros influencia na definição da situação que se apresenta. Em alguns casos, o indivíduo age de maneira completamente calculada, expressando-se de determinada forma com o objetivo de causar a impressão desejada nos outros. Em outras situações, o indivíduo age de forma calculada, mas sem ter plena consciência de estar fazendo isso. Goffman (2014) destaca que a interação social é uma construção contínua, na qual as ações e a linguagem desempenham papéis fundamentais na negociação de significados e na construção das relações sociais.

Assim, a interação é moldada pelo arranjo social em que ocorre, e o estado de conversa é organizado de forma socialmente construída. Isso inclui não apenas quem fala para quem em que língua, mas também como um pequeno sistema de ações face a face que são mutuamente ratificadas e ritualmente governadas. Ou seja, a interação é vista como um encontro social que envolve uma série de normas e práticas que são compartilhadas pelos participantes e que influenciam a maneira como eles se comportam e se comunicam entre si.

Um “desempenho” pode ser definido como toda atividade de um determinado participante, em dada ocasião, que sirva para influenciar, de algum modo, qualquer um dos outros participantes. Tomando um participante particular e seu desempenho como um ponto de referência básico, podemos chamar aqueles que contribuem com os outros desempenhos de plateia observadores ou coparticipantes. (GOFFMAN, 2014, p.28)

Recuero (2009, p. 32) destaca que, ao considerar a interação mediada por tecnologias, existem certas particularidades no ciberespaço e nas ferramentas de comunicação utilizadas. Uma das principais diferenças é que os atores não se conhecem imediatamente e não há pistas de linguagem não verbal e contexto da interação, tudo é construído pela mediação do computador. Outro fator importante é a influência das diferentes ferramentas de comunicação utilizadas pelos atores, pois há uma multiplicidade de opções que permitem a interação

continuar mesmo após o ator estar desconectado do ciberespaço, o que possibilita o surgimento de interações assíncronas.

A autora, com base nos princípios teóricos de Reid (1991), explica que no contexto do ciberespaço, a interação social pode ocorrer de forma síncrona ou assíncrona, refletindo a diferença na construção temporal causada pela mediação tecnológica. A comunicação síncrona é aquela que simula uma interação em tempo real, na qual os agentes envolvidos têm uma expectativa de resposta imediata ou quase imediata e estão ambos presentes online no mesmo momento temporal. Exemplos disso incluem canais de chat e sistemas de mensagens instantâneas. Por outro lado, e-mails e fóruns têm características mais assíncronas, pois a expectativa de resposta não é imediata, permitindo que o ator responda em um momento posterior, já que ele não está presente no momento temporal da interação.

Primo (2003, p. 62), alinhado à teoria de Recuero (2009), também reflete sobre a forma como se dá as relações virtuais e estabelece dois tipos de interações: a interação mútua e a interação reativa. A interação mútua é aquela que envolve relações interdependentes e processos de negociação em que ambos os participantes contribuem para a construção inventiva e cooperada da relação, afetando-se mutuamente. Por outro lado, a interação reativa é caracterizada por relações determinísticas de estímulo e resposta, limitando a liberdade criativa dos participantes.

Por exemplo, temos uma interação reativa na ação de um usuário em “curtir” uma postagem em uma rede social. Nesse caso, o usuário pode apenas reagir à publicação de forma limitada, sem participar ativamente da construção da mensagem ou do diálogo com outros usuários. É uma interação determinada por um estímulo, sem espaço para negociação ou coconstrução de significados.

Já em outros sistemas, como nos comentários do Instagram, por exemplo, é possível realizar um diálogo não apenas entre os comentaristas, mas também com o autor do blog. Trata-se de uma interação construída, negociada e criativa. É possível observar-se em um blog não apenas a interação em um comentário, mas as relações entre as várias interações e perceber-se que tipo de relação transpira através daquelas trocas. Além disso, essa interação pode ocorrer em tempo real, o que torna a experiência mais semelhante a uma conversa face a face. O autor do blog também pode participar do diálogo, respondendo a comentários, esclarecendo dúvidas e interagindo com seus seguidores, criando assim uma relação mais próxima e afetiva.

Outro caso de relação mútua pode ocorrer através de plataformas de mensagens instantâneas, como o WhatsApp, no qual é possível estabelecer interações entre dois ou mais

usuários em tempo real. Os participantes podem compartilhar informações, opiniões, ideias e emoções em um ambiente virtual, de forma dinâmica e interdependente. Além disso, as interações podem ser construídas e negociadas em conjunto, permitindo que cada participante influencie o curso da conversa. Esse tipo de interação pode gerar relações mais complexas e próximas, especialmente quando ocorre entre amigos ou familiares.

De acordo com Primo (2003, p. 62), a interação mútua se diferencia da interação reativa, sendo a primeira caracterizada por relações interdependentes e processos de negociação, em que os interagentes participam da construção inventiva e cooperada da relação, afetando-se mutuamente. O termo "mútua" é utilizado para enfatizar as modificações recíprocas dos interagentes durante o processo de interação, em que cada comportamento é influenciado pelas ações anteriores e pela relação construída entre eles. Nesse sentido, a construção do relacionamento não pode ser prevista, pois ambos os interagentes são modificados durante o processo de interação.

Neste sentido, pode-se ter a impressão de que a interação social mediada por computador é principalmente uma interação mútua e dialógica. No entanto, é importante destacar, como Primo (2003) menciona, que a interação mútua permite que os interagentes construam e cooperem na construção de uma relação mais complexa e inventiva. Cada interagente influencia o outro, e essa dinâmica de influência mútua pode gerar relações de maior reciprocidade ou propícias a desentendimentos.

Recuero (2009) destaca ainda a capacidade de migração da interação mediada pelo computador, que pode ocorrer entre diversas plataformas de comunicação. Essa migração pode auxiliar na percepção da "multiplexidade" das relações, ou seja, a presença de diversos tipos de laços entre os atores sociais na rede. Além disso, a autora ressalta que a interação mediada pelo computador é capaz de gerar e manter relações complexas e valores que constroem e mantêm as redes sociais na internet. Mas mais do que isso, "a interação mediada pelo computador é geradora de relações sociais que, por sua vez, vão gerar laços sociais (RECUERO, 2009 p.36)".

Recuero (2012), baseando-se em Boyd (2007), observa que sites de mídia social são considerados "públicos mediados". Isso significa que eles possuem as mesmas características, como a capacidade de serem pesquisados, replicados e as informações permanecem disponíveis por um longo período de tempo. Essas características também têm implicações significativas em questões contemporâneas, como a questão da privacidade e do hábito de exibir/ divulgar o cotidiano. Além disso, esses sites proporcionam aos indivíduos a possibilidade de se reunirem em espaços coletivos, onde podem construir conversas em rede,

que podem ser acessadas a qualquer momento, reproduzidas, espalhadas e discutidas. Essas conversas podem ser analisadas como um fenômeno complexo que envolve não apenas a interação entre os indivíduos, mas também fatores contextuais, culturais e tecnológicos, que influenciam a dinâmica da comunicação online.

A autora define tal interação como conversação em rede, estas podem ser observadas em diferentes plataformas, como o facebook e o twitter, e são caracterizadas pelas práticas comunicativas típicas dessas ferramentas, como o compartilhamento e o retweet. Em resumo, os sites de redes sociais são importantes espaços públicos mediados, onde os indivíduos podem se conectar, compartilhar informações e construir conversas coletivas em rede.

Pode-se afirmar que a conversação em rede tenha sido um precursor importante para as transformações na interação virtual e, por extensão, para as construções de face nesses ambientes. É importante ressaltar que a conversação em rede não pode ser equiparada à conversação que ocorre fora do espaço digital, pois a hiperconexão das redes sociais trouxe novas características à conversação tradicional.

A conversação não é algo criado pelos sistemas técnicos, mas uma apropriação das próprias redes sociais desses sistemas de forma a criar elementos e sentidos. Assim, elementos como os turnos, o contexto e etc. que na conversação face a face são essenciais precisam ser reconstruídos na mediação das ferramentas digitais. (RECUERO, 2012)

A conversação em rede, diferentemente, possui características peculiares, dentre elas, destacam-se quatro elementos típicos desse suporte: (i) a acessibilidade, isto é, a permanência das interações, em que o que foi publicado permanece acessível no site; (ii) a “buscabilidade”, pois os atores da interação em rede podem a qualquer momento buscar as mensagens nas ferramentas; (iii) a “replicabilidade” das mensagens que possibilita que os sujeitos compartilhem diversas vezes a mesma mensagem, fazendo com que as informações alcancem públicos inimagináveis, ou seja, outros grupos que podem ou não fazer parte da interação, chegando ao que Recuero (2012) chama de “audiências invisíveis”; e (iv) a hiperconexão: a capacidade da própria rede de reproduzir um caso, uma situação e amplificar seus efeitos” (RECUERO 2012). Essas características dariam uma nova dimensão para a audiência das ferramentas mediadas, segundo a autora:

Quanto mais conectadas estão essas redes, mais visíveis estão as mensagens que são publicadas pelos atores e mais capazes são de ser discutidas, buscadas, replicadas e reproduzidas pelos demais. E é essa capacidade da conversação de transcender o grupo que a

iniciou, navegando pelas conexões dos sites de rede social e ampliando a audiência e a participação dos demais que caracteriza as conversações em rede. (RECUERO, 2012, p.4)

A conversação em rede não só proporciona a interação, mas também é utilizada pelos usuários para construir valores e ter acesso a recursos de grupos específicos. Esses recursos incluem a legitimação de impressões sobre si mesmo, acesso a informações, suporte, apoio social, construção da (auto) imagem e identidade, e (des)construção da imagem e identidades de outras pessoas ou grupos. Tudo isso é possível graças aos laços sociais que ganharam novas características nas redes sociais, como a possibilidade de se conectar com muitos “conhecidos” que não necessariamente são íntimos. A hiperconexão permite que as mensagens sejam divulgadas em grandes proporções e recebam apoio social de grupos com interesses semelhantes. Essas características da conversação em rede tornam mais fácil para os usuários construir uma imagem pública e receber apoio de seus grupos de interesse.

Na próxima subseção, iremos abordar as propriedades do gênero live stream nos sites de rede sociais, além de apresentar as mudanças desse meio de interação nos últimos anos, destacando sua visibilidade na esfera política, principalmente no contexto do mandato de Jair Messias Bolsonaro (2019 – 2022)

2.2 Transmissão de informações em tempo real: O uso da live stream e do Youtube como mídias

O gênero digital live stream é um meio comunicativo consideravelmente novo, que possibilita diversas formas de interação, seja em tempo real com a presença de um chat virtual, seja pela Conversação em rede (Recuero, 2012), com a presença de comentários que podem ser feitos depois da transmissão ao vivo.

O YouTube é uma plataforma de compartilhamento de vídeos online que foi criada em 2005 e, desde então, se tornou uma das maiores e mais populares plataformas de mídia social do mundo. Atualmente, o YouTube tem mais de 2 bilhões de usuários ativos mensais e é acessado em mais de 100 países em todo o mundo¹⁵. Além de vídeos carregados pelos usuários, a plataforma também oferece uma variedade de canais de mídia oficial, como canais

¹⁵ Estes dados foram buscados em 02/05/2023 e estão passíveis a alterações decorrentes das efêmeras mudanças do ambiente virtual.

de notícias e entretenimento, além de oferecer suporte a uma variedade de formatos de vídeo, incluindo transmissão ao vivo – a live.

O campo das ciências sociais, assim como a linguística sociointeracional, cada vez mais se ocupa em analisar as relações e os discursos que ocorrem a partir desses novos gêneros virtuais, já que, através destes, podemos observar/presenciar múltiplas interações sociais ocorrendo de forma simultânea. Como o objetivo desta pesquisa é realizar uma análise da interação que ocorre em uma transmissão ao vivo na plataforma YouTube, torna-se fundamental traçar um levantamento teórico sobre os processos de informação relacionados a esse gênero midiático dentro desta plataforma, considerando seus possíveis impactos nas relações humanas.

Ao que se referem os processos interacionais, deve-se levar em consideração que cada tecnologia de comunicação criada estimula e demanda das pessoas que interagem com ela novas formas de relações e, conseqüentemente, novos modos de dizer e de se comportar. A live, objeto de nosso estudo, apresenta particularidades e audiências específicas de acordo com a plataforma digital na qual é utilizada, isso ocorre por conta dos objetivos interacionais que cada rede apresenta.

Por exemplo, o Instagram é uma plataforma que promove a exposição diária do usuário com o foco na imagem, é um espaço em que o indivíduo interage através de fotos de si mesmo e gravações de pequenos acontecimentos do seu dia; esta plataforma disponibilizou em outubro de 2020 a capacidade de lives com durabilidades de até 4h. Antes desta atualização, a rede social permitia a transmissão de vídeos online com tempo limite de apenas 1h. Essa atualização permite aos usuários do Instagram compartilhar conteúdo de forma mais detalhada e extensa. Neste sentido, percebemos que as transmissões ao vivo são uma forma de os usuários se comunicarem em tempo real com seus seguidores e criar um senso de comunidade.

Diferentemente, o Twitch, plataforma digital que promove streaming¹⁶ ao vivo de jogos virtuais, com a divulgação de competições de esportes eletrônicos, não impõe um limite para a durabilidade das lives. De acordo com a UOL¹⁷, o brasileiro Barcellos entrou para o RankBrasil pelo recorde de maior live no Twitch com tempo de transmissão ininterrupta (sem pausa) em 2021, com 744 horas de jogos transmitidas ao vivo. A falta de limites de tempo

¹⁶ Streaming é uma tecnologia que, através da internet, possibilita o envio de informações multimídia para computadores e outros dispositivos sem comprometer sua conexão com a internet ou exigir um tempo de espera para download e acesso ao conteúdo.

¹⁷ Primeiro portal de conteúdo virtual do país. A empresa é uma das cinco companhias que fazem parte do conglomerado de mídia Grupo Folha.

desta plataforma permite que os usuários se envolvam em maratonas de jogos e transmitam suas sessões de jogos com menos restrições. Isso pode criar uma comunidade mais engajada e dedicada, já que os espectadores podem assistir a seus streamers¹⁸ favoritos por períodos mais longos e acompanhar de perto seu progresso nos jogos.

Em contraste ao Twitch, o Youtube é uma plataforma digital que não se limita somente aos jogos virtuais e competições de esportes eletrônicos. Embora também ofereça a possibilidade de produção de live streams em tempo real com durabilidade ilimitada, o Youtube apresenta um público mais diversificado, com diferentes conteúdos em suas transmissões ao vivo. Essa variedade tem chamado a atenção de um público mais amplo, fazendo com que a plataforma ganhe mais popularidade que outros sites de rede social no Brasil.

Os produtores de lives no YouTube encontram-se sob a obrigatoriedade de seguir as diretrizes¹⁹ da comunidade e os termos de serviço²⁰ impostos pela plataforma. Um exemplo marcante da força interacional desse gênero midiático no YouTube ocorreu em novembro de 2022, durante a transmissão ao vivo do jogo do Brasil contra a Sérvia na Copa do Mundo, em que o streamer Casimiro Miguel conseguiu atingir a marca de 3,4 milhões de visualizações simultâneas. Esse feito representa a segunda maior audiência já registrada em transmissões ao vivo no Youtube no Brasil, o que ressalta ainda mais a potencialidade desse formato na plataforma.

Vale destacar que, com a popularização do Youtube e a facilidade de produção e divulgação de conteúdo, é cada vez mais comum vermos usuários da plataforma tornando-se verdadeiros influenciadores e produtores de informação. Diferentemente dos grandes meios de comunicação, que possuem uma estrutura hierárquica e centralizada, o Youtube permite que qualquer pessoa com acesso à internet possa produzir e divulgar conteúdo, sem a necessidade de intermediários ou burocracias. Isso significa que a plataforma em questão é uma agregadora de conteúdo, um espaço onde diferentes perspectivas e visões de mundo podem ser compartilhadas.

Essa democratização da informação fez com que a propagação e o controle da informação deixassem de ser exclusividade dos grandes meios de comunicação. Agora, qualquer pessoa pode produzir conteúdo e compartilhá-lo com uma audiência potencialmente enorme, sem a necessidade de passar por filtros ou aprovações prévias. Dessa forma, a linha

¹⁸ O streamer é um criador de conteúdo digital que faz gravações ou transmissões ao vivo de qualquer tipo de conteúdo e publica na internet.

¹⁹ <<https://www.youtube.com/howyoutubeworks/policies/community-guidelines/#community-guidelines>>

²⁰ <<https://www.youtube.com/static?template=terms>>

que demarcava precisamente o lugar do produtor e do receptor da notícia deixou de existir, abrindo espaço para uma dinâmica mais horizontal e democrática na produção e disseminação da informação.

O cidadão comum passou a se apropriar das ferramentas disponibilizadas na internet para produzir os seus próprios conteúdos. As fronteiras entre produtores e consumidores se flexibilizaram, num processo impulsionado pelas redes sociais. Assim, o indivíduo passou a transitar entre o consumo da notícia e a produção de relatos noticiosos. (ROBALINHO, BORGES E PÁDUA, 2020, p.24)

O crescimento da produção e divulgação de informações, que marcam a contemporaneidade, e as relações em rede propiciam a veiculação de mensagens, notícias cujo conteúdo pode ser confiável ou não. O surgimento de rumores, desinformações e manipulação indevida dos fatos caracterizam o que se denomina por fake News

As fake News são criadas para parecerem verdadeiras e enganar os leitores ou espectadores, muitas vezes para atingir fins políticos, sociais ou financeiros. Essas informações falsas podem ter um impacto significativo na sociedade, levando a decisões equivocadas, alimentando preconceitos, discriminação e conflitos, e corroendo a confiança nas instituições, prejudicando, desse modo, os fundamentos democráticos. Na era digital, induzir confusão online por meio de uma inundação de informações incorretas e desinformação está emergindo como a principal tática adotada por propagandistas e políticos ao redor do mundo.

Em sua análise sobre os impactos da propaganda e das notícias falsas, Kakutani (2018) destaca Vladislav Surkov, um estrategista russo, como exemplo de manipulador da desinformação. Surkov foi responsável por utilizar informações para reconfigurar a realidade. O autor explica que a abordagem "surkoviana" não se baseia em reprimir e subjugar a oposição, mas sim em infiltrar-se em grupos de interesses diversos e manipulá-los internamente. Essa estratégia foi posteriormente empregada para tumultuar outras campanhas eleitorais, como no caso da eleição de Trump, nos Estados Unidos, em 2016, envolvendo a criação de perfis falsos e a promoção de movimentos políticos extremistas nas redes sociais.

Entre os diversos impactos das notícias falsas, é evidente que estas têm a propensão de incitar principalmente a violência, o ódio e a discriminação, contribuindo para o aumento da tensão social e dos conflitos entre grupos. Além disso, as fake-news podem ser utilizadas

como instrumento de manipulação da opinião pública e política, exercendo influência em eventos como eleições e distorcendo a verdade em favor de interesses específicos.

Um exemplo ilustrativo é novamente o caso de Surkov na Rússia, conforme explicado por Kakutani (2018, p. 182). Surkov buscava manter a vasta população focada em temas como os gays, Deus, Satã, fascistas, CIA e cenários geopolíticos improváveis. Ao manter o país constantemente em desequilíbrio e um tanto paranóico, ele garantia que as pessoas permanecessem preocupadas e, ao mesmo tempo, as incentivava a "buscar a mão forte do Kremlin para protegê-las".

Quando essa desinformação é disseminada no YouTube, sua propagação rápida é impulsionada pelos recursos da plataforma, resultando em um potencial aumento na influência negativa e no domínio de opinião entre os grupos que consomem informações desses novos meios de comunicação.

Além da facilidade de acesso e compartilhamento de conteúdos, o YouTube, ao contrário dos meios de comunicação tradicionais, possibilita uma interação direta entre criadores e consumidores de conteúdo por meio do chat e dos comentários. Essa característica amplifica o diálogo entre as partes envolvidas e fomenta o interesse por esse tipo de relação virtual²¹. Essa oportunidade de interação expõe abertamente os sentimentos difundidos pelos internautas. Com frequência, as pessoas se sentem à vontade para manifestar a falta de respeito em relação às instituições, normas e tradições cotidianas, evidenciando sinais de declínio na civilidade e na capacidade de debater respeitosamente com aqueles que possuem opiniões divergentes. Nesse espaço interativo, torna-se visível a polarização de ideias, com manifestações extremas contra a oposição, em que muitos assumem papéis de juízes em tribunais, deixando de conceder ao outro o benefício da dúvida ou a cortesia de ouvi-lo.

Os comentários mais chocantes de cunho racista, sexista e perversamente cruéis vêm das redes sociais (muitas vezes acompanhados de uma piscadela de sarcasmo). Quando repreendidos, os autores frequentemente respondem que estavam apenas brincando – do mesmo jeito que os assessores da Casa Branca dizem que Trump estava apenas

²¹ Com as novas ferramentas tecnológicas, parte da audiência não está mais se contentando em só receber notícia, ou seja, em ser fonte passiva (MELO, 2003; MIRANDA, 2008; CHAPARRO, 2009; MESQUITA, 2010). Esses indivíduos que vão ativar a sua função participativa também não querem figurar apenas nas reportagens produzidas pelos conglomerados como fonte primária, exercendo o papel de meros personagens secundários da narrativa jornalística antes de serem instados a se posicionar por conta própria. Ao acionar a função participativa, o cidadão pode desempenhar o papel de coprodutor da produção da notícia. O cenário de representação social construído pelas mídias digitais provocou uma verdadeira revolução nas fontes de informação. (ROBALINHO, BORGES E PÁDUA, 2020, p.27)

brincando ou que foi mal interpretado quando faz comentários ofensivos.
(KAKUTANI, 2018, p. 196)

Ou seja, na maioria das vezes, a plataforma é usada para propagação de variados assuntos, no entanto, não há como negar que o Youtube também é palco para a propagação de discursos de ódio e difamação de indivíduos e instituições²². A facilidade de vinculação de conteúdo na plataforma torna mais fácil a disseminação dessas mensagens, que muitas vezes são compartilhadas por um público virtual que se identifica com essas ideias. Infelizmente, o gênero live, que tem se mostrado muito popular na plataforma, vem sendo usado como meio para propagar essas formas de ataques, principalmente por possibilitar uma interação direta entre o produtor e o público, o que pode encorajar a disseminação de ideias prejudiciais.

De acordo com Kakutani (2018, p.78), na esfera pública em rede, frequentemente, os poderosos não buscam tanto persuadir as pessoas sobre a veracidade de uma narrativa específica ou evitar a divulgação de certas informações (o que se torna cada vez mais desafiador). Em vez disso, o foco reside em instigar resignação, cinismo e uma sensação de impotência nas pessoas. Isso pode ser alcançado por meio de diversas estratégias, como inundar o público com informações falsas, criar distrações para dispersar a atenção e o foco, desacreditar a imprensa que oferece informações precisas, semear confusão, medo e dúvida de maneira intencional através da propagação de rumores ou alegando que informações específicas são boatos, e promover campanhas persecutórias com o objetivo de obstruir o funcionamento de fontes confiáveis de informação. Lamentavelmente, a live, em muitos casos, vem servindo como instrumento precursor para tipo de estratégia.

A questão do discurso de ódio e da propagação de informação falsa tem impactado a sociedade de maneira tão negativa que foi cogitada a moderação de conteúdo nas redes sociais. No Brasil, a discussão sobre a moderação de conteúdo ganhou destaque com a Proposta de Lei (PL) 2630, conhecida como PL das Fake News, que está em tramitação na Câmara dos Deputados desde 2020. A proposta tem como objetivo combater a disseminação de notícias falsas e o uso de robôs e perfis falsos nas redes sociais, além de estabelecer regras para a moderação de conteúdo por parte das empresas responsáveis pelas plataformas.

²² A plataforma Youtube disponibiliza políticas de segurança, com o intuito de prevenir a censura do conteúdo violento ou perigoso, dentre eles: o discurso de ódio, comportamento predatório, violência explícita, ataques maliciosos e conteúdo que promova comportamentos nocivos ou perigosos. Entretanto, o usuário consegue facilmente burlar essas regras de uso da comunidade virtual, por isso, é fácil encontrar conteúdos que estimulam a violência nesse ambiente. Existe a opção de denúncia para casos desses tipos, então os usuários podem denunciar se encontrarem algum conteúdo impróprio que fere as leis de diretrizes do Youtube, mas, mesmo assim, o processo de análise da denúncia envolve um determinado tempo e o vídeo só é retirado do ar quando a plataforma de fato considera uma violência explícita.

Entre as medidas propostas pela PL 2630, está a exigência de transparência das redes sociais, que teriam que divulgar informações sobre anúncios políticos e patrocinados, além de fornecer dados de usuários que tenham sido alvos de campanhas de desinformação. A proposta também prevê a criação de um Conselho de Transparência e Responsabilidade na Internet, que teria a função de regulamentar a atuação das empresas de tecnologia no Brasil.

No entanto, a proposta – até o momento de produção desta pesquisa- tem sido alvo de críticas por parte de especialistas em tecnologia e também por alguns políticos em votação na Câmara, que argumentam que as medidas propostas podem abrir espaço para a censura e o controle excessivo do conteúdo na internet. Além disso, há preocupação sobre a efetividade da proposta, já que as empresas de tecnologia têm sede fora do Brasil e não necessariamente seguem as leis locais.

Neste sentido, notabiliza-se que a moderação de conteúdo nas redes sociais é um assunto cada vez mais presente no debate público, principalmente no que diz respeito à propagação de desinformação e discursos de ódio. Embora seja um tema complexo e polêmico, a preocupação social em relação aos efeitos negativos da utilização das redes em prol da violência e da desinformação por interesses políticos e pessoais é evidente.

Pode-se afirmar que a utilização do gênero midiático live em circunstâncias que predominam a propagação do discurso de ódio evidencia sua potencialidade interacional, e demonstra que este vem sofrendo alterações diante das constantes evoluções digitais e das necessidades comunicativas dos falantes. Pires e Carvalho (2022, p.4) explicam que a aceleração dos processos de renovação das tecnologias e a sobreposição de uma por outra foi um dos fatores que afetaram o mundo virtual, visto que o conteúdo presente na rede teve que passar por atualizações para acompanhar o desenvolvimento do mercado digital²³.

Após o ano de 2020, mais especificamente por conta da pandemia mundial (Covid-19), o gênero live ganhou novas dimensões - uma vez que as pessoas tiveram que se isolar socialmente para amenizar os impactos do vírus. Com isso, houve a necessidade de adaptação das relações, intensificando mais ainda as interações virtuais. Assim, a live, como explicam Villela, Almeida e Giogi (2020, p. 38), deixou de ser usada por um público com objetivos específicos, ampliando seu alcance para dialogar com novas temáticas, em outros espaços, passando, assim, a ser utilizada em meios acadêmicos, políticos e jornalísticos, com o intuito de promover interações globalizadas e propagar determinados discursos em grande escala.

²³ Os autores mencionam, como exemplo, a quantidade de aparelhos lançados anualmente pelos fabricantes. Essas novas tecnologias apresentam atualizações aceleradas, o que influencia os consumidores – usuários dos espaços virtuais – a se readaptarem para conseguir acompanhar as mudanças.

Tal meio de interação começou a ser usado com grande frequência por algumas personalidades políticas brasileiras, temos como exemplos Rodrigo Maia (ex-presidente da Câmara dos Deputados), João Doria (governador de São Paulo), Wilson Witzel (ex-governador do Rio de Janeiro), Flávio Dino (governador do Maranhão), Eduardo Leite (governador do Rio Grande do Sul), que usaram das lives em redes sociais pessoais de forma esporádica para discutir assuntos da esfera política, com o intuito de divulgar trabalhos, ideias e opiniões a partir de vídeos ao vivo.

Mesmo que um acontecimento histórico tenha influenciado para o surgimento de novas formas de utilizações das lives, principalmente nas esferas políticas, Pires e Carvalho (2022), baseados em autores como Alves dos Santos (2019) e Machado (2016), afirmam que membros da direita brasileira já estavam explorando esse meio de comunicação desde 2013. Naquela época, o músico Lobão fazia transmissões ao vivo com Olavo de Carvalho, que se tornaria o ideólogo da chamada "Nova Direita Brasileira" (CEPÊDA, 2018).

Assim, percebemos que o gênero live stream começou a ganhar um novo papel social, transformando-se em uma ferramenta de mobilização política, pois este meio demonstra capacidade de engajamento dos espectadores e importância na construção de uma base de apoio de votos.

Dito isto, foi esse o gênero escolhido também pelo ex-presidente do Brasil Jair Messias Bolsonaro como meio de difusão e popularização de sua mensagem política. No entanto, diferente dos outros políticos, o ex-presidente criou um evento digital no Youtube - que ficou conhecido como “lives de quinta-feira”. Para Pires e Carvalho:

A utilização da live stream começou a alterar o paradigma de comunicação do país. Uma vez que o presidente faz comunicados oficiais (em “espaços” nos quais jornalistas não podem fazer perguntas), as lives surgem como um mecanismo alternativo à narrativa midiática. Elas não possuem o intermédio dos veículos jornalísticos tão criticados por Bolsonaro e são orquestradas pelo próprio presidente. (PIRES e CARVALHO, 2022, p. 9).

É importante mencionar que a utilização de lives como uma estratégia de comunicação política não é exclusiva do Brasil, mas uma tendência mundial²⁴. No entanto, o caso do

²⁴ Barack Obama, ex-presidente dos Estados Unidos, usou as redes sociais para fazer transmissões ao vivo durante a campanha presidencial de 2020, bem como para discutir vários tópicos, como a reforma da saúde e a importância do voto.

Boris Johnson, o primeiro-ministro do Reino Unido, usou as lives em redes sociais para se comunicar com o público durante a pandemia de COVID-19, respondendo perguntas e atualizando as pessoas sobre a situação.

Justin Trudeau, primeiro-ministro do Canadá, usou a plataforma de streaming Twitch para alcançar eleitores mais jovens durante a campanha eleitoral de 2019.

Narendra Modi, primeiro-ministro da Índia, tem uma forte presença nas redes sociais e usa as transmissões ao vivo para interagir com os cidadãos indianos e divulgar seus programas e políticas.

presidente Jair Bolsonaro é notório pelo fato de ele ter usado as lives como uma forma de contornar a imprensa tradicional e falar diretamente com seus seguidores, além de expor suas opiniões e visões de mundo de forma menos filtrada e controlada do que em entrevistas coletivas ou discursos formais. Além disso, a escolha do formato de live stream permite uma interação direta e instantânea com o público, permitindo ao então presidente responder perguntas e comentários em tempo real, sem a necessidade de intermediários ou de seguir um roteiro pré-determinado.

Pires e Carvalho (2022) distinguem entre as lives de cunho político daquelas de natureza diversa, com base na tipologia de Charaudeau (2018). Segundo os autores, a live política, como exemplificada nas chamadas "lives de quinta" no Brasil, difere dos demais gêneros de informação midiática por duas características principais: o uso da mídia como palco para si mesmo e a figura central que serve como fio condutor.

Esses dois atributos são determinantes, pois o meio (a live transmitida e armazenada em redes sociais) acaba sendo significativamente centralizado na figura de um indivíduo. Todo o formato gira em torno desse indivíduo e ele controla o que e como quer argumentar sobre temas políticos. Como não há espaço para discordância, o discurso é essencialmente composto por suas crenças e opiniões políticas. No caso da "live de quinta", onde o foco é destacar a personalidade do apresentador, esse formato acaba por perpetuar e reforçar suas convicções políticas.

Como principais atributos, esta nova categoria se caracteriza por ser centrada em uma figura, que atua como protagonista e fio-condutora de narrativas, consolidando, enfim, um cenário em que o meio é, cada vez mais, a mensagem. (PIRES e CARVALHO, 2022, p. 1).

Neste aspecto, a live política é considerada um gênero à parte, por conta do seu baixo teor de similaridades com os gêneros do discurso midiáticos já existentes. Em suma, as transmissões semanais ao vivo do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro exemplificam a forma como as informações estão sendo disseminadas em tempo real e evidenciam uma particularidade do atual cenário político, durante sua gestão, em que os políticos possuem maior habilidade no uso de ferramentas digitais.

Devemos pensar o gênero live e a plataforma Youtube como ferramentas importantes para as comunicações nos últimos anos, uma vez que a rapidez e a instantaneidade na divulgação de informações são características marcantes do atual cenário midiático, em que as ferramentas digitais possibilitam a disseminação imediata de notícias e conteúdos diversos, podendo trazer consequências negativas, como a disseminação de fakenews e a falta de

verificação e checagem das informações divulgadas. Na próxima subseção, evidenciaremos alguns aspectos interacionais dos ambientes virtuais a partir dos preceitos teóricos de Erving Goffman (2011, 2014) e as possíveis rupturas performáticas em interações vinculadas ao gênero live stream.

2.3 Representações de face na interação virtual: revisitando Goffman

Erving Goffman foi um grande antropólogo, sociólogo e escritor do século XX. O autor era um notável observador dos encontros sociais e dedicou sua vida aos estudos sobre a interação face a face, evidenciando, a partir de suas teorias, como a interação social, ou seja, como a vida social é um evento ordenado.

Formado intelectualmente na tradição interacionista da Escola de Chicago (Braga e Gastaldo, 2010), Goffman apresenta ao longo de sua obra várias contribuições aos estudos de diversas áreas. Suas publicações de maiores destaques foram “A representação do eu na vida cotidiana” (1957), “Estigma” (1963), “Manicômios, prisões e conventos” (1974) e “Rituais de interação” (1967). O autor, a partir de suas publicações, vai observando a forma de participação do “eu” e dos “eus”, além de seus papéis na relação com outros participantes em situações cotidianas.

A influência da obra de Goffman no universo das ciências humanas tem sido intensa e duradoura. Seus textos são referência em áreas como Psicologia Social, Educação, Comunicação, Antropologia, Sociologia, Arquitetura e Sociolinguística. Obras de Goffman estão entre os clássicos de áreas tão variadas como Estudos da Deficiência, Criminologia, Teoria dos Jogos, Antropologia Visual e Sociolinguística Interacional. A amplitude da abordagem sociológica de Goffman, a despeito de enfatizar fenômenos sociais em pequena escala, se manifesta no número de áreas do conhecimento que são tributárias de seus trabalhos. (PEREIRA, GASTALDO E VIERA, 2021, p.5)

O olhar de Goffman sobre as interações presenciais, contextualizadas em uma ordem moral que prevê a autorregulação dos participantes em seus encontros sociais, nos convida a refletir sobre a forma como essas interações se desenrolam em ambientes não presenciais, como as interações virtuais. É inegável que a era digital e a popularização das redes sociais transformaram a forma como nos comunicamos, interagimos e nos relacionamos uns com os

outros. Nesse sentido, a aplicação dos conceitos e categorias de análise de Goffman às interações virtuais pode nos ajudar a compreender as dinâmicas e padrões de comportamento que emergem nesses espaços. Segundo Oliveira (2021, p. 208):

Goffman deixou-nos um legado que vai além dos limites da copresença e das fronteiras que separam o seu tempo de um tempo presente, marcado pela velocidade das mudanças não só nos modos de interação como em todos os âmbitos da vida social.

No entanto, é importante destacar que as interações virtuais apresentam especificidades que as diferenciam das interações presenciais. Por exemplo, a percepção que temos da identidade e da personalidade de uma pessoa pode ser bastante diferente em um ambiente virtual, em que as interações muitas vezes são mediadas por tecnologia e podem ser menos personalizadas e mais impessoais. Assim, apesar das diferenças entre o ambiente virtual e o físico, é importante lembrar que os indivíduos que interagem em ambos os espaços são os mesmos, e muitas vezes suas práticas de interação são transferidas e adaptadas de um ambiente para o outro.

Para Recuero (2010), o espaço virtual trata-se de um espaço que abrange todo o planeta e que se diferencia dos espaços físicos por conta de sua imaterialidade. Porém, mesmo com suas peculiaridades, o espaço virtual não se separa por completo do espaço concreto, porque, entre ambos, elementos transitam a todo o momento, incapacitando a delimitação exata de onde termina um e onde começa o outro. Para a autora, o ciberespaço não implica na existência de outro espaço desvinculado ao espaço concreto, já que as relações sociais que são formadas neste vão sempre depender da existência do concreto para existirem, pois os sujeitos vão estar em corpo em um espaço concreto, e em mente, em um espaço virtual.

A reflexão crítica sobre a nossa relação com essas tecnologias é fundamental para promover uma convivência saudável e equilibrada nos dois ambientes. Por isso, este tópico do trabalho tem como principal critério apresentar como a contribuição teórica de Goffman sobre as relações humanas transcende os limites das interações e dos comportamentos presenciais e podem ser aplicados nas interações das redes digitais.

Pensando sobre os detalhes das interações humanas, Goffman (2014) utiliza-se de uma metáfora teatral para explicar como ocorrem os processos interacionais. A vida social é compreendida por ele como um palco em que se encenam papéis sociais diversos, de modo que o indivíduo não é o mesmo em todas as circunstâncias. Dessa forma, o ator/ personagem encena para uma plateia, buscando sempre manter uma coerência em suas apresentações, uma vez negociado e compreendido o que está em jogo em uma dada interação, o indivíduo passa a gerir a apresentação do seu Eu (Self) em relação às impressões anteriormente estabelecidas,

com vistas a alcançar objetivos formulados previamente, de maneira consciente ou não. Desse modo, cada interação social se estabelece de acordo com os atores (reunidos ou não em equipes), com a plateia, e com as expectativas estabelecidas entre eles.

O vocabulário do teatro serve para a compreensão da capacidade expressiva que permite ao indivíduo passar uma determinada impressão. O autor também menciona em sua obra “A representação do eu na vida cotidiana” (2014) que a capacidade expressiva envolve duas espécies diferentes de recursos significativos: aqueles em que o ator “transmite” e aqueles em que ele “emite”. Os primeiros são os símbolos verbais utilizados para veicular a informação; os segundos dizem respeito a aspectos corporais, não verbais e contextuais, propositais ou não, envolvidos na interação. Então, quando um sujeito, como, por exemplo, um chefe de estado, se apresenta em público, será levado em conta não só o seu discurso, mas também a atitude corporal e um determinado modo de se apresentar condizente com a posição social que ele ocupa.

Assim, a representação ou “performance” elaborada previamente nos bastidores e executada por meio da mobilização dos diversos equipamentos expressivos corre riscos caso a cooperação entre o ator e seus observadores seja perturbada por impressões emitidas sem intenção prévia, podendo gerar constrangimentos ou mal-entendidos. Por esse motivo, as atitudes, posturas e falas precisam ser negociadas tanto antes quanto no curso da interação, caso contrário, pode ocorrer o que o autor denomina como perda de face.

Por conta de todas as estratégias interacionais observadas por Goffman em suas obras, as teorias do autor tornam-se de extrema relevância para a presente pesquisa, uma vez que pretendemos observar os papéis que os sujeitos assumem no momento da interação virtual, visando analisar as estratégias de preservação de face e o ataque intencional de face alheia. Diante das necessidades do corpus deste trabalho, apresentaremos a seguir as reflexões do autor relacionadas à definição de face e as estratégias de manutenção de face que um sujeito pode ter no decorrer da interação.

Para Goffman (2011, 2014), a representação de um ator é sustentada a partir do que ele denomina como “face²⁵”. Esta pode ser considerada como o equipamento expressivo padronizado intencional ou inconscientemente usado pelo indivíduo no momento de uma representação. “Será conveniente denominar “fachada” (face) a parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação” (GOFFMAN, 2014, p.34).

²⁵ Em algumas traduções para o português, o termo Fachada também aparece para o mesmo conceito.

O autor explica que a face é uma autoimagem positiva que as pessoas constroem para si mesmas. Essa face é pública e projetada para o outro com o intuito de manter os valores sociais positivos; está diretamente ligada aos sentimentos de quem a constrói e possui um prazo de validade, visto que a qualquer deslize no momento da interação, podemos perder ou mudar essa “imagem do self”. Assim, a face é construída difusamente “fora”, ou seja, na situação do ambiente, a partir do fluxo dos eventos e não dentro da superfície do corpo de uma pessoa. A face é feita pela interação, como diz o autor:

Fica evidente que a face não é algo que se aloja dentro ou na superfície do corpo de uma pessoa, mas sim algo que se localiza difusamente no fluxo de eventos que se desenrolam no encontro, e se torna manifesto apenas quando estes eventos são lidos e interpretados em função das avaliações que neles se expressam (GOFFMAN 2011, p.78).

No momento da interação, as escolhas discursivas apresentadas pelo locutor contribuem para impressões que o interlocutor constrói a partir do que vê, tendo como base o que se apresenta à sua frente. Entretanto, o que se deixa “escapar” como, por exemplo, tom de voz, postura, movimentos, gestos involuntários, também influenciam para a construção de uma face.

Por isso, mesmo que a face de um ator seja muito familiar, ela pode ser retirada se o indivíduo não for digno dela, pois a face é algo emprestado pela sociedade. Embora o ator tente modelá-la, ela é formada a partir do que os outros veem e não está completamente sob nosso controle. Neste contexto, as pessoas estão sempre tentando preservar sua imagem durante as interações, seja por causa do vínculo emocional com a autoimagem construída ou para proteger um suposto status social que ela proporciona.

Um exemplo de preservação de face nas redes sociais pode ser o uso de filtros ou outras ferramentas de edição de imagem para melhorar a aparência. As pessoas podem se sentir pressionadas a apresentar uma imagem "perfeita" de si mesmas nas redes sociais, devido a um suposto status social associado a uma aparência atraente ou esteticamente agradável. Esse comportamento pode ser motivado pela necessidade de aprovação de uma “imagem” – mesmo que falsa - por parte dos outros usuários, o que pode levar a uma competição para apresentar uma imagem idealizada de si mesmo.

Percebe-se que preservar a face é algo de tanta importância que as pessoas também salvam a face do outro com o intuito de manter a sua própria ou até para evitar a hostilidade que lhe poderia ser dirigida caso os outros perdessem a face no momento interação. Desse modo, Goffman (2011) afirma que as pessoas têm dois pontos de vista: uma orientação

defensiva para salvar sua própria face e uma orientação protetora para salvar a face dos outros, podendo as duas às vezes coexistirem.

Esse comportamento pode ser observado em situações onde alguém comete um erro ou se comporta de forma inadequada, e as outras pessoas presentes na interação tentam minimizar o constrangimento da pessoa para evitar que ela perca a face. Isso ocorre porque a perda de face de alguém pode gerar hostilidade, desconfiança e até mesmo represálias em relação às outras pessoas presentes na interação. Um exemplo de salvamento de face alheia nas redes sociais pode ocorrer quando alguém comete um erro ou é criticado publicamente em uma postagem. Em vez de deixar a pessoa perder a face, outras pessoas na plataforma podem se envolver na interação, tentando minimizar o constrangimento do indivíduo e até defendê-lo. Dessa forma, a pessoa que cometeu o erro, mesmo que tenha perdido a face diante de uma comunidade digital, pode se sentir menos constrangida, enquanto os outros usuários preservam suas próprias imagens de pessoas educadas que não apoiam “cancelamentos digitais”²⁶, evitando até julgamentos de terceiros caso deixassem de agir de forma pacífica.

O autor também menciona que os atores estão em constante trabalho de face, já que encenam ações para tornar qualquer atitude coerente com a face apresentada. Assim, mesmo que inconscientemente, estamos sempre dispostos a preservar nossas faces, só que esse trabalho é contínuo e construído de acordo com as nossas experiências de vida, a partir do contato com as interações que já vivenciamos, ou seja, mesmo que as interações sejam sempre eventos novos e inesperados, nós acabamos levando as experiências das falhas que ocorrem em outras interações.

Ainda que haja um grande esforço na preservação da face, é também natural que o ator acabe cometendo algumas “gafes” em suas representações, pois os contextos interacionais referem-se a processos dinâmicos e variáveis e, por isso, “cabe ao ator gerenciar a sua representação, considerando o contexto situacional no qual se encontra e o nível de informação que a plateia detém a respeito dele, isto é, planejando a melhor maneira de encenar o espetáculo: garantindo a sua circunscrição dramaturgica” (Polivanov e Carrera, p.80, 2019)

O caso polêmico que envolveu a influenciadora Maísa Silva retrata bem um exemplo de “gafe” nas representações de face nas redes sociais, já que a apresentadora fez uma

²⁶ O cancelamento virtual tem como base a ideia de que figuras públicas utilizam-se das redes sociais para promover sua produção. Desse modo, ao cometer uma infração considerada grave, o conteúdo por ela produzido assemelha-se a um serviço mal executado e que deve ser cancelado. São muitos os fatores que podem levar ao cancelamento. Em geral, a pessoa cancelada agiu em oposição aos princípios e valores morais presentes na sociedade.

publicação de marketing para um lançamento de celular da Samsung, mas na descrição do post foi possível perceber que ela tinha usado um celular da Apple. Tal erro a levou para uma perda de face porque, ao fazer uma propaganda para a Samsung, a expectativa era de que ela utilizasse um produto da própria marca, em vez de um concorrente. Ao usar um iPhone, ela acabou dando uma impressão negativa para os fãs da marca Samsung, que poderiam interpretar isso como uma falta de compromisso com a empresa que a contratou para fazer a propaganda. Além disso, a situação gerou uma grande repercussão nas redes sociais, com muitos usuários criticando a apresentadora pela sua escolha.

Esses deslizes cometidos no momento das representações são denominados por Goffman (2011) de rupturas performáticas, são os incidentes cometidos pela falta de entendimento da situação social e as intromissões inapropriadas por parte da plateia no momento da representação. Tais condições podem contribuir para uma perda da face inesperada, por isso, o ator pode optar por esconder determinados elementos pessoais que possam prejudicar na manutenção da face construída.

Entretanto, há também situações em que o sujeito perde o controle de sua face por consequência de atos de ataque intencionais. Embora as normas de interação preguem o respeito à face alheia, os atos de ameaça à face colocam em risco qualquer face proposta, quebrando, conseqüentemente, as normas de interação, por exemplo, falas ofensivas, descrédito e etc. Essas ocorrências acontecem quando há ameaça e dano à face de um dos integrantes da relação, ou seja, “quando há uma ação verbal ou não verbal que vai contra o desejo de legitimação da face de algum dos atores envolvidos” (GOFFMAN, 1967).

Nas redes sociais, tais eventualidades são bastante recorrentes e, por conta da capacidade de armazenamento dos eventos interacionais, os ataques de face são registrados permanentemente e podem retornar a eventuais diálogos. Por isso, pode-se afirmar que os ataques de face cometidos por intermédio das redes acabam sendo potencializados pelas propriedades do mundo virtual, ganhando proporções inimagináveis.

Da mesma forma, a preservação e defesa da face no ciberespaço também apresentam particularidades comparado ao que ocorre quando estamos face a face, pois as interações acontecem com um número alto de participantes, que podem atuar como agentes que contribuem para uma representação ou que intensificam – replicando e comentando – os ataques de outro. Então, nesse ambiente, o sujeito deve fazer o trabalho de face não só para os que dialogam com ele, mas também para uma plateia “invisível” que não necessariamente interage, mas consome os conteúdos que são divulgados na rede.

Dessa forma, os sujeitos podem perder suas faces por virtude de duas condições: pelas rupturas performáticas ou pelos ataques de face alheios. Percebe-se que o primeiro caso depende exclusivamente do ator e suas representações, já o segundo está no domínio dos outros participantes da interação, isto é, mesmo que o indivíduo consiga contornar a situação de confronto e tente salvar a face atacada, este não consegue mensurar os efeitos que tal situação pode provocar, e só a plateia pode determinar se há condição de salvar a face ameaçada.

Goffman (1960) menciona que, além da manutenção do trabalho de face, há situações em que os atores saem do personagem, risco este que coloca a face em perigo. Tais eventualidades são denominadas pelo autor por comunicação imprópria. A comunicação imprópria surge a partir de um equívoco do ator diante de uma interpretação inadequada da situação, é como se o indivíduo se encontrasse fora do personagem de forma proposital ou não. Esta situação é definida como “uma posição na qual fica claro que nenhum personagem representado pode ser sustentado²⁷”. (GOFFMAN, 1960, p. 169).

O autor menciona que existem quatro momentos em que pode ocorrer o caso de uma comunicação imprópria: o primeiro é o que o autor chama de tratamento dos ausentes, isto é, quando os membros de uma equipe, estando na ausência de outros, referem-se a eles de modo diferente com a conduta apresentada face a face; o segundo diz respeito à conversa de palco, que é quando o ator prepara, sem a presença da plateia, os detalhes de uma representação, o posicionamento dos atores ou quando o sujeito pressupõe possíveis reações do público, pensando antecipadamente como poderia lidar com os imprevistos. O terceiro momento é o chamado de conluio da equipe, são situações em que um membro consegue transmitir uma comunicação imprópria sem que os outros percebam tal desvio de papel; o quarto se refere às ações de realinhamento, são comunicações impróprias ouvidas pela plateia, mas que não ameaçam nem a integridade das equipes, nem a distância social entre elas. Todas essas comunicações impróprias, quando mal direcionadas, podem levar facilmente a perda de face.

Por razão das demandas do estudo sobre as estratégias de preservação e ataque de face, abordaremos a partir desta etapa da seção como as regras de condutas podem nortear determinadas representações, gerando o que autor chama de rituais na interação.

Goffman (2011) afirma que as sociedades apresentam regras de conduta, ou seja, guias de ações recomendadas não por serem agradáveis e eficientes, mas porque se fazem apropriadas e justas.

²⁷ A position in which it is patent that no performed character can be sustained (GOFFMAN, 1960, p. 169)

As infrações caracteristicamente levam a sentimentos de desconforto e a sanções sociais negativas. As regras de conduta impregnam todas as áreas de atividade e são mantidas pelo nome e honra de quase tudo. (GOFFMAN, 2011, p. 53)

O autor menciona que a ligação do indivíduo com as regras leva a uma constância e padronização do comportamento, sendo muito importante para as atividades humanas, ainda que estas não sejam a única fonte de regularidade. Goffman (2011) explica que as regras de condutas podem influenciar os indivíduos de duas maneiras gerais: diretamente, como obrigações, estabelecendo como ele é moralmente coagido a se conduzir; indiretamente, como expectativas, estabelecendo como os outros são moralmente forçados a agir em relação a ele. Um presidente, por exemplo, possui certa obrigação de seguir as recomendações de seus ministros para conseguir cumprir seu cargo; por outro lado, ele tem a expectativa de que estes ministros cooperem e aceitem sua forma de governar de maneira flexível, permitindo que ele realize seu trabalho. Essa flexibilidade, por sua vez, pode ser vista como uma obrigação dos escolhidos pelo presidente, já que o chefe mais importante de uma nação confiou, no período de seu mandato, a administração de seus ministérios a eles.

A maioria das ações guiadas por regras de conduta são realizadas sem pensar, e o ator quando questionado diz que realiza tais ações sem um motivo específico. No entanto, é apenas quando suas rotinas são bloqueadas que ele poderá descobrir que suas "ações" neutras são o tempo todo consistentes com as propriedades de seu grupo e que seu fracasso ao realizá-las pode se tornar uma questão de vergonha e humilhação. Da mesma forma, ele pode considerar suas expectativas quanto aos outros tão evidentes que é apenas quando as coisas dão inesperadamente erradas que ele repentinamente descobrirá que tem motivos para indignação.

De modo geral, quando uma regra de conduta é quebrada, descobrimos que dois indivíduos correm o risco de se tornarem desacreditados: um com uma obrigação, quem deveria ter sido governado pela regra; o outro com uma expectativa, quem deveria ter sido tratado de uma forma particular por causa desse poder de governar. Nestes casos, tanto o ator quanto o receptor são ameaçados.

Goffman (2011) menciona também que as regras de conduta transformam a ação ou a falta de ação em uma comunicação, pois elas representam uma forma pela qual as faces são confirmadas - tanto a face para quem a regra é uma obrigação quanto aquela para quem é uma expectativa. Uma atitude que está sujeita a regras de conduta, mas que não se conforma a elas,

também é uma comunicação - muitas vezes ainda mais - pois infrações geram notícias, muitas vezes de forma a deslegitimar as faces dos participantes.

As regras de conduta transformam a ação e a inação em expressão, e é provável que algo significativo seja comunicado, independente de se o indivíduo segue as regras ou as quebra. (GOFFMAN, 2011. p.55)

Para ilustrar a reflexão do autor, podemos tomar como exemplo o contexto das redes sociais, em que os influenciadores digitais muitas vezes buscam a atenção das páginas de fofoca para comentar sobre suas atividades sociais. Quando essas páginas cumprem esse papel, divulgando ações positivas ou negativas dos influenciadores, é transmitida a mensagem de que essa pessoa está em destaque, gerando engajamento e visibilidade para o influenciador. No entanto, quando as páginas de fofoca optam por não divulgar o nome de um influenciador, isso automaticamente sugere que ele não merece espaço ou não está em evidência. Seja divulgando ou não uma polêmica sobre um influenciador, as páginas de fofoca tendem a comunicar algo importante para suas audiências.

Ao lidar com regras de conduta, Goffman (2011) as distingue em duas classes: as simétricas e as assimétricas. As regras simétricas estabelecem obrigações ou expectativas mútuas entre os indivíduos, como a proibição universal de roubar. Essas regras são comuns e fazem parte da ordem pública. Por outro lado, as regras assimétricas levam os outros a tratarem um indivíduo de forma diferente daquela com que ele os trata. Um exemplo disso é o ritual em que um filho pede benção para sua mãe como sinal de respeito, mas a mãe não retribui tal gesto em relação ao filho.

Dentro dessa concepção, há as regras substantivas e cerimoniais. Para o autor, as regras substantivas orientam a conduta em relação a questões consideradas significativas em si mesmas, como por exemplo, a regra que impede o roubo. Essas regras são principalmente destinadas a proteger a propriedade dos outros, mas também protegem a imagem que eles têm de si mesmos como pessoas com direitos de propriedade. Já as regras cerimoniais orientam a conduta em questões consideradas de importância secundária e são um meio convencionalizado de comunicação através do qual o indivíduo expressa seu caráter ou transmite sua apreciação aos outros participantes na situação, como quando alguém cede o assento para uma dama desconhecida em um meio de transporte.

Em todas as sociedades as regras de conduta tendem a ser organizadas em códigos que garantem que todos ajam apropriadamente e recebam o que merecem. Em nossa sociedade, o código que governa regras substantivas e expressões substantivas

compreende nossa lei, moralidade e ética, e o código que governa regras cerimoniais e expressões cerimoniais é incorporado naquilo que chamamos de etiqueta. (GOFFMAN, 2011, p. 59)

Um exemplo de regra cerimonial nas redes seria a etiqueta de comentários em publicações nas redes sociais. Existem expectativas sociais de que os comentários sejam educados e relevantes para a postagem, além de evitar ofensas ou discursos de ódio. Mesmo que não haja uma regra formal para isso, é esperado que os usuários sigam essas convenções para manter uma boa reputação online e evitar críticas ou punições por parte da comunidade virtual. Outro exemplo seria a prática de dar parabéns para amigos nas redes sociais em datas de aniversário, casamento ou outras ocasiões importantes, mesmo que essa interação seja superficial e tenha pouca influência no mundo físico.

Evidencia-se, portanto, que as regras de condutas influenciam na forma como os sujeitos formulam suas representações, adicionando valor social às faces, que seguem as regras substantivas ou cerimoniais de cada comunidade. Mesmo que o indivíduo ou um grupo se abstenha de seguir as regras, estes acabam comunicando algo também e, conseqüentemente, colocam suas faces em risco diante da plateia que os avaliam. Assim, constrói-se o que entendemos como “decoros” de cargos, isto é, a sociedade acaba vinculando determinadas regras de condutas a cargos sociais, e isto implica aos sujeitos moldarem suas faces a esses padrões já pré-estabelecidos como forma de reconhecimento e aceitação social, por exemplo, a conduta do cargo de um juiz, um mestre, um padre, um rei, um presidente, etc. Quando não há uma coerência entre as regras de condutas desses cargos com a face construída pelo ator na interação, cria-se uma quebra na expectativa na plateia.

Diante do que foi apresentado, fica evidente que não há como refletir sobre as interações sociais sem pensar nas representações que construímos para tais situações. Os estudos sobre a condição do sujeito diante das relações influenciam consideravelmente o campo da linguagem, principalmente ao que se refere à teoria sociointeracional. Os discursos devem ser analisados diante de contextos interacionais reais, com um olhar crítico às performances que os participantes levam para a comunicação.

Este trabalho, como mencionado anteriormente, irá desenvolver a análise de uma interação que envolve falas e escritas gravadas e divulgadas virtualmente e que podem ser acessadas em qualquer tempo e lugar, por isso, optamos por avaliar tal evento a partir das concepções de Goffman para entendermos como os processos interacionais podem apresentar sentidos que justificam determinadas posturas e escolhas interacionais.

Na próxima seção, abordaremos o discurso conflituoso a partir do gênero live stream. Discutiremos as questões do fenômeno da impolidez e da violência verbal, que tem se tornado cada vez mais comum nas plataformas digitais. Veremos como essas atitudes agressivas impactam o ambiente virtual e como podem afetar profundamente os indivíduos envolvidos, principalmente no que tange a esfera comunicativa do país.

3 CONFLITOS INTERACIONAIS: UMA PERSPECTIVA PRAGMÁTICA SOBRE OS COMPORTAMENTOS NÃO COOPERATIVOS NA COMUNICAÇÃO

Na concepção pragmática e discursiva da linguagem, é preciso levar em consideração o contexto, os interactantes e as intenções discursivas, como modo de compreender que regras sociais moldam as interações. Também se faz necessário investigar as forças ilocucionárias dos atos de fala utilizados que podem determinar os significados dos usos linguísticos empregados na dinâmica das circunstâncias, ou seja, a realidade que os discursos se manifestam.

De acordo com Oliveira (2010), a pragmática está instaurada no universo sócio-semiótico da linguagem e reflete, conforme queremos apresentar nesta pesquisa, “a dinâmica do comportamento comunicativo social dos seres humanos” (OLIVEIRA, 2010, p. 81). Assim, a pragmática é responsável por refletir visões de mundo, escolhas e restrições linguísticas adaptadas ou adaptáveis aos micro ou macro contextos socioculturais. Para Jacob Mey (2014, p.168), “basicamente, a pragmática olha sempre para a voz a partir do modo como ela é societalmente produzida, condicionada, moldada, estruturada”.

Dessa forma, ainda que os falantes se encontrem diante de contextos mais rígidos, com regras interacionais pré-determinadas, os aspectos das experiências individuais dos sujeitos atravessam os seus discursos, podendo “transgredir” as restrições normativas institucionais. Isso nos faz pensar que, mesmo diante das formalidades das interações, não há como prever e controlar totalmente uma situação comunicativa, pois cada contexto é único e moldado de acordo com seus participantes e a dinâmica dos encontros.

Esta seção está dividida em quatro subseções que integram um recorte teórico sobre os estudos da impolidez (Culpeper, 2011; 2022) (Barreto e Filho e Barros 2021), e da violência verbal (Butler 2020), (Silva 2017, 2019) (Silva e Alencar 2013), uma vez que o objeto da pesquisa concentra-se em uma interlocução do ex-presidente JB para uma audiência (plateia) presumida, para a qual ele se dirige, tecendo comentários que contrariam as regras sociais de boa convivência e conduta. Ainda que tais regras não devam ser tomadas como secundárias ou à margem das interações humanas, já que os desencontros também fazem parte das regras (OLIVIERA, 2020), objetiva-se compreender a insistência do ex-presidente em manter um tom de disputa e ataque a pessoas e instituições midiáticas que teriam por princípio garantir jornalismo independente, o fortalecimento da democracia e a defesa da liberdade de expressão, garantidos pelo artigo 5º da Constituição Brasileira de 1988.

3.1 Os princípios da polidez: o marco inicial para o estudo da impolidez

A fase inicial dos estudos sobre polidez é marcada pelas abordagens que surgiram e se consolidaram nas últimas quatro décadas, sendo responsáveis pelo estabelecimento do campo teórico dessas investigações. Essas abordagens pioneiras emergiram nas décadas de 1970 e 1980, com nomes proeminentes como Brown e Levinson (1978, 1987), Lakoff (1973) e Leech (1983). Nessa primeira fase, as formulações teóricas sobre a polidez foram influenciadas pela teoria dos atos de fala, inicialmente proposta por Austin (1962) e posteriormente desenvolvida por Searle (1965, 1968, 1995), assim como pela teoria das implicaturas de Grice (1975).

A teoria da polidez de Brown e Levinson (1987) foi um marco importante nessa área de estudo sobre as relações sociais. Eles desenvolveram um modelo que explora a polidez como uma estratégia comunicativa utilizada para preservar a harmonia nas interações sociais, equilibrando a expressão dos desejos individuais com a manutenção das relações interpessoais. Esse modelo propõe duas faces da polidez: a positiva, relacionada à busca pela aceitação e aprovação do interlocutor; e a negativa, relacionada ao respeito à sua autonomia e espaço pessoal.

Outro conceito-chave para a compreensão da polidez é a noção de "face" de Goffman (1967), que se refere à imagem pública que cada indivíduo deseja ser reconhecido e preservar durante a interação social. A ameaça ou ataque a essa face pode levar a comportamentos que rompam com os princípios da polidez²⁸.

Neste estágio inicial da teoria da polidez, pouco se refletia sobre a impolidez, uma vez que as primeiras investigações se concentravam em princípios racionais de relacionamentos humanos baseados na cooperação e em estratégias utilizadas para amenizar o grau de agressividade dos atos de fala, tanto nas faces positivas quanto nas negativas dos interlocutores.

Uma das lacunas deixadas por esses estudos se refere ao estudo sistemático das estratégias que utilizamos para, diferentemente das anteriores, intensificar o grau de agressividade dos FTAs²⁹. (CUNHA E OLIVEIRA, 2020, p. 148)

²⁸ Vale ressaltar que os autores Brown e Levinson (1987) se inspiraram na teoria da elaboração da face social de Goffman (1967) para desenvolver uma análise das estratégias de polidez, mas o próprio Goffman não menciona a polidez particularmente em suas obras.

²⁹ Os Face-Threatening Acts são atos de fala que podem ser percebidos como ameaçadores ou ofensivos à "face" de um indivíduo, colocando em risco sua autoestima ou a imagem que ele deseja projetar para os outros.

Brown e Levinson (1987) colocam em destaque, por meio de suas obras, as temáticas relacionadas à harmonia nas interações comunicativas. Segundo eles, os participantes da comunicação tendem a evitar desentendimentos e a promover a concordância. No entanto, é importante notar que em certos momentos e contextos, os interlocutores podem inadvertidamente ou intencionalmente comprometer não apenas sua própria imagem social, mas também a da outra pessoa.

Exemplos claros de ameaças à imagem social incluem o uso de insultos e a aplicação de ironia. Estes comportamentos podem resultar em situações de conflito e tensão. É assim que surgem situações nas quais os estudiosos direcionam seus esforços de pesquisa para analisar fenômenos de impolidez. Um pesquisador notável nesse campo é o Culpeper (1996-2011).

Assim, pode-se afirmar que quando ocorrem falhas na comunicação e na aplicação das regras de convívio, a imagem (ou "face") do outro pode ser ameaçada. No entanto, é importante ressaltar que essas situações não podem ser imediatamente classificadas como atos de impolidez, pois o comportamento ofensivo ou malicioso pode não ter sido intencional. A verdadeira impolidez, por sua vez, envolve ações e comportamentos que são adotados com o objetivo expresso de desrespeitar, ofender ou desvalorizar a outra pessoa. É um ato consciente de rompimento das normas de cortesia e educação, com a intenção de causar desconforto ou hostilidade.

De acordo com Cunha e Oliveira (2020), a crítica às abordagens tradicionais desempenha um papel fundamental na motivação em busca de uma compreensão mais específica ao fenômeno da impolidez. Esses pesquisadores procuram investigar, entre outras questões, o impacto dos status ou papéis sociais na seleção das estratégias de impolidez/polidez, o papel dessas estratégias na própria definição desses status, a natureza que formula muitas dessas estratégias, bem como o impacto das instituições sociais (como escola, mídia, exército, religião, comércio) na criação e incorporação das estratégias de impolidez/polidez como parte do habitus, na acepção de Bourdieu (2006[1979])

Compreender a polidez é essencial para reconhecer e avaliar a impolidez, pois ambas as práticas estão interconectadas e dependem do contexto cultural e social em que ocorrem. O estudo dessas estratégias nos permite identificar como as pessoas adaptam seu comportamento linguístico com base em fatores como hierarquia social, poder, relações interpessoais e expectativas culturais. Uma contribuição importante nesse campo é a obra de Culpeper (2011), que ampliou significativamente nosso entendimento sobre a impolidez. Ao investigar como certos atos de fala podem ser interpretados como desrespeitosos em diferentes contextos

culturais, Culpeper (2011) destacou que os sujeitos podem usar a linguagem com o princípio de ferir, atacar e denigrir intencionalmente a imagem do outro, isto é, nem sempre o falante está disposto a cooperar com contratos sociais estabelecidos. Em algumas situações, a linguagem é empregada para romper a harmonia interativa e provocar relações violentas. Neste sentido, a próxima seção se aprofundará na teoria da impolidez postulada por Culpeper (2011), buscando compreender mais detalhadamente esses mecanismos comunicativos e suas implicações nas relações humanas.

3.2 A quebra das normas sociais: explorando o fenômeno da impolidez na comunicação humana

Para Culpeper (2011, p.22), a impolidez está estreitamente vinculada à perspectiva do observador, uma vez que depende da forma como essa pessoa interpreta o que é dito e feito, bem como do modo se relaciona com o contexto em questão. Nesse contexto, o autor traça uma definição para impolidez, afirmando que este fenômeno trata-se de uma atitude negativa em relação a comportamentos específicos que surgem em contextos específicos. Essa atitude é fundamentada em expectativas, desejos e/ou crenças sobre a organização social, especialmente no que diz respeito à maneira como as identidades de uma pessoa ou grupo são influenciadas por outros durante a interação.

Comportamentos situacionais são vistos de forma negativa - considerados "impolidos" - quando entram em conflito com as expectativas, desejos e/ou crenças sobre como deveriam ser. Tais comportamentos sempre têm ou são presumidos de ter consequências emocionais para pelo menos um dos participantes, isto é, eles causam ou se presume que causem ofensa. Vários fatores podem agravar o quão ofensivo é considerado um comportamento impolido, incluindo, por exemplo, se alguém entende que um comportamento é fortemente intencional ou não.³⁰ (CULPEPER, 2011, p. 23)

Segundo as suas perspectivas, a impolidez ocorre em situações em que a balança entre custos e benefícios muitas vezes sugere uma escolha "irracional", especialmente quando os indivíduos estão imersos em emoções de ódio, raiva ou frustração. Uma observação

³⁰ Situated behaviours are viewed negatively – considered ‘impolite’ – when they conflict with how one expects them to be, how one wants them to be and/or how one thinks they ought to be. Such behaviours always have or are presumed to have emotional consequences for at least one participant, that is, they cause or are presumed to cause offence. Various factors can exacerbate how offensive an impolite behaviour is taken to be, including for example whether one understands a behaviour to be strongly intentional or not

relevante feita por Culpeper é que expressar impolidez pode resultar, dependendo do contexto, na caracterização do falante como rude ou impolido, o que pode prejudicar sua imagem social³¹.

O autor também destaca que os padrões comportamentais podem evoluir para normas sociais, uma vez que comportamentos constantes podem se transformar em expectativas compartilhadas pelas pessoas, tornando-se hábitos. Essas expectativas fornecem uma sensação de certeza e segurança, conferindo-lhes um valor significativo. Ao examinarmos a relação entre violações de expectativas, torna-se evidente que os desvios dessas expectativas são geralmente considerados negativos. A transgressão das normas sociais de comportamento resulta na atribuição de imodéstia, e é nesse contexto que a impolidez pode surgir como uma forma de tais transgressões. Como consequência, o indivíduo que percebe o comportamento do outro como rude devido à violação dessas normas sociais acaba sentindo que sua própria imagem foi ofendida.

Conforme Culpeper (2011, p. 198) constata, os casos de impolidez tendem a ser mais notáveis do que os casos de polidez. Isso se deve ao fato de que a polidez, por ser consistente com as normas, pode passar despercebida, enquanto informações que contradizem ou são incongruentes exigem um esforço cognitivo maior para serem processadas. Essas informações causam um impacto cognitivo mais significativo e, portanto, são mais facilmente lembradas. O autor também ressalta que, se alguém estiver imerso em um contexto onde a impolidez é comum, a pessoa pode ser considerada apenas levemente impolida em relação a esse evento específico.

Pensamos em um exemplo que ilustrasse como a impolidez, por se destacar como uma transgressão das expectativas, pode se tornar mais evidente e memorável do que as interações polidas que seguem as normas estabelecidas: imagine uma situação em que um grupo de colegas está discutindo um projeto de trabalho. A maioria das pessoas na reunião está contribuindo de forma educada e respeitosa, seguindo as normas sociais de polidez, o que passa quase despercebido. No entanto, um dos colegas faz um comentário agressivo e desrespeitoso sobre as ideias de outro participante, violando as expectativas de comunicação cooperativa. Esse ato de impolidez se destaca e chama a atenção de todos os presentes, causando um impacto cognitivo mais forte e sendo facilmente lembrado. Agora, considere que esse tipo de comportamento é recorrente em um ambiente de trabalho onde a impolidez é tolerada ou até mesmo comum. Nesse contexto, o mesmo comentário agressivo não seria tão

³¹ Conceito atribuído à teoria de Goffman (1964)

notado, pois estaria de acordo com as normas sociais estabelecidas. Assim, essa pessoa pode ser percebida apenas como levemente impolida em relação a outros eventos similares nesse ambiente específico.

Ao considerar que a face é composta por atributos positivos³², Culpeper (2011) também enfatiza que esses atributos são avaliados de forma variada por diferentes pessoas, dependendo das normas e valores culturais distintos. O ponto crucial é que comportamentos impolidos podem estar associados a valores positivos e podem ser convenientes para os participantes, sejam eles homens ou mulheres, ao projetarem uma identidade que reivindica uma determinada imagem de face. Algumas ideologias de grupos sociais podem legitimar como valores positivos aquilo que outros podem considerar negativo. Dessa forma, os indivíduos podem projetar uma face que é considerada positiva para si mesmos, mas não necessariamente para outros.

Essa reflexão nos leva a considerar que as ações impolidas podem surgir não apenas devido à falta de controle emocional em certos contextos que levam à perda de face. Ela pode ocorrer de forma intencional, impulsionada pela percepção de valores positivos associados a uma determinada imagem de face do indivíduo, mesmo que isso implique infringir os contratos sociais.

Por exemplo, um homem pode agir de forma grosseira e impolida por acreditar que estes comportamentos estão relacionados a uma face positiva baseada em uma cultura de hierarquia profissional. Um chefe arrogante pode adotar comportamentos impolidos, como interromper constantemente seus subordinados durante reuniões, menosprezar suas ideias ou ignorar suas contribuições. Essas atitudes são motivadas pela crença de que agir de maneira rude é uma forma de demonstrar autoridade e estabelecer uma hierarquia clara. Embora tais comportamentos possam gerar impactos negativos nas relações de trabalho e na moral da equipe, o indivíduo que os adota pode considerá-los como uma estratégia eficaz para afirmar seu status e exercer controle sobre os outros.

Quando refletimos sobre como os indivíduos expressam ações impolidas por meio da linguagem, nos deparamos com a questão de quando é possível considerar um discurso como impolido ou não. Para compreender a linguagem utilizada para romper as normas sociais, é essencial pensar na impolidez como um fenômeno que surge a partir do uso da

³² A noção de "face" (Goffman, 1967) refere-se à imagem pública ou identidade social que as pessoas buscam manter e proteger durante as interações sociais. A face é composta por atributos positivos, pois está relacionada à reputação, ao prestígio e à autoestima de um indivíduo dentro de uma comunidade ou grupo social. Quando uma pessoa interage com os outros, ela está constantemente preocupada em manter sua face intacta, ou seja, preservar uma imagem positiva de si mesma perante os outros.

linguagem, cujos significados são potencializados durante a interação em curso. Barreto Filho e Barros (2021, p.137) destacam que a impolidez não é meramente construída por escolhas lexicais e construções sintático-semânticas que tradicionalmente são vistas como impolidas. Ou seja, não é simplesmente o uso de palavras ou expressões ofensivas que é considerado como atos do tipo violento ou impolido, mas sim a forma como estes termos serão avaliados pelos participantes da interação diante dos critérios estabelecidos pelo contexto interacional.

Alguns itens lexicais podem ganhar valor impolido em alguns grupos sociais ao passo que em outros esse valor é perdido. Os xingamentos e palavrões podem ser avaliados, por exemplo, como um indício de intimidade na interação entre amigos, ao passo que podem ser vistos como grosseiros na relação entre desconhecidos. O que poderá nos fazer perceber a impolidez é, na verdade, a análise de contextos situados de interação. (BARRETO FILHO E BARROS, 2021 p. 138)

Portanto, ao analisar um discurso impolido, é fundamental considerar as condições específicas e os contextos situados em que ele ocorre. Em relação à questão do contexto, Barreto Filho (2019) destaca que ele não é preestabelecido, mas sim resulta da co-construção que os falantes realizam durante a interação, isto é, o contexto é um elemento dinâmico que surge da interação entre os participantes de uma conversa. Durante a interação, os falantes estão constantemente contribuindo para a construção e compreensão do contexto, mesmo que de forma inconsciente ou não notada por eles mesmos. No caso de uma situação de conflito, os sujeitos não informam quando irão começar uma briga ou discussão. No entanto, há elementos verbais – e não verbais- que nos levam a entender que se trata de uma relação hostilizada. No que se refere ao discurso, uma das formas de identificar a agressividade da enunciação é a partir da força ilocucional dos atos de fala depreendida e compreendida como reclamação, ofensa, insulto, injúria etc.

Barreto e Filho e Barros (2021) explicam que a interpretação de uma fala como impolida ou não, como um insulto ou uma brincadeira, não pode ser feita isoladamente, mas precisa considerar o ambiente e as circunstâncias em que a comunicação ocorre. Para identificar situações de impolidez, o analista precisa observar as reações visíveis dos participantes envolvidos na interação. Essas reações podem incluir expressões faciais, tom de voz, gestos e outras manifestações não verbais que revelam as emoções e a percepção das palavras ditas. A análise das pistas contextuais relacionadas à impolidez é fundamental para entender se determinada fala foi feita com intenção ofensiva ou em tom de brincadeira, pois

algumas palavras ou expressões podem ser interpretadas de maneiras diferentes dependendo do contexto em que são utilizadas.³³

Assim, para que seja possível analisar uma interação impolida, é preciso considerar pelo menos três aspectos fundamentais definidos por Culpeper e Hardaker (2017).

1. **Texto:** Refere-se à própria mensagem ou fala em questão. A análise do texto permite entender o significado das palavras utilizadas e a estrutura da frase, buscando identificar elementos que possam indicar impolidez.
2. **Co-texto:** Representa a porção maior do texto que circunda a mensagem em análise. O co-texto oferece informações adicionais que podem ser relevantes para uma interpretação mais precisa da impolidez, permitindo compreender melhor o contexto imediato.
3. **Contexto:** Refere-se ao cenário mais amplo em que a comunicação ocorre. Neste nível, são revelados sentidos implícitos e pressupostos que não estão explícitos na superfície do texto e do co-texto. Aspectos relacionados ao horizonte social mais amplo, como relações de poder, ideologias e identidades, também fazem parte do contexto e podem influenciar a interpretação da impolidez.

Culpeper (2011, p. 135-6) observa que é possível pensar em formas convencionalizadas de impolidez, que se caracterizam como estruturas linguísticas comumente usadas para causar ofensas. Com isso, o autor desenvolve fórmulas convencionalizadas de impolidez, a partir de construções sintático-semânticas e escolhas lexicais normalmente associadas à impolidez, em função da sua regularidade em interações impolidas.

Barreto Filho e Barros (2021) enfatizam que as fórmulas convencionalizadas de impolidez não são categorias linguístico-discursivas predefinidas na teoria e aplicadas posteriormente à prática. Em vez disso, essas fórmulas são o resultado de um trabalho de análise extensiva de dados reais, obtidos a partir de observações e investigações detalhadas sobre interações impolidas. Essa abordagem difere da ideia de categorias preconcebidas, pois é construída de forma mais empírica e baseada em evidências concretas. Em vez de criar rótulos ou classificações abstratas para situações impolidas, Culpeper (2011) identificou padrões recorrentes de construções sintático-semânticas e escolhas lexicais utilizadas em contextos impolidos reais.

³³ Vale destacar que, mesmo nosso dado se tratando de um vídeo, no qual é possível visualizar expressões faciais que reforçam ações impolidas, nos restringiremos a observar apenas a impolidez verbal expressada nas interações.

No entanto, apesar de serem indicativas de impolidez, essas fórmulas não são infalíveis, já que a impolidez não é um conceito absoluto e imutável; em vez disso, é altamente influenciada pelo contexto em que ocorre. O mesmo conjunto de palavras ou construções que pode ser interpretado como impolidez em um contexto específico pode ser considerado como uma piada amigável em outro contexto.

Em vista das necessidades de análise deste trabalho, que visa evidenciar e categorizar expressões que demonstram estratégias de impolidez à imprensa brasileira, apresentaremos, a seguir, na tabela 3, as fórmulas convencionais de impolidez de Culpeper (2011, p. 135-6):³⁴

Tabela 3: As fórmulas convencionais de impolidez de Culpeper

Fórmulas convencionais de impolidez	Exemplo
Insultos - Vocativos negativos personalizados	Maldito/ sujo/ Seu filho da puta; perdedor
Insultos - Afirmações negativas personalizadas	Você é um merda; fedor; burro; estúpido; vadia; decepção; Você não consegue fazer nada certo
Insultos - Referências negativas personalizadas	No seu cu
Insultos - Referências negativas personalizadas para uma terceira pessoa (em presença do alvo)	Ela está maluca
Críticas/apontamentos incisivos	Isso aqui é extraordinariamente horrível
Perguntas e/ou pressupostos desagradáveis	Por que você torna minha vida impossível?; Qual mentira você está me contando?
Soberba	Isso está sendo infantil
Reforços de mensagem	Escute aqui; Você entendeu?
Despedidas/demissões	Vá embora; Suma daqui
Silenciadores	Cale-se, porra
Ameaças	Eu vou te arrebentar a cara; Nós vamos arrancar sua maldita cabeça

³⁴ Retirado e traduzido de Culpeper (2011, p. 135-136) – tradução própria

Expressões negativas (por exemplo, maldições, desejos ruins)	Vá para o inferno; Enforque-se
--	-----------------------------------

FONTE: Impoliteness Using Language to Cause Offence, 2011, p. 135

Este quadro foi elaborado por Culpeper (2011) com base em dados da língua inglesa, principalmente o inglês britânico. No entanto, essas fórmulas convencionalizadas de impolidez podem servir como inspiração para análises em interações virtuais conflituosas na língua portuguesa, como será demonstrado nas análises realizadas neste trabalho. Na próxima etapa, serão destacadas as três funções da impolidez sistematizadas por Culpeper (2011), a fim de revelar os potenciais propósitos que um indivíduo pode ter ao utilizar um discurso impolido.

3.3 As categorias da Impolidez: funções e estratégias de comunicação ofensiva

Cunha e Oliveira (2020) apresentam de forma bem sintetizada acerca das categorias propostas por Culpeper (2011) para sistematizar as funções das estratégias de impolidez, sendo elas:

- i) impolidez afetiva, no qual o ofensor expressa de maneira irrestrita suas emoções de raiva, ódio ou cólera em contextos onde essa expressão não é esperada e com o fim de revelar que o alvo de seu ataque é a causa de seu estado emocional; ii) impolidez coerciva: o ofensor busca um realinhamento de valores para se beneficiar ou ter seus atuais benefícios reforçados ou protegidos e, por isso, envolve ação coerciva que não é do interesse do alvo do ataque; iii) a impolidez para entretenimento: o ofensor transforma o interlocutor em alvo de críticas, chacotas e deboches, com o objetivo de divertir um terceiro". (CUNHA E OLIVEIRA, 2020, p. 151)

Dadas as circunstâncias desta pesquisa, consideramos de extrema importância aprofundar a análise das três funções da impolidez identificadas no estudo de Culpeper (2011). Um dos nossos objetivos é entender e interpretar as estratégias que o ex-presidente utiliza em suas interações com a imprensa. Essa abordagem nos permitirá investigar se os ataques podem ser enquadrados em uma perspectiva emotiva, coercitiva ou mesmo com finalidades de entretenimento. Nesse sentido, a partir deste ponto, procederemos com uma exploração mais detalhada dos princípios que definem cada uma dessas categorias.

Culpeper (2011, p.50) destaca questão da intencionalidade e das emoções para os estudos da impolidez. Para o autor, o que realmente determina se uma comunicação é considerada impolida ou não são as percepções dos interlocutores em relação às intenções dos comunicadores, em vez das intenções reais por trás das palavras. Logo, a impolidez não é uma característica intrínseca das palavras ou ações em si, mas sim uma construção subjetiva baseada na interpretação do receptor. O mesmo ato comunicativo pode ser percebido como impolido por uma pessoa, enquanto outra pode interpretá-lo de forma diferente, como sendo apenas uma piada ou um comentário inofensivo.

As emoções também desempenham um papel significativo na impolidez. Quando alguém se sente ofendido ou magoado por uma mensagem, é mais provável que a considere impolida, mesmo que o emissor não tivesse a intenção de causar danos. Por outro lado, se a mensagem é interpretada como uma brincadeira ou uma forma de humor, mesmo que possa ser considerada impolida em outras circunstâncias, as emoções envolvidas podem ser diferentes. Essa perspectiva coloca ênfase na importância da compreensão mútua na comunicação. A forma como a mensagem é recebida e interpretada pelos receptores é crucial para determinar se ela será percebida como impolida ou não. Dessa forma, a intenção original do emissor pode ser subjugada pela forma como a mensagem é entendida e como afeta as emoções do receptor.

Ademais, a impolidez evoca sentimentos negativos no interlocutor, como raiva, desprezo e a sensação de ser ridicularizado. Portanto, qualquer modelo de estudo sobre impolidez deve levar em consideração a relação entre linguagem, situações comunicativas, julgamentos e as emoções inerentes a esses processos. É válido destacar como Barreto Filho (2019, p. 154) identifica outros aspectos que Culpeper (2011) define como elementos caracterizadores da impolidez, tais como: a metalinguagem, o co-texto (porções mais abrangentes de texto), os comentários retrospectivos, certas expressões não verbais e as fórmulas convencionalizadas de impolidez.

A impolidez também pode ter a função de provocar uma ação com o objetivo de causar dano a outra pessoa ou forçar a conformidade. Culpeper (2011, p. 226) se refere a esses casos como "ações coercivas". Os atores envolvidos em ações coercivas esperam que o comportamento cause danos ao alvo ou leve à conformidade, e valorizam um desses resultados imediatos. Nesses contextos, a impolidez é utilizada como uma estratégia para exercer controle sobre o outro e buscar um efeito específico, muitas vezes visando à submissão ou à imposição de vontade. Existem diversos valores que podem ser buscados por meio de abordagens coercivas. A motivação por trás da impolidez coerciva é impulsionada

pela percepção de que essas ações podem ser meios eficazes para alcançar determinados objetivos, sendo os valores finais que orientam a escolha entre conformidade ou dano ao alvo.

Um exemplo de impolidez coerciva na política pode ser observado em debates públicos acalorados, nos quais os políticos utilizam táticas de desqualificação, difamação e intimidação para impor suas ideias e silenciar oponentes. Nesses casos, a impolidez é empregada como uma estratégia para desacreditar, humilhar e minar a posição do oponente, buscando forçar a conformidade com a própria visão política. Os políticos podem recorrer a insultos pessoais, interrupções constantes, distorção de informações e ataques verbais agressivos como forma de impor sua narrativa e ganhar vantagem no debate político.

O aspecto interessante dessa definição é que ela abrange não apenas a conformidade comportamental, mas também a imposição de danos sociais, os quais podem levar a benefícios finais vantajosos. De acordo com o autor, a conformidade frequentemente resulta em benefícios imediatos, geralmente de natureza material, enquanto os danos sociais estão mais relacionados a benefícios simbólicos, que podem eventualmente se converter em benefícios materiais no futuro. Essa distinção ressalta a complexidade das motivações por trás da impolidez coerciva, em que as ações podem visar tanto ganhos imediatos quanto vantagens simbólicas em longo prazo. Trata-se de usar a impolidez para reduzir o poder simbólico (Bourdieu 1991) relativo do alvo.

Além da coerção, a impolidez também pode desempenhar a função de entretenimento. Embora esse fenômeno seja caracterizado pelo desconforto e desagradado que causa, a impolidez pode ser direcionada tanto para a audiência que a testemunha quanto para o destinatário original, e essa audiência pode encontrar entretenimento nesse comportamento. Culpeper (2011, p. 234) menciona que a televisão está repleta de programas que atraem audiência através de apresentações com violência explícita.

No entanto, é importante ressaltar que esse fenômeno se amplia de forma ainda mais notória no ambiente virtual, uma vez que as restrições e o controle de conteúdo nesses espaços tendem a ser menos rígidos. Nesse contexto, a impolidez pode ser usada como um recurso para atrair a atenção, criar polêmica e gerar engajamento, mesmo que isso envolva violações de normas sociais e comportamentos agressivos.

O autor aborda alguns motivos de prazer envolvidos na impolidez divertida. Ele destaca (p.234-5) que observar a impolidez cria um estado de excitação no observador, e esse estado de excitação pode ser prazeroso. Além disso, muitas ações impolidas têm elementos de criatividade, especialmente por sua natureza frequentemente competitiva: se alguém é atacado, este responde da mesma forma ou com um ataque superior e para realizar um ataque

superior, são necessárias habilidades criativas. Há também o que Culpeper (2011) chama de prazer “voyeurístico”, isto é, observar as reações das pessoas à impolidez muitas vezes envolve a exposição pública de aspectos privados, especialmente aspectos emocionalmente sensíveis, e isso pode levar ao prazer voyeurístico. Também, o prazer de se sentir superior pode influenciar na impolidez por diversão, já que pode haver prazer autorreflexivo em observar alguém em um estado pior do que o nosso, as teorias de superioridade têm sido usadas para explicar as "vítimas" de piadas.

As reflexões apresentadas são de grande importância para embasar o viés desta pesquisa, uma vez que fornecem justificativas para as interações caracterizadas por discursos impolidos em nossos dados de análise. Vale ressaltar que a impolidez, quando praticada de forma persistente, pode corroer os alicerces de uma sociedade saudável, minando a coesão social e alimentando um ambiente propenso à violência.

Partimos do entendimento de que uma interação agressiva está vinculada à linguagem como forma de ação. Ao afirmarmos que a linguagem pode violar o corpo ou afetar uma estrutura emocional, estamos reconhecendo que ela vai além de ser uma mera representação de eventos ou situações no mundo, transformando-se em uma forma de agir, podendo, nesse contexto, ser considerada violenta. Por isso, na próxima etapa, evidenciaremos como os atos de fala violentos operam ao restabelecer e atualizar, com maior ou menor sucesso, contextos prévios de violência. Além de enfatizar como essas ações violentas podem ser normalizadas, mesmo que envolvam violações da ordem moral tradicional.

3.4 A força ilocucional dos atos de fala: violência verbal e impolidez

De acordo com as considerações de Cabral e Albert (2017, p. 278), as pesquisas sobre impolidez e violência verbal concentram-se na análise dos mecanismos subjacentes à transgressão moral e social, os quais sistematicamente levam à desvalorização do outro. Nesse contexto, a investigação de atos impolidos e, conseqüentemente, violentos se torna crucial para entender os padrões de comportamento e as estratégias discursivas empregadas para diminuir, humilhar ou atacar outros indivíduos.

A impolidez, conforme definida por Culpeper (2011, p.23), refere-se a uma atitude negativa em relação a comportamentos específicos que ocorrem em contextos particulares.

Esse fenômeno, acrescentam Cabral e Lima (2018), tem a ver com a utilização de uma expressão em um contexto no qual ela não seria convencional, o que provoca um desconforto no interlocutor, que se sente agredido, sem que nenhuma intenção de agressão seja atribuída ao locutor pelo interlocutor. Dessa forma, podemos considerar que um comportamento representando a violação de uma norma social evoca sempre avaliações negativas, que chancelam chamar tal ato de impolido.

Culpeper (2011, p.22) destaca que avaliação de um ato como impolido, como insultuoso ou rude depende do grau de violação, o que tem relação direta com o contexto, implicando o tipo de valor ou de expectativa contra os quais esse comportamento inapropriado vão contra. No entanto, o autor também explica que, apesar de alguns comportamentos verbais serem tipicamente impolidos, eles não serão sempre impolidos, a análise dependerá da situação.

Já a violência verbal vai além da ação de romper com o andamento das regras sociais estipuladas por uma dada comunidade, pois se baseia na possibilidade de destruição da identidade do sujeito e de sua própria significação no mundo. Conforme expresso por Silva e Alencar, “a violência da linguagem, provavelmente devido à natureza destruidora da própria violência em si, oblitera precisamente a orientação contextual e corpórea em que baseamos nossa prática comunicativa.”. (2013, p. 136). Portanto, pode-se afirmar que uma violência pode estar vinculada ou até ser potencializada por uma estratégia impolida, no entanto, é possível perceber que uma gradação entre a impolidez e a violência verbal, sendo esta última podendo ter um potencial (visivelmente) mais agressor.

Judith Butler (1997) afirma que ser ferido pela fala é sofrer uma perda de contexto, isto é, o sujeito sofre uma desorientação contextual. A violência funciona de forma a retirar o “Outro” de seu contexto e relacioná-lo a uma expropriação de humano, obrigando-o a ocupar um lugar de “não-lugar”.

Segundo Silva e Alencar (2013, p. 134), sustenta-se a perspectiva de que não existem significados desvinculados do contexto de uso. Em outras palavras, o significado - inclusive o sentido literal - resulta da combinação entre a forma linguística e o contexto. Conforme os autores explicam, o significado não reside no "interior" da língua, encapsulado em expressões linguísticas; ao contrário, é algo que "emerge" da interação entre a língua e suas circunstâncias.

A partir dessas constatações, os autores relacionam essas teorias à violência linguística e refletem algumas indagações a respeito dos estudos linguísticos: como é possível atribuir peso aos significados das palavras que ferem e ofendem se estes não são imanentes à língua e

dependem do contexto? Ou, em que proporção o contexto pode influenciar na produção de sentido? Há palavras que poderiam ser mais violentas que outras independentes de suas aplicações no uso? Diante desses levantamentos, abordaremos a partir dessa parte do nosso trabalho a relação da violência com o contexto das interações.

Silva e Alencar (2013) explicam que os contextos de uso não devem ser vistos como cenários isolados de um presente perpétuo, onde dois ou mais indivíduos intencionais interagem. Em vez disso, os contextos são atos históricos e sociais nos quais ocorre a interação entre dois ou mais agentes sociais por meio da linguagem.

O que agentes sociais pronunciam não são propriamente palavras, “carregadas” de significado violento ou não, mas “atos de fala” (Austin, 1962), que funcionam (ou falham) precisamente porque “ecoam ações prévias” (Butler, 1997:51). Esses contextos de uso são tipificados (Bourdieu, 1991) ou ritualizados (Derrida, 1977), evocando poder, afeto e adesão entre os agentes sociais. (Silva e Alencar, 2013, p. 135)

Partindo desse ponto de vista, Silva (2017, 2019) afirma que quando palavras de qualquer natureza são empregadas em uma determinada situação, elas apontam para valores, normas e crenças socioculturais que transcendem aquele contexto interativo específico e remetem à sua própria trajetória de uso. Assim, os significados das violências verbais são construídos não por meio de uma relação direta e unidirecional entre um significado e um símbolo, mas sim de forma cultural, ideológica e historicamente mediada.

Portanto, como explica o autor, a produção de significados violentos vai além do simples uso de palavras com conotações injuriosas ou negativas dentro de um determinado vocabulário. Os mecanismos pelos quais esses significados são gerados estão relacionados à manifestação de contextos comunicativos, sociais e históricos específicos, permeados pela injúria. Através da expressão de determinados atos de fala, esses contextos violentos são ativados e, como resultado, a violência na qual eles foram originados se materializa de maneira repetitiva.

A temporalidade e a direcionalidade da violência linguística são sempre abertas, uma vez que os sentidos produzidos por atos de fala situados sempre se inscrevem “em outras redes de sentidos produzidas por outros atos de fala em outras atividades sociais específicas para além do aqui e do agora em que determinado proferimento se deu” (SILVA, 2019, p. 76)

Silva e Alencar (2013) definem os usos linguísticos violentos como aqueles que difamam, violam ou insultam a dignidade do outro, colocando-o em uma posição vulnerável, especialmente quando se trata de representantes de diferentes raças, gêneros, sexualidades ou

territórios não desejados. Ou seja, quando um indivíduo ou um grupo de pessoas utiliza a linguagem para diminuir, depreciar, desprezar ou condenar um grupo social ou um indivíduo em particular, estão empregando a linguagem de forma violenta, ou seja, estão afetando uma estrutura de afetos que se baseia na linguagem e a partir da linguagem. Esses atos de fala não só repetem, reproduzem, reprisam, ecoam discursos cristalizados na sociedade, eles também atualizam e potencializam as relações de poder e as formas de interpelação subjetiva que carregam consigo, como é o caso, por exemplo, da homofobia e do racismo.

Além do contexto, outro importante princípio para definir discursos violentos é a partir teoria dos atos de fala (Austin, 1964). Quando refletimos sobre violência verbal, pensamos na questão sobre quais são as palavras que ferem e quais as representações que ofendem. No entanto, concentrar-se nesses pontos nos leva à concepção da linguagem como enunciada, explícita e representativa apenas. Pode-se conferir que a injúria linguística não resulta apenas das palavras de “sentido” negativo utilizadas para se referir a alguém: trata-se da força ilocucionária dos atos verbais e seus prováveis efeitos perlocucionários.

Para entender a violência verbal como geradora de ação no mundo, é preciso reconhecer o caráter performativo da linguagem, isto é, analisar o enunciado violento em sua situação de fala total e avaliar a força ilocucionária e perlocucionária dos atos. “O ato de fala ilocucionário é, ele próprio, o feito que dele deriva; o perlocucionário somente leva a certos efeitos que não são a mesma coisa que o ato de fala em si” (BUTLER, 2020, p.14).

Mediante as condições deste trabalho, que assume uma responsabilidade em compreender o discurso violento que ocorre no ambiente virtual, a teoria dos atos de fala, da forma como Austin a formulou na conferência de *How to do things with words* (Austin, 1990 [1962]), tem grande importância em nossas esferas de análise, principalmente no que tange à distinção entre os atos ilocucionário e perlocucionário, ou seja, a distinção entre “o ato de dizer” e “as consequências do ato de dizer”. Uma vez que quando alguém diz alguma coisa, este indivíduo automaticamente está fazendo alguma coisa, o próprio dizer é ou torna-se um tipo de ação, mas esse ato só se torna efetivo se produzir efeitos, e esses efeitos se apoiam em convenções linguísticas e sociais. Como afirma Silva (2019),

Pensar na linguagem como performativa implica compreender os estudos linguísticos como uma ciência social capaz de gerar um discurso que desnaturaliza e confronta as desigualdades, discriminações e violências que se retroalimentam e perpetuam nos significados socialmente construídos e compartilhados (SILVA, 2019, p.60).

Portanto, é necessário reconhecer que certos discursos não apenas carregam significados violentos, mas também possuem a capacidade de efetivamente realizar a violência que expressam, por meio da reiteração de sentidos socialmente convencionados.

Para que um ato de fala possa realizar uma ação violenta é necessário que este esteja ancorado em outros atos de fala que circulam na sociedade, em diferentes espaços e tempos, com a mesma finalidade de ação. Por exemplo, se um falante se referir a uma pessoa negra como girafa, esse ato não teria um impacto violento quanto se a chamasse de macaca, haja vista que a expressão “macaca”, nesta situação de fala, possui uma significação contextual violenta já definida. Então, como bem alerta Silva (2019):

A força ilocucionária dos atos de fala advém do processo de atualização e reestabelecimento de contextos implementados por tais proferimentos, numa dinâmica de interconexão entre recursos semióticos mobilizados nos contextos de interação e sentidos compartilhados/disputados correspondentes. (SILVA, 2019, p. 387)

Como já constatamos, a violência gerada por um ato de fala não decorre de propriedades intrínsecas aos elementos linguísticos. Vale destacar também que a força ilocucionária dos atos de fala violentos não deve ser avaliada em função da intencionalidade do sujeito enunciador. Silva (2019) explica que a força capaz de violentar está na negociação de heranças de significação e não no uso linguístico individual. É claro que não podemos tirar a responsabilidade dos falantes diante do que se fala, mas o movimento de manifestar a violência funciona para entender os atos numa dimensão social ampla. Logo, independente se o indivíduo teve ou não a intenção de ofender alguém, seu ato de fala, que dialoga com outros atos de fala violentos que transitam no espaço-tempo, aciona uma significação violenta já pelo seu efeito de circulação.

Diante das necessidades desta pesquisa, afirmamos a importância de realizar uma reflexão aprofundada sobre os elementos que contribuem para a ocorrência de interações conflituosas. Manifestações hostilizadas têm aumentado significativamente, especialmente no contexto virtual e político, por isso, torna-se imprescindível compreender as formas como esses discursos estão se instaurando e quais são os seus efeitos sociais.

Culpeper, Wodak e Semino (2020, 374), com base na análise de políticos populistas da extrema-direita americana, afirmam que os políticos podem querer ser ofensivos para construir um tipo particular de identidade, que atrairia alguns setores do público, mencionando inclusive que a provocação intencional e a “escandalização” comprem funções políticas importantes, pois essas personalidades acabam ficando em destaque pela mídia, ao mesmo tempo em que desviam a atenção de políticas possivelmente impopulares.

Os autores destacam que assim como a polidez é mantida para alcançar a normalização de valores discriminatórios, já que podem transmitir atitudes autoritárias não por meio de retórica abrasiva, mas sob uma fina camada de maneiras civilizadas e educadas; a incivilidade grosseira, como discursos flagrantemente impolidos – e conseqüentemente violentos-, pode ser usada também para transmitir a naturalização desses valores descaradamente.

Finalizando essa seção, ressaltamos que nossa escolha de análise recaiu sobre a impolidez e as manifestações de violência externadas pelo ex-presidente Jair Messias Bolsonaro durante seu mandato, em destaque nas lives que selecionamos. Observamos que os discursos do político demonstravam falta de decoro, o que se mostrava incoerente ao cargo presidencial que ele ocupava. Nas suas transmissões ao vivo, ele agia de forma a depreciar e vulgarizar seus oponentes, exibindo exaltação e total ausência de constrangimento diante de suas ações agressivas, o que desonravam a dignidade de seu cargo político. Suas declarações atingiram violentamente não apenas a imprensa, mas também as bases democráticas, grupos minoritários e parte da sociedade brasileira que rejeita categoricamente esse cenário nefasto de agressividade. Por essa razão, compreendemos que uma análise aprofundada de seus discursos se torna essencial para compreender o impacto dessas atitudes e suas implicações mais amplas na sociedade.

4 AS FACES EM CENA: ASPÉCTOS INTERACIONAIS DA LIVE DE QUINTA

Neste estágio do estudo, iremos apresentar as análises dos dados gerados, bem como as interpretações que obtivemos, em estreita relação com os pressupostos teóricos discutidos nas seções 1 e 2. Para organizar de forma mais clara, dividimos as análises em três subseções, com a finalidade de interpretar os três excertos da live transmitida no canal do Youtube de Jair Messias Bolsonaro (doravante JB), no dia 24/06/2021, transcrita seguindo o modelo Jefferson (LODER, 2008) de parâmetros para transcrição, conforme descrito na metodologia. Visamos destacar os modos de construção da imagem social do ex-presidente, a partir, fundamentalmente, dos pressupostos goffmanianos, para refletir sobre condutas em lugares públicos em que pesem expectativas e valores como apurmo, honra, deferência e porte, além de avaliar o discurso agressivo e hostil a partir das formulas de impolidez e dos atos de fala que atacam os contratos sociais de forma violenta.

Conforme já mencionado na metodologia, durante a live realizada em 24/06/2021 pelo ex-presidente Jair Bolsonaro, ele apresentou uma lista de temas que se assemelha a uma cronologia dos assuntos abordados por ele. Após a leitura desses tópicos, foram selecionados três deles especificamente para analisar a ocorrência de ataques, pois nesses casos ele menciona diretamente os meios de comunicação. São eles:

- (i) “Folha, estadão, globo, veja, tampas de bueiro, isentões, tetas secas, Chávez e Maduro”;
- (ii) “A metáfora do jacaré e os canalhas da imprensa e da CPI”;
- (iii) “Por que a resistência ao voto auditável?”

A seguir, apresentaremos as análises das seções divididas com base nos três excertos selecionados.

,

4.1 Excerto 1: “Folha, estadão, globo, veja, tampas de bueiro, isentões, tetas secas, Chávez e Maduro” -

Conforme mencionado por Goffman (2011, p.18), quando uma pessoa se encontra em uma situação em que precisa preservar sua face, ela assume a responsabilidade de monitorar cuidadosamente o desenrolar dos eventos ao seu redor. Portanto, é necessário garantir a

manutenção de uma ordem expressiva específica - uma ordem que regula o fluxo de eventos, sejam eles grandes ou pequenos, de modo que qualquer coisa que pareça ser expressa por eles esteja em conformidade com sua imagem pública. No trecho a seguir, assim como nos demais que serão analisados adiante, examinaremos se os conceitos apresentados por Goffman (2011 [1967]) - tais como os princípios de face, deferência e porte; estratégias de ataque de face; e o controle da plateia- se aplicam no contexto em pauta.

Na interação que se segue, o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro tem a palavra, assumindo o discurso, sem interferência, neste momento. A situação comunicativa diz respeito ao tratamento precoce contra a covid-19 em que o político aconselha ao público a procurar uma assistência médica e buscar a medicação que ele defende ser fundamental para a prevenção da contaminação do vírus da covid-19. Neste contexto, o ex-presidente argumenta que muitas doenças foram curadas através de experiências sem a confirmação científica. A partir desta fala, ele, de forma incisiva e impolida, pede para quem o assiste não se basear no que os jornais informam, citando inclusive o nome de um jornalista específico, conforme verificado abaixo:

Excerto I (8min52s – 10min26): “Folha, Estadão, Globo, veja, tampas de bueiro, isentões, tetas secas, Chávez e Maduro”

1	JAIR MESSIAS BOLSONARO	não espere você (.h) sentir falta de ar
2		não, não espere é que (.) que o protocolo Mandetta seja aplicado em você
3		e você tem que se consultar com o médico, não é com o William Bonner não (.)
4		não é (: com jornalista, esses picaretas da (.) em grande parte da imprensa ae, da (.) os picaretas da Folha, do Estado, da Globo
5		não é com esse pessoal não
6		não manjam <u>nada</u>
7		estão levando cada invertida de pessoas que entendem do assunto.
8		como eu vi um jornalista aí levando invertida do Paulo Zanotto (h)
9		fez um montão de <u>afirmação</u>
10		dae quando o Zanotto começou a responder para ele (.)
11		ele quis (: se esquivar:
12		"ah, eu não fiz <u>afirmação</u> "
13		<u>fez, sim!</u>
14		falta de caráter de muitos, de muitos, (> não todos né <), muitos jornalistas do Brasil.
15		falta de caráter (.) ta
16		e outra coisa, pessoal (.)
17		eu estou indo né e vocês, da imprensa, estão indo atrás.
18		dae quando faz uma pergunta idiota, é comum, <u>comuníssimo</u> né,
19		esse pessoal da imprensa, da <u>Globo</u> em especial, fazer pergunta idiota
20		tem uma resposta à altura
21		fica cheio de mimimi (.)

22	"ah, fui ofendido, está agredindo a imprensa"
23	eu não pedi para ser entrevistado por vocês, po
24	dispenso Globo, a Folha, Estado de São Paulo (.)
25	essas porcarias todas, dispenso.
26	(> não quero falar com vocês, não me interessa falar com vocês <)
27	(> eu falo que quero falar com alguém, o que acontece? <)
28	vou falar com alguém que está ali,
29	se mete no meio e leva o troco,
30	porque não dá, eu perdi a paciência, realmente, ta
31	e quem não gostar de mim, paciência (.)
32	vocês querem um <u>mentiroso</u> delicado, ta
33	ou uma pessoa mais grossa um pouco - eu - e verdadeira?
34	Pode escolher, po (.h)

4.1.1 “E você tem que se consultar com o médico, não é com o William Bonner não”: face, deferência e porte

Nesta seção, serão destacadas passagens, trechos, termos e expressões que indiciam e expressam as atitudes do ex-presidente em relação ao tratamento da covid 19 e a sua relação com a imprensa, em geral, alvo de ataques sistemáticos.

No início do excerto, a fala de abertura do ex-presidente, que se dirige abertamente ao público, – “não espere que você sinta falta de ar”/ não, não espere é que (.) que o protocolo Mandetta seja aplicado em você/ e você tem que se consultar com o médico, não é com o William Bonner não (.) – já aponta para o desenrolar do tom que será adotado nesta live. A partir dessa declaração, a referência ao ex-ministro Luiz Henrique Mandetta³⁵, na época, ministro da Saúde, com grande protagonismo durante a pandemia, nota-se a contrapartida do ex-presidente em relação às orientações dadas, colocando em dúvida a competência e a autoridade de seu ministro.

De acordo com Goffman (2001, p.), há duas orientações de face: uma defensiva e uma protetora. A primeira diz respeito ao salvamento da própria face, enquanto a segunda à face dos outros. Nota-se, porém, que há um jogo de faces por parte do ex-presidente. Ao desautorizar seu ministro, desqualificando-o, ele não o protege de um constrangimento

³⁵Em 2019, o médico e político Mandetta assumiu o cargo de Ministro da Saúde do Brasil, no governo do presidente Jair Bolsonaro. Ele teve um papel de destaque durante a pandemia de COVID-19, coordenando as ações de combate à doença no país. Sua atuação como Ministro foi marcada pela defesa de medidas baseadas em evidências científicas e pelo embate com o presidente Bolsonaro em relação a estratégias de enfrentamento da pandemia. No entanto, em abril de 2020, Mandetta foi demitido do cargo de Ministro da Saúde, após divergências com o presidente Bolsonaro sobre as medidas de distanciamento social e o uso da cloroquina no tratamento da COVID-19.

público, ao mesmo tempo em que não parece se preocupar com uma orientação defensiva de sua própria face, acenando para um comportamento não compatível com o decoro do cargo de presidente. No entanto, há indícios de que esse comportamento inadequado atua com uma dupla função estratégica, qual seja, a de criar uma face (errada para os que não o apoiam ideologicamente e moralmente em termos de valores socialmente aprovados), mas compatível com o que se espera dele, como será dito adiante, uma pessoa autêntica, que diz o que pensa, e não uma pessoa que precisa mentir, não sendo portanto verdadeira:

31. e quem não gostar de mim, paciência (.)
32. vocês querem um mentiroso delicado, ta
33. ou uma pessoa mais grossa um pouco - eu - e verdadeira?
34. Pode escolher, po (.h) .

Ao adotar uma face errada, conforme os argumentos de Goffman (op.cit., p. 16), no sentido de romper com uma certa linha adotada no encontro, “traindo” o que os participantes esperam dessa pessoa, um sentimento de embaraço e constrangimento emergiria nessa situação fazendo com que essa pessoa perdesse um tipo de “apoio apreciativo”. O paradoxo é exatamente o fato de que é essa face errada a esperada pela plateia à qual o ex-presidente se dirige, ou seja, uma face incompatível com valores socialmente consagrados e ritualizados, tais como o aprumo, a honra e a dignidade. Portanto, o aprumo, tal como conceituado por Goffman (id. p. 17), como a “capacidade de suprimir e esconder qualquer tendência de ficar com a fachada envergonhada (...)” não se aplica como estratégia de salvamento de face e comportamento afinado aos códigos rituais, pois, nesse caso, o ex-presidente parece demonstrar consciência de que o ambiente no qual seu discurso é apresentado recebe aprovação da plateia, especialmente por se tratar de uma rede social pessoal. Portanto, podemos inferir que ele sabe que os outros responderão a suas ações com louvores, e isso contribui para sua busca por reconhecimento positivo. Neste fragmento, suas falas realçam uma impolidez que se manifesta de forma intencional, impulsionada pela percepção de valores positivos associados a uma determinada imagem de face do indivíduo, mesmo que isso implique infringir os contratos sociais.

Enfim, o ex-presidente adota uma estratégia retórica que pode ser considerada controversa em relação àqueles códigos rituais (e morais) defendidos por Goffman e que seriam responsáveis pela nossa “humanidade”. Ao assumir uma imagem expressa por meio de sua face, ele cria a expectativa de que agirá de acordo com essa representação. Isto é, para preservar sua imagem diante do que defende, o político assume um comportamento de desmerecimento a um oponente, que neste contexto, é um profissional da saúde, seu ministro,

ganhando pontos pelo uso agressivo de preservação da face (Goffman, op.cit., p. 30). O autor explica que:

Quando uma pessoa trata a preservação da fachada não como algo que ela precisa estar preparada para desempenhar, mas como algo que ela sabe que os outros realizarão ou aceitarão, um encontro ou ocasião não se torna mais uma cena de consideração mútua, e sim uma arena em que se realiza uma disputa ou partida. (op.cit., 2011, p. 31)

Dessa forma, a fala de JB tem como objetivo preservar a linha de todas as pessoas que o assistem contra uma contradição condenável, ao mesmo tempo em que tenta ganhar vantagem sobre seu oponente. Sua audiência virtual nesse embate se torna quase uma necessidade, pois ele busca apresentar fatos favoráveis a si mesmo e fatos desfavoráveis aos outros. Em outras palavras, ele utiliza estratégias discursivas que visam marcar pontos a seu favor, reforçando sua posição e construindo uma narrativa que o beneficie.

Vale destacar que, conforme Culpeper (2011) constata, se alguém estiver imerso em um contexto onde a impolidez é comum, a pessoa pode ser considerada apenas levemente impolida em relação a esse evento específico. Em outras palavras, ao adotar uma abordagem agressiva para preservar sua imagem pública, um indivíduo pode escolher comportamentos violentos e rudes, os quais podem ser interpretados de maneira variada por diferentes indivíduos, dependendo das normas e valores culturais vigentes. Dessa forma, aqueles que seguem e acompanham o político em questão em um evento ao vivo podem considerar que os seus discursos não violam normas sociais e, em vez disso, podem associar ações positivas à sua figura, uma vez que essas atitudes são convenientes e aceitáveis dentro do contexto da sua audiência. Isso pode gerar confiança por parte do ex-presidente para assumir posturas mais indelicadas e realizar ataques mais diretos contra os seus opositores.

Assim, supõe-se que o clima de hostilidade e animosidade criado pelo ex-presidente responde apenas àquela parcela de público que valoriza suas ideias, opiniões e valores, ou seja, coaduna-se com as expectativas desse grupo, criando, paradoxalmente, uma atmosfera de confiança para que ele mantenha a linha assumida, legitimando-se nesse papel (face/self), mesmo que no futuro essa atitude possa prejudicar a sua imagem. Ao que tudo indica, há indícios fortes para que o argumento de Goffman se aplique neste caso, a saber:

Em intercâmbios agressivos, o vencedor não apenas consegue apresentar informações favoráveis sobre si mesmo e desfavoráveis sobre os outros, mas também demonstra que, enquanto participante da interação, ele cuida melhor de si do que seus adversários. (op.cit., p. 31-2)

No entanto, trata-se de um jogo delicado, pois não se pode esquecer de que algumas ideologias de grupos sociais podem legitimar como valores positivos aquilo que outros podem considerar negativo. Como o político escolhe uma rede digital e pública para manifestar seus argumentos, isso deixa sua face vulnerável diante de segmentos da sociedade que não aceitam ou incentivam esse tipo de comportamento hostil, fazendo-o perder o controle de seu domínio e preservação de imagem. Como modelo de interação não presencial, a live ativa outros processos de interação, seja com comentários ao vivo dos que assistem, seja com o registro das falas que podem ser acessadas, em tempos diferentes, e várias vezes compartilhadas, alcançando um público sobre o qual não se tem controle.

Essa dinâmica dificulta a construção, manutenção e defesa de uma imagem pública construída num dado momento e contexto, pois, no mundo virtual, as interações podem ser (re)interpretadas ou “ressignificadas” em diferentes momentos no tempo. Se o ex-presidente pode ter garantida a aprovação de sua imagem do "eu" naquele momento específico entre um público que compartilha de seus ideais sociais, ele também corre o risco de ter/ver sua imagem prejudicada, posteriormente, pois as reprises e compartilhamentos da interação podem atingir outros públicos que não compartilham das mesmas ideias. Essa falta de controle sobre a narrativa pós-interação pode levar a consequências negativas para sua imagem pública, uma vez que ele não pode ajustar sua postura ou estratégia para minimizar danos futuros, como ocorre nas interações presenciais. No entanto, não parece ser essa a sua preocupação, conforme já mencionado, pois JB acredita na sua performance, fazendo uma representação diante dos outros de tal modo que “seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo” (op.cit., 1985, p. 41). Entende-se sociedade neste contexto como a parcela da população que o apoia.

4.1.2 “Não é (:) com jornalista, esses picaretas da (.) em grande parte da imprensa ae, da (.) os picaretas da Folha, do Estado, da Globo...”: A ofensa profissional como critério de ataque à face

Logo após o ataque direto aos protocolos defendidos pelo ex-ministro Mandetta, outras falas de JB performatizam ações que explicitam, na superfície do texto/co-texto, uma preocupação com a população, aconselhando-a a procurar um especialista, um médico e não

buscar orientações e informações com jornalistas. Diz o ex-presidente: 3. “e você tem que se consultar com o médico, não é com o William Bonner não”. Essa enunciação é contraditória, uma vez que seu ministro, que seria alguém de sua confiança, também é médico, e, na condição de ministro, dirige-se à imprensa toda vez que é solicitado a fazê-lo. Além de criar um sentimento de desconfiança ao ministro, conforme, explicitado anteriormente, essa fala do ex-presidente performatiza a linha que será assumida ao longo desse excerto, isto é, a de ataques explícitos à imprensa por meio de usos linguísticos de natureza hostil e consequentemente impolida.

Ao desqualificar nominalmente o apresentador da TV Globo, William Bonner, um dos âncoras mais conhecidos do principal telejornal do país, JB coloca em questão a confiabilidade da imprensa perante o público fato que aciona outros contextos significativos que podem minar a credibilidade da imprensa e enfraquecer as informações e reportagens sobre o tema da covid 19 e suas repercussões perante a interpretação do público e as iniciativas a serem seguidas durante a pandemia.

Goffman (2011, p.18) pontua o quanto se espera das pessoas não só o respeito a si mesmas como um padrão de consideração e a realização de certos esforços para resguardar os sentimentos e a fachada dos participantes da interação.³⁶ O autor acentua certos princípios de socialização, ao afirmar que: “A sociedade está organizada tendo por base o princípio de que qualquer indivíduo que possua certas características sociais tem o direito moral de esperar que os outros o valorizem e o tratem, de maneira adequada.” (GOFFMAN, 1985, p. 21). Ao atacar a face das instituições midiáticas, neste caso, explícita e nominalmente, o ex-presidente está sugerindo que elas não são capazes de cumprir sua função social de informar e guiar a sociedade para a formação de opinião e senso crítico. Essa atitude pode gerar conflitos de interesses por parte do político e servir como base para desacreditar a imprensa quando esta critica seu governo e confundir a população quanto as orientações sanitárias a serem seguidas.

Dessa forma, a fala do ex-presidente Jair Bolsonaro não apenas estabelece uma distinção (ou polêmica desnecessária) entre médicos e jornalistas, e suas respectivas funções, mas também estimula a desconfiança em relação à mídia, questionando sua capacidade de fornecer informações precisas e imparciais³⁷. Tais atos são endossados na sequência de seus enunciados que, como já salientamos, reforçam a linha de conduta adotada e presumida: “(4)

³⁶ Esse cuidado com a pessoa “como objeto ritualmente delicado” é fruto da afinidade teórica com a perspectiva de Durkheim³⁶

³⁷ Há literatura vasta sobre a não parcialidade da mídia em vários assuntos e temas; como também de tendências de jornais e editorias a favor ou contra políticos, partidos e suas respectivas ideologias. Não é foco desse trabalho discutir o papel da mídia, mas ressaltar a sua importância na manutenção da liberdade de expressão e dos valores democráticos.

não é com jornalista, esses **picaretas** da grande parte da imprensa, **os picaretas da Folha, do Estado, da Globo/** (5) não é com **esse pessoal não/** (6) **não manjam nada**” (grifo nosso). A força ilocucionária desses atos de fala evidencia o ataque à face das instituições midiáticas e podem se concretizar através de um maior ceticismo em relação às informações fornecidas pela imprensa. Ao questionar a veracidade das informações divulgadas pela imprensa, o ex-presidente cria um terreno fértil para disseminar narrativas alternativas ou teorias da conspiração que se alinhem com seus interesses ou agenda política. Além disso, fere os protocolos de conduta quanto à deferência e ao porte a que Goffman se refere no tratamento impolido deferido a profissionais e instituições.

Segundo Goffman, o comportamento de deferência tem um tom honorífico e polido, “comunicando uma apreciação do receptor, que, de muitas formas, é mais elogiosa ao receptor do que podem ser os sentimentos verdadeiros do ator. (op.cit., 2011, p.62)” se a deferência está ligada à apreciação que um indivíduo mostra ao receptor, o porte “envolve atributos derivados de interpretações que outros fazem da forma pela qual o indivíduo cuida de si durante o intercurso social”. (id.,ib., p. 78). Na linha adotada na live, no excerto em destaque, podemos observar que nem a deferência nem o porte foram as linhas escolhidas por JB como modos de se referir aos outros.

O ex-presidente segue sua enunciação desmerecendo a capacidade profissional da imprensa: “(6) estão levando cada invertida de pessoas que entendem do assunto/ (8) como eu vi um jornalista aí levando invertida do Paolo Zanotto/ (9) fez um montão de afirmação/ (10) dae quando o Zanotto começou a responder para ele / (11) ele quis se esquivar/ (12) "ah, eu não fiz afirmação" (13) fez, sim!. Neste fragmento, percebemos uma série de atos que ameaçam a face positiva dos jornalistas, o ex-presidente menciona que em determinado contexto um jornalista foi corrigido, contradito ou desafiado em seus argumentos por pessoas que têm conhecimento sobre o assunto. Ele reforça o possível constrangimento vivido pelo jornalista, cuja face tornou-se vulnerável naquele contexto, para legitimar favoravelmente, por meio do constrangimento alheio, a sua própria face, novamente para ganhar pontos sobre a “plateia”.

Retomando os pressupostos de Goffman (2011), o autor explica que a face positiva representa o desejo de ser apreciado, aceito e valorizado pelos outros. É a parte da “eu” que busca a aprovação e o reconhecimento social. Logo, preservar a face positiva significa garantir que os outros mantenham uma visão positiva de nós e que nossa identidade social seja respeitada. A face positiva é mais vulnerável a ameaças quando ocorrem atos de desrespeito, crítica ou rejeição.

Neste contexto, pode-se perceber que a palavra "invertida" carrega uma conotação de correção ou desmentido público, o que pode gerar constrangimento e abalar a reputação do profissional citado; a frase "levando invertida do Paolo Zanotto" reforça a ideia de que o jornalista foi questionado ou confrontado por uma figura de autoridade ou especialista no assunto em questão, prejudicando a percepção do jornalista como alguém confiável e bem fundamentado em suas reportagens; "fez um montão de afirmação" sugere que o jornalista apontou informações sem procedências; em "ele quis se esquivar" acusa o jornalista de querer evitar a responsabilidade pelas afirmações feitas anteriormente, sugerindo que o profissional não está disposto a enfrentar as consequências de suas declarações ou a assumir seus erros. Todos esses trechos expressam um ataque à face positiva a toda categoria de jornalistas brasileiros, que busca ser respeitada e valorizada por seu conhecimento e habilidades profissionais. A ameaça não está apenas nas ditas correções em si, mas também na forma como essas correções são expostas publicamente, assumindo um caráter de impolidez. Para Goffman,

um indivíduo de porte 'bom' ou 'apropriado' demonstra atributos como: discrição e sinceridade; modéstia em afirmações sobre o eu; espírito esportivo; controle da fala e dos movimentos físicos; autocontrole sobre suas emoções, apetites e desejos; aprumo sob pressão; e, assim por diante. (2011, p. 78)

Certamente, não esses os atributos adotados pelo ex-presidente neste exceto da live. Os ataques à imprensa são marcados por traços de impolidez afetiva, conforme designação de Culpeper (2011). Para esse autor, "a impolidez afetiva manifesta-se pelo comportamento agressivo e rude em que o ofensor expressa suas emoções negativas, como raiva, ódio ou cólera, de maneira irrestrita em contextos onde essa expressão não é esperada" (p.50).

Nestes trechos aqui citados, observa-se que o alvo de ataque do ex-presidente é a imprensa, causa de seu desconforto que se exprime por meio de termos como: picaretas; esse pessoal; não manjam nada. A linguagem utilizada denota um tipo de emoção hostil além do desrespeito em relação aos jornalistas. O uso de termos pejorativos e a manifestação de indignação revelam uma postura ofensiva e agressiva, cujo comportamento expressa forma como o ex-presidente se porta publicamente. Se por um lado, sugere um descontrole afetivo, porém não ingênuo, por outro, faz parte da representação de si e da imagem que quer projetar sobre os outros, como uma pessoa rude, porém autêntica e verdadeira, que diz o que pensa, posturas socialmente valorizadas, ainda que realizadas pelo presidente de uma nação.

Nos trechos subsequentes, intensifica-se o tom impolido, ainda mais evidenciado pelo seu tom de voz, movimentos corpóreos e expressões faciais. No trecho (13) fez, sim! ao afirmar com ênfase, o ex-presidente demonstra sua determinação em rejeitar a negação das afirmações dos jornalistas, reforçando a agressividade em suas palavras. No trecho (14) falta de caráter de muitos, de muitos, (não todos né), muitos jornalistas do Brasil/, o uso repetido da expressão "falta de caráter de muitos, de muitos" denota uma postura de generalização, a inclusão da expressão "não todos né" pode ser interpretada como uma tentativa de salvamento de face diante de uma colocação incisiva que pode comprometê-lo posteriormente, mas a tentativa de suavizar a generalização não neutraliza a agressividade de suas palavras anteriores. O trecho (15) falta de caráter, ta reforça mais uma vez o sentimento de revolta diante de uma postura considerava inaceitável por JB.

Vale reforçar que no contexto das interações comunicativas, o que realmente importa para determinar se um discurso é impolido ou agressivo é a percepção dos interagentes em relação às intenções dos comunicadores, e não as intenções em si (Culpeper 2011, p.50). Ou seja, a forma como a mensagem é interpretada pelos receptores é fundamental na avaliação da impolidez, independentemente da intenção original do emissor.

Essa perspectiva é relevante ao analisar as falas e comportamentos do ex-presidente em suas lives ou até em outras interações públicas. Mesmo que ele tente amenizar a agressividade de suas palavras posteriormente, insinuando que não tinha intenção de atacar ou ofender, as impressões causadas por suas falas e a falta de cuidado ao expressar livremente suas emoções - característico da impolidez emotiva, além da falta de aprumo, deferência e porte, marcam seu discurso como agressivo.

A agressividade é uma das formas de violência (verbal e não verbal) que desencadeiam outras formas de violência comprometendo o equilíbrio nas relações. Já não se trata de um ataque às faces, mas de condutas que apontam para a desconstrução e destruição de valores basilares dos princípios democráticos. Em termos de uma perspectiva pragmática, reproduzindo Butler (2021, p.54), indagamos: “Como a linguagem que usamos afeta os outros?” Considerando esta pesquisa, reformulamos a indagação adaptando-a para o nosso contexto: Como a linguagem usada pelo ex-presidente afeta os outros? Para Butler (2021, p. 54):

Quem enuncia o discurso de ódio é responsável pela maneira como ele é repetido, por reforçar esse tipo de discurso, por restabelecer contextos de ódio e injúria. A responsabilidade do falante não consiste em refazer a linguagem ex nihilo, mas em negociar o legado de uso que restringe e autoriza o próprio discurso.

Retomaremos essas questões mais adiante.

4.1.3 O ataque como resposta à perseguição pessoal.

Nas sequências das falas da interação, JB introduz uma postura diferente das que ele havia apresentado nas falas anteriormente. Na fala “e outra coisa, pessoal” (16), o político evidencia que possui mais informações ou assuntos para compartilhar com a plateia, especialmente em relação ao seu conflito com a imprensa. A partir desse momento, suas falas tomam um tom mais defensivo e crítico.

Ao dizer "eu estou indo né e vocês, da imprensa, estão indo atrás" (17), o ex-presidente parece enfatizar sua liderança ou protagonismo, afirmando que ele está avançando ou tomando a iniciativa em alguma ação, enquanto a imprensa o acompanha, seguindo seus passos. Essa declaração pode ser interpretada como uma estratégia de salvamento de face, pois ele reforça sua relevância pública ao insinuar que o interesse da mídia é direcionado a ele como indivíduo, e não apenas ao cargo de presidência que ocupava à época. Isso sugere que ele é alvo de uma perseguição pessoal, com o foco da mídia em sua pessoa, independente de suas ações políticas. Essa tática pode ser utilizada para criar uma imagem de que o ex-presidente é alvo constante de críticas e cobertura da imprensa, o que pode levar o público a simpatizar com ele e vê-lo como uma vítima das atenções indesejadas da mídia. Pode-se, inclusive, dizer que, ao atribuir a perseguição à sua pessoa, o político se distancia das responsabilidades do cargo de presidência e desviar a atenção de eventuais críticas políticas ao seu mandato. Essa estratégia pode ser eficaz para fortalecer sua base de apoio e contribuir para criar uma imagem de um líder combativo, enfrentando adversidades e ataques constantes.

Nas falas subsequentes, "quando faz uma pergunta idiota, é comum, comuníssimo né" (18) e "esse pessoal da imprensa, da Globo em especial, fazer pergunta idiota" (19), o ex-presidente adota uma atitude defensiva, buscando justificar suas respostas e reações consideradas inadequadas. Aqui, observa-se claramente uma tentativa de salvar sua própria imagem, transferindo a responsabilidade pela inadequação das perguntas para os jornalistas, especialmente apontando a Rede Globo, uma emissora de grande visibilidade no jornalismo nacional. Essa estratégia pode ser entendida como uma forma de desqualificar a competência profissional da imprensa e minimizar críticas ou questionamentos sobre suas ações e políticas.

Destacamos aqui a atenção para como JB constrói uma representação pública específica de si mesmo, apresentando-se ora como um líder proeminente, ora como uma vítima de perguntas consideradas inadequadas – ou seja, perseguição midiática. Sua abordagem demonstra o uso de táticas de salvamento de face e manipulação da imagem para moldar a percepção do público sobre sua atuação política e as interações com a imprensa.

No desenrolar da live, mantém-se o tom impolido que vai se agravando de modo a desqualificar a imprensa. Não há debate de ideias, pois não há uma interação específica, apenas uma “conversa” em que o ex-presidente usa a fala para uma suposta audiência com o intuito de destruir e eliminar o suposto inimigo (a imprensa) como se estivesse participando de um debate: "tem uma resposta à altura" (20), "fica cheio de mimimi" (21), "ah, fui ofendido, está agredindo a imprensa" (22), "eu não pedi para ser entrevistado por vocês, po" (23), "dispenso Globo, a Folha, Estado de São Paulo" (24) e "essas porcarias todas, dispenso" (25).

Nessa parte da interação, observamos a desqualificação do outro pelo tom e por termos que traduzem desprezo e menosprezo pelo trabalho da imprensa: "fica cheio de mimimi"/ "eu não pedi para ser entrevistado por vocês, po"/ "essas porcarias todas, dispenso". Quanto ao uso da expressão mimimi, é necessário compreender o contexto político e social em que ela foi empregada. O termo "mimimi" ganhou notoriedade na esfera política brasileira como uma forma de desqualificar e minimizar demandas de grupos sociais historicamente marginalizados, como mulheres, LGBTQIA+, negros, indígenas e outras minorias. A população de caráter mais conservadora e até mesmo alguns políticos adotaram essa expressão de forma sarcástica e debochada para se referirem às pautas e reivindicações desses grupos, tratando-os como se estivessem exagerando ou reclamando de problemas insignificantes e colocando-os em uma posição de inferioridade. Segue-se ao uso dessa expressão, a enunciação em que JB reforça seu descrédito: "ah, fui ofendido, está agredindo a imprensa" (22), ironizando as frequentes acusações de que ele estaria ofendendo ou agredindo a imprensa.

Segundo Silva (2017), a produção de sentidos violentos no contexto da violência linguística transcende a mera utilização de palavras com conotações injuriosas ou negativas dentro de um vocabulário específico. A geração desses significados está associada à manifestação de contextos comunicativos, sociais e históricos específicos, permeados pela injúria. No exemplo mencionado, o ex-presidente faz uso de atos de fala que silenciam grupos marginalizados, evocando contextos anteriores em que esse tipo de violência já ocorreu. Como resultado, isso se materializa na atual situação de fala como um ataque à imprensa,

reforçando uma situação de violência verbal. Na discussão sobre discurso de ódio, Butler chama a atenção para o sucesso dos atos de fala que não incidem apenas sobre a ação do enunciador, uma vez que são reflexos, re-produções de ações anteriores e, assim, tornam-se mais “eficazes”. Diz a autora o seguinte:

Se um performativo obtém sucesso provisoriamente (e eu sugeriria que “sucesso” é sempre exclusivamente provisório), não é porque uma intenção governa com sucesso a ação de falar, mas apenas porque essa ação ecoa ações anteriores e acumula a força de autoridade pela repetição ou citação de um conjunto de práticas anteriores de cunho autoritário. Não se trata simplesmente de que o ato de fala ocorre em uma prática, mas de que o ato de fala é, ele próprio, uma prática ritualizada. (BUTLER, 2021, p. 89)

As falas "eu não pedi para ser entrevistado por vocês, po" (23)/ "dispenso Globo, a Folha, Estado de São Paulo" (24)/ "essas porcarias todas, dispenso" (25) revelam um comprometimento negativo diante dos grandes meios de comunicação, especialmente quando expressas em meio virtual. Essa atitude do ex-presidente evidencia pouca preocupação em manter uma relação de respeito com esses veículos de mídia, mesmo acusando-os de perseguição política. A postura de rejeição e desprezo pela imprensa tradicional pelo seu canal de comunicação próprio contribui para a construção de uma face de personalidade hostil e intimidadora. Essa imagem, embora possa ser vista positivamente por alguns de seus apoiadores como uma demonstração de autenticidade e firmeza, entra em desacordo com os princípios de civilidade e respeito associados ao cargo de presidência, mas em acordo com uma ideologia que visa à eliminação do oponente e seus valores para tirá-lo do jogo (cf. AMOSSY, 2017, p. 170)

4.1.4 O controle da plateia através da auto-humilhação

Goffman (2011, p. 38) explica que quando uma pessoa é responsável por introduzir uma ameaça à fachada de outra, ela aparentemente tem direito, dentro de certos limites, a escapular da dificuldade através da auto-humilhação. Nas últimas enunciações desta transcrição, percebe-se claramente a estratégia adotada por JB para lidar com os ataques feitos anteriormente à imprensa. Ele parece tentar retratar-se, porém, ao mesmo tempo, denigre sua

própria imagem como forma de justificar seus comportamentos passados, além de se reafirmar diante de sua plateia.

Ao afirmar "porque não dá, eu perdi a paciência, realmente, tá" (30), o ex-presidente parece indicar que suas atitudes hostis ou agressivas são resultado de uma suposta falta de paciência diante das situações jornalísticas que o incomodam. Essa tentativa de justificar suas ações pode ser interpretada como uma estratégia para minimizar a responsabilidade por suas falas ou ações consideradas prejudiciais à imagem pública. Além disso, ao dizer "e quem não gostar de mim, paciência" (31), ele adota uma postura de indiferença em relação à opinião dos outros (outros diferentes daqueles que o apoiam), sugerindo que não se importa com eventuais críticas ou rejeições. Essa atitude pode ser vista como uma forma de autodefesa, onde ele tenta se proteger emocionalmente ao desvalorizar o impacto negativo de suas ações sobre sua imagem.

Em seguida, Bolsonaro oferece uma escolha ao público: "vocês querem um mentiroso delicado, ou uma pessoa mais grossa um pouco - eu - e verdadeira?" (32-33). Goffman (2011) explica que, quando realizadas voluntariamente, as indignidades do falante parecem não profanar sua própria imagem. É como se ele tivesse o direito da isolação, e pudesse se castigar enquanto ator sem se ferir enquanto objeto de valor fundamental. Através da mesma isolação, ela pode se menosprezar e modestamente subestimar suas qualificações positivas, com a compreensão de que ninguém tomará seus enunciados como uma representação justa de seu eu sagrado. Observamos que essa tentativa de retratação acaba por denegrir sua própria imagem, uma vez que ele próprio admite comportar-se de forma "mais grossa". Essa abordagem pode ser interpretada como uma forma de manipulação da plateia através do emocional, pois ele busca obter simpatia ou compreensão por meio de uma autoimagem negativa. (Ver aquele texto da live de quinta)

É interessante notar que Jair Messias Bolsonaro se autodenomina como uma pessoa "grossa", sugerindo que essa característica está associada à sua honestidade e dignidade. Porém, quando a imprensa critica suas ações agressivas, ele reage de forma negativa ao ataque. Esse cenário reforça a perspectiva de Goffman (2011), que argumenta que uma pessoa que assume características negativas em relação à própria imagem parece ter permissão especial para tolerar maus-tratos impostos por si mesma, mas não se considera no direito de aceitar tais maus-tratos vindos de outras pessoas. Essa situação pode ser vista como uma forma de proteção, pois é improvável que ela exagere no uso dessa permissão, enquanto os outros teriam mais chances de abusar dela se também tivessem tal privilégio.

Essa dinâmica revela um aspecto complexo (e paradoxal?) da construção da imagem pública de JB, onde ele busca se retratar transmitindo a ideia de autenticidade e transparência em suas ações e palavras. No entanto, quando enfrenta críticas ou questionamentos da imprensa, sua reação negativa pode indicar uma sensibilidade em relação à própria imagem e uma resistência em aceitar críticas externas. Isso sugere que, apesar de se autodescrever como "grosso", ele aciona uma característica negativa a si como uma forma estratégica, haja vista que o ex-presidente ainda valoriza a imagem que projeta. Posicionando-se dessa forma, o político conquista a simpatia e o apoio de um grupo de seguidores que se identificam com sua atitude mais impolida de "não levar desaforo para casa". Esses apoiadores podem se sentir validados ao verem o líder político que admiram se expressar de maneira confrontadora, o que pode aumentar a polarização política e afastar ainda mais aqueles que possuem visões contrárias.

4.2 Excerto 2: “A metáfora do jacaré e os canalhas da imprensa e da CPI”

Esta seção tem como propósito avaliar as táticas de descredibilização da imprensa empregadas por Jair Messias Bolsonaro. No trecho fornecido, ele faz referência a dois incidentes amplamente conhecidos que ocorreram durante o seu mandato e aponta que a mídia distorceu os acontecimentos de maneira a prejudicá-lo. Nesta interação, JB adota uma abordagem narrativa irônica e sarcástica, diminuindo o valor das alegações e até usando tom jocoso, em contraste com os ataques anteriores que foram analisados. Para fornecer um contexto mais abrangente sobre as suas declarações, apresentamos a seguir a situação que foi mencionada apenas alguns momentos antes no qual JB descreve a sua visita a duas comunidades indígenas na região de São Luiz da Cachoeira.

O ex-presidente explica que, durante a visita, perguntou aos índios se o vírus da Covid-19 havia chegado a essas aldeias e ficou surpreso com a resposta de que 60% ou mais dos índios presentes afirmaram que haviam sido contaminados. Ele continua relatando que, ao questionar como eles haviam se tratado, os índios responderam que utilizaram chá de casca de árvore ou cipó como tratamento, e nenhum deles havia morrido pela doença. JB então argumenta, de forma irônica, com seu público sobre a inteligência dos índios, a quem se refere como "irmãos", pois eles recorreram a um tratamento imediato e questiona se eles seriam mais inteligentes do que o restante da população brasileira. Ele usa o termo "idiotas"

para se referir àqueles que se recusaram a tomar a medicação indicada por ele e que também não desejavam que outras pessoas tomassem.

Após essa provocação, Jair Messias Bolsonaro faz menção ao chefe do curso de gerenciamento de São Paulo, David Uip, como um exemplo de alguém que contraiu o vírus da Covid-19 e se não tomou a vacina. O ex-presidente explica que, quando questionado sobre o tratamento que utilizou, David Uip se recusou a revelar que fez um tratamento imediato com medicamentos indicados para malária.

Nesse ponto, podemos recorrer às observações de Erving Goffman (2011, p.158), que oferece uma perspectiva valiosa sobre a dinâmica da representação e da expressão na interação social. Goffman explica que, em virtude da natureza frágil e da coerência expressiva essencial da realidade que é moldada por meio de representações, os indivíduos que desempenham papéis sociais têm a capacidade de desacreditar, romper ou invalidar as impressões que intencionalmente promovem. Nesse contexto, emerge um dilema central: a gestão da informação.

Goffman (2011) ressalta que, em muitas situações de representação, o controle da informação se coloca como um desafio fundamental. A plateia ou público-alvo não deve ter acesso a informações que possam corroer a imagem ou a narrativa que está sendo construída pelo ator, daí a importância de resguardar determinados segredos. Contudo, o autor também chama a atenção para a existência de um grupo especial de indivíduos que detêm conhecimento privilegiado acerca dos segredos subjacentes à atuação de um determinado indivíduo ou equipe. Esse conhecimento confere a essas pessoas uma posição de poder, permitindo-lhes potencialmente ameaçar a narrativa preconcebida e o status quo estabelecido.

JB argumenta que David Uip adotou a postura de ocultar seu tratamento para a Covid-19 como um meio de proteger o então governador do estado de São Paulo, que defendia a aquisição de vacinas e não apoiava o uso de medicamentos para tratamento precoce. O ex-presidente, acompanhado por seu convidado Fábio Faria, declara que Uip foi posteriormente contradito e que manteve essa informação em segredo de maneira intencional.

Evidencia-se, assim, que o ex-presidente opta por compartilhar publicamente, através de suas plataformas de mídia, detalhes sobre seu adversário político com o objetivo de desvalorizá-lo perante o público. Nesse contexto, ele faz uso da divulgação do que Erving Goffman (2011, p. 156) denomina como segredos "indezessáveis" - isto é, informações que um indivíduo mantém ocultas, uma vez que são inconsistentes com a imagem que ele deseja manter de si perante a audiência. A exploração desses segredos confidenciais com a finalidade de atacar a reputação de grupos oponentes é uma estratégia provocativa, que pode render

vantagens na arena política, ainda mais quando expostos em uma rede social de total domínio e que o adversário não tem direito de resposta e defesa.

Após esse contexto, JB menciona que há uma "jogada" política, pois a vacina é cara e existe um recurso mais barato, porém, esse recurso precisa ser desacreditado devido aos interesses de alguns políticos. Essas insinuações podem ser observadas nas falas do excerto abaixo:

Excerto II (23min32s – 25min05s): “A metáfora do jacaré e os canalhas da imprensa e da CPI”

1	JAIR MESSIAS BOLSONARO	olha só pessoal,
2	FÁBIO FARIAS	porque como é do Bolsonaro (=)
3	JAIR MESSIAS BOLSONARO	QUAL É A GRANDE JOGADA? (=)
4	([FALAS])	
5	JAIR MESSIAS BOLSONARO	não é? Qual é a grande jogada? (.)
6		a vacina é cara, po (.)
7		então se tem algo barato (.) esse algo barato tem que deixar de existir (.)
8		o senhor David Uip, com todo o respeito né,
9		po, ele (> teve uma oportunidade <) ÍMPAR, de OURO, para falar:
10		"ó, não quero que mais gente morra"
11		esse é o trabalho do <u>médico</u>
12		"eu tomei <u>isso</u> , foi recomenda (-), foi recomendado né, foi receitado <u>isso</u> para mim"
13		e aquilo que eu <u>dei</u> para a ema né
14		ae, por coincidência, o ovo da ema aqui
15		eu dei para a ema aqui,
16		e a imprensa toda hora:
17		"olha, ele deu (-) ele deu não sei o quê para a ema, deu o remédio da malária para a ema"
18		a ema TOMOU, segundo os imbecis da imprensa aqui, alguns né,
19		a ema tomou aquilo, ta
20		igual quando eu falei (-) falei <u>sim</u> , ne
21		chama-se (.) figura de linguagem que você (.) prosopopeia? não
22	DESCONHECIDO I	pleonasma (º)
23	JAIR MESSIAS BOLSONARO	não, não, pleonasma é abusivo. Não é pleonasma
24	DESCONHECIDO II	metáfora?
25	JAIR MESSIAS BOLSONARO	metáfora. Parabéns ae (Vuduzão)
26		chefe dos (vodus), (tu acertou)
27		é uma metáfora, né
28		<u>lá atrás</u> , lá atrás, eu não sei que mês que foi
29		foi julho, agosto, né
30		quando (.) o cara de São Paulo
31		que (-) que tinha <u>interesse</u> na vacina, né
32		INTERESSE na vacina
33		falou que ia obrigar todo mundo a se vacinar
34		eu falei: "no que depender do Governo Federal, não vai ser obrigado não"
35		"vai que vira jacaré"
36		falei sim, é metáfora.
37		A imprensa toda, né:
38		"olha, vai virar jacaré"

39		o pior é se virasse <u>mentiroso</u> igual vocês são da imprensa, sem caráter
40		Todos não (.) uma parte considerável.

4.2.1 “Segundo os imbecis da imprensa, a ema tomou aquilo”: o deboche como marca de ataque.

Na tentativa de ataque à imagem pública do doutor David Uip, Jair Messias Bolsonaro cita: (8) o senhor David Uip, com todo o respeito né,/ (9) po, ele (> teve uma oportunidade <) ÍMPAR, de OURO, para falar: /(10). "ó, não quero que mais gente morra"/ (11) esse é o trabalho do médico /(12) "eu tomei isso, foi recomenda (-), foi recomendado né, foi receitado isso para mim" (grifo nosso). Observamos pela contextualização das declarações que este pronome demonstrativo possui uma conotação semântica além do que é explícito no texto e refere-se ao medicamento “Hidroxicloroquina”, que foi amplamente promovido para o tratamento preventivo da covid-19 durante as campanhas do governo do ex-presidente. Entretanto, devido à ausência de aprovação da ANVISA em relação a essa terapia, JB não pôde mencionar de maneira direta o nome do remédio, pois tal atitude poderia ser motivo para denúncias contra sua transmissão ao vivo, resultando na remoção do medicamento.

Logo após, ele diz: “(13) é **aquilo** que eu dei para a ema né / (14) ae, por coincidência, o ovo da ema aqui / (15) eu dei para a ema aqui” (grifo nosso). Notamos que JB recorre mais uma vez ao pronome demonstrativo para referir-se ao remédio, porém, adicionalmente, de maneira sarcástica, retoma uma situação polêmica e controversa com o seu nome. No dia 24 de julho de 2020, o ex- presidente encontrava-se em quarentena devido ao diagnóstico de covid-19. O ex-chefe do Planalto foi fotografado mostrando uma caixa de hidroxicloroquina para as emas criadas no Palácio do Alvorada. O momento³⁸ movimentou as redes sociais e foi pivô de várias notícias de jornais, que insinuavam, em tom irônico, que Jair Messias Bolsonaro estava oferecendo a medicação aos animais.

Em seguida, JB menciona: “(16) e a imprensa toda hora: / (17) olha, ele deu (-) ele deu não sei o quê para a ema, deu o remédio da malária para a ema”. Nesse ponto, fica claro que ele está sugerindo que os veículos de comunicação distorcem constantemente os fatos, transformando as informações de maneira desfavorável a sua imagem. Essa declaração revela sua percepção de que as notícias são manipuladas com o propósito de prejudicá-lo. JB faz

³⁸ A foto foi tirada pelo repórter fotográfico Sérgio Lima

essas enunciações em tons de sarcasmo, já que a ideia de dar um medicamento humano a uma ema é algo tão singular e absurdo, que ele usa esse exemplo de maneira perspicaz para minar a credibilidade da imprensa, fazendo isso de forma jocosa.

Na sequência, ele continua: (18) a ema TOMOU, segundo os imbecis da imprensa aqui, alguns né, / (19) a ema tomou aquilo, ta”. A abordagem retórica de Jair Messias Bolsonaro, exemplificada nesse contexto, revela uma estratégia habilidosa de enfrentamento das críticas por meio da ironia e do sarcasmo. Ao optar por não se aprofundar na explicação da situação em que apresentou a caixa de medicamentos para uma ema, ele opta por explorar a peculiaridade do acontecimento como um trampolim para questionar a credibilidade da imprensa.

Essa tática demonstra uma compreensão sutil da linguagem como “arma” retórica e da maneira como as audiências interpretam e reagem à comunicação. Ao adotar um tom ameno e brincalhão, mesmo que tenha usado um vocativo negativo personalizado de impolidez (Culpeper, 2011) - “imbecis” - para se referir à imprensa, o político consegue comunicar sua desaprovação de uma forma que parece leve e jocosa, ao mesmo tempo em que atinge seus alvos com eficácia.

A conexão com a ideia de "impolidez por entretenimento", conforme discutido por Culpeper (2011), é notável. JB parece estar ciente de que a impolidez pode despertar interesse e envolver a audiência, especialmente quando ela assume formas criativas e desafiadoras. Ele usa essa estratégia para criar um senso de entretenimento a partir da controvérsia, transformando uma situação potencialmente prejudicial em um espetáculo que atrai a atenção e o interesse do público.

Ademais, ao provocar a imprensa e questionar sua objetividade, JB parece aproveitar a dinâmica do prazer voyeurístico mencionado por Culpeper (2011). As pessoas muitas vezes se sentem atraídas por observar situações em que os outros estão sendo confrontados ou desafiados, especialmente quando envolve revelações de aspectos privados ou emocionalmente sensíveis. O ex-presidente parece conscientemente encenar esse tipo de exposição pública, usando a reação da imprensa como um espetáculo para o público.

Vale destacar também as noções de Goffman (2011) para esse fragmento. O autor destaca que as interações sociais estão sempre envoltas na preocupação com a preservação da "face" de cada indivíduo, ou seja, a imagem que eles desejam projetar diante dos outros. No entanto, quando ocorre uma violação dessa face, seja de forma intencional ou não, pode ocorrer um "ataque de face". Quando JB escolhe tratar o episódio da caixa de remédios para a ema de forma humorística e sarcástica, dizemos que suas falas podem ser interpretadas como

uma estratégia de ataque de face invertido. Enquanto a situação em si poderia ser vista como uma potencial violação de sua face, dado o absurdo de dar um medicamento humano a um animal, o político reage de forma a assumir o controle da narrativa e desviar o foco do ataque de face.

Ao abordar a situação com ironia e sarcasmo, ele sutilmente volta a violação da face contra a imprensa. Ao não esclarecer plenamente o contexto do episódio, ele faz com que a imprensa pareça deturpadora, insinuando que a verdade foi distorcida por meios de comunicação em busca de sensacionalismo. Dessa forma, Bolsonaro inverte o ataque de face, passando de uma potencial crítica a ele próprio para uma crítica à imprensa, que ele sugere ser a verdadeira responsável pela deturpação da realidade. Bolsonaro inverte o jogo de representações e salva sua imagem diante do seu público, pois não se deixar ser arrastado pela potencial violação da face, mas sim a usa como ferramenta para questionar a credibilidade da imprensa.

4.2.2 A metáfora do jacaré: outra tática de desmerecimento da imprensa

Neste trecho, JB aborda em suas declarações outro contexto que recebeu muita atenção durante seu período de governo: sua abordagem à vacina da Pfizer. Em 2020, Bolsonaro afirmou a jornalistas que não tomaria a vacina porque ela ainda estava em teste. Segundo ele, se a pessoa tomasse a vacina e virasse jacaré, o problema seria dela, já que a Pfizer descreveu que não se responsabilizaria por eventuais efeitos colaterais. A alusão às pessoas se transformarem em jacarés foi amplamente interpretada como uma maneira de criticar o processo de vacinação como um todo e, talvez, de desencorajar a população a se imunizar contra a COVID-19. É importante destacar que, naquela época, existia uma quantidade significativa de desinformação e ceticismo em relação às vacinas, especialmente no contexto brasileiro. Teorias conspiratórias e informações falsas circulavam de forma abrangente, prejudicando os esforços de vacinação em todo o país.

Retomando este contexto, Jb menciona:

27.	é uma <u>metáfora</u> , né
28.	<u>lá atrás</u> , lá atrás, eu não sei que mês que foi
29.	foi julho, agosto, né
30.	quando (.) o cara de São Paulo
31.	que (-) que tinha <u>interesse</u> na vacina, né
32.	INTERESSE na vacina

33.	falou que ia obrigar todo mundo a se vacinar
34.	eu falei: "no que depender do Governo Federal, não vai ser obrigado não"
35.	"vai que vira jacaré"
36.	falei sim, é metáfora.

Após retomar esse evento, ele cita a imprensa: “(37) A imprensa toda, né: / (38) olha, vai virar jacaré / (39) o pior é se virasse mentiroso igual vocês são da imprensa, sem caráter / (40) Todos não (.) uma parte considerável”. Para analisar essas declarações, utilizaremos as perspectivas apresentadas por Goffman (2011) em relação às regras de conduta. De acordo com o autor, as regras de conduta conferem significado às ações ou à falta delas, transformando-as em uma forma de comunicação, visto que essas regras atuam como meios de confirmação das identidades individuais. Isso implica que um comportamento que não segue as regras de condutas também é uma forma de comunicação, muitas vezes mais poderosa, uma vez que infrações tendem a gerar repercussão, frequentemente deslegitimando as identidades dos envolvidos.

Ao relacionarmos esses conceitos às falas de JB, é possível afirmar que ele quebra uma conduta esperada de um presidente, como evidenciado na passagem: (39) "o pior é se virasse mentiroso igual vocês são da imprensa, sem caráter". Sua abordagem agressiva direcionada à imprensa transmite algo crucial para suas audiências, fortalecendo sua construção e manutenção da identidade pública, particularmente a de um homem honesto que "não leva desaforo para casa". Assim, em diversas ocasiões, é imperativo para o político reafirmar essa mensagem, a fim de consolidar a imagem que deseja projetar.

Essa abordagem também encontra ressonância na observação de Goffman (2011) de que a quebra das regras de conduta pode resultar em notoriedade, muitas vezes desafiando ou prejudicando as identidades dos participantes envolvidos. No caso das declarações de Bolsonaro, suas ações fora do padrão estabelecido contribuem para uma comunicação poderosa e ressoante, que ecoa em suas interações com o público e a imprensa, embora possa gerar controvérsia.

Quando se aborda o conceito de regras de conduta, a perspectiva de Goffman (2011) enfatiza a dinâmica das regras assimétricas, que resulta no tratamento diferenciado por parte dos outros em relação ao indivíduo. Nesse contexto, a relação entre Jair Messias Bolsonaro e a imprensa se revela como um ritual complexo, em que o ex-chefe de estado adota uma postura abertamente agressiva e de ataque em relação a jornalistas e meios de comunicação. No entanto, ele não aceita ser submetido ao mesmo tipo de tratamento, devido ao seu cargo

social e à sua popularidade perante o seu público, que o coloca em uma posição de superioridade que ele, aparentemente, acredita ser inquestionável.

Goffman (2011) ressalta também que as regras assimétricas podem levar a uma discrepância entre como um indivíduo age em relação aos outros e como ele espera ser tratado por eles. Isso é claramente observável na abordagem de JB à imprensa. Suas ações agressivas e ataques públicos aos jornalistas podem ser interpretados como uma tentativa de consolidar sua imagem de líder forte e destemido, que não se intimida diante das críticas. Ao mesmo tempo, ele parece não aceitar que essa mesma abordagem seja aplicada a ele, argumentando que sua posição de autoridade deve ser respeitada e protegida.

Ainda dentro da concepção das regras de conduta, Goffman (2011, p.59) argumenta que as regras cerimoniais desempenham um papel na orientação do comportamento em relação a questões consideradas de importância secundária. Elas funcionam como formas convencionalizadas de comunicação, permitindo que os indivíduos expressem seu caráter e transmitam apreciação aos outros participantes da situação. Nas sociedades, as regras de conduta são frequentemente organizadas em códigos que asseguram que todos se comportem de maneira apropriada e recebam tratamento condizente com suas ações. Em nossa sociedade, esse código abrange as leis, a moral e a ética para regras substantivas e expressões substantivas, enquanto a etiqueta compreende o código para regras cerimoniais e expressões cerimoniais.

Examinando a fala de JB: (40) "Todos não (.) uma parte considerável" - podemos identificar elementos de uma regra cerimonial. Embora suas declarações anteriores tenham sido hostis em relação à imprensa, ele demonstra uma preocupação em não generalizar suas críticas a todos os jornalistas. Essa fala em particular pode ser vista como um exercício de etiqueta, em que o político procura manter um mínimo de respeito formal, mesmo que suas ações anteriores não tenham refletido tal respeito.

Essa situação ilustra como as regras cerimoniais funcionam na prática. Apesar das ações do ex-presidente não demonstrarem respeito a nenhuma esfera jornalística, ele se vê na obrigação de se retratar ao final de suas agressões e reconhece a importância de não alienar completamente todo o setor profissional. Essa atitude pode ser atribuída à necessidade de preservar sua própria imagem pública, além da tentativa de manter algum nível de contrato social, mesmo em meio a um discurso tão efêmero.

Retomando o contexto de sua enunciação a respeito da vacina da Pfizer, entendemos que a fala de JB: (34) eu falei: "no que depender do Governo Federal, não vai ser obrigado não" / (35) "vai que vira jacaré" performatiza uma ação de negação à vacinação, o que

ênfatiza uma violência no que tange à responsabilidade social de seu cargo público. Mesmo que não haja elementos impolidos neste discurso, a violência dessa fala se performatiza através da restauração do contexto, em que diversas pessoas aguardavam desesperadamente por uma oportunidade de serem vacinadas em meio a uma pandemia devastadora, e este indivíduo, num cargo presidencial, estimula, de forma indireta, a recusa da imunização contra o vírus da covid-19. Ao enunciar em tom de “brincadeira” que uma pessoa pode virar jacaré, Jair Messias Bolsonaro sugere uma perspectiva de perigo associado à vacinação, o que pode semear dúvidas e medo entre as pessoas, contribuindo indiretamente para a hesitação em se vacinarem, o que demonstra mais uma vez sua negligência como um líder político.

Silva (2017, 2019) afirma que a construção dos significados das violências verbais não ocorre mediante uma relação direta e unidirecional entre um significado e um símbolo, mas sim por meio de mediações culturais, ideológicas e históricas. Dentro dessa perspectiva, declaramos que Jair Messias Bolsonaro não apenas demonstrou irresponsabilidade ao menosprezar a importância da vacinação de maneira jocosa, mas também agiu de forma violenta, ao ativar, por meio de seu ato de fala, um contexto de desvalorização da ciência e a propagação de discursos que questionavam a eficácia das vacinas.

Destacamos também que certos discursos não apenas carregam significados violentos, mas também possuem a capacidade de efetivamente realizar a violência que expressam, por meio da força ilocucionária dos atos e da reiteração de sentidos socialmente convencionados. JB, através do discurso, agiu de forma violenta inúmeras vezes ao contexto da pandemia, mas esta personalidade pública ainda não se responsabiliza pelas ações violentas que foram expressas através de seus atos de fala. No ano de 2022, durante uma entrevista no Jornal Nacional, o ex-presidente, ao ser indagado sobre o assunto, mais uma vez justificou que havia utilizado uma figura de linguagem naquela ocasião. A jornalista Renata Vasconcellos, então, questionou se ele considerava a situação como uma brincadeira, ao que o ex-líder do governo afirmou que sua declaração não tinha intenção de ser uma brincadeira, mas sim uma expressão derivada da literatura portuguesa. Além disso, ele reforçou que não via erro algum em suas afirmações relacionadas à pandemia.

4.3 Excerto 3: “Por que a resistência ao voto auditável?”

O excerto a ser analisado refere-se ao terceiro e último fragmento extraído da transmissão ao vivo ocorrida na quinta-feira, 24 de junho de 2021. Nesse trecho, Jair Messias Bolsonaro dedica cerca de cinco minutos para criticar certos veículos de comunicação. Dado o tamanho considerável deste excerto, optamos por desmembrá-lo em três etapas distintas, cada uma delas abordando um aspecto específico das observações feitas pelo ex-presidente, bem como as de seu convidado, Fábio Farias³⁹. Abaixo, destacamos de forma introdutória o direcionamento de cada parte:

I - Uma imprensa mentirosa e interesseira - Nesta primeira etapa, será examinada a abordagem adotada por JB, destacando sua visão de que certos veículos de comunicação são culpados por disseminar informações inverídicas com o intuito de prejudicá-lo ou atender a agendas particulares. A análise buscará compreender as estratégias retóricas- que se configuram como violentas- utilizadas pelo ex-presidente para apresentar sua perspectiva e convencer seu público de que a imprensa em questão é de fato mentirosa e movida por interesses próprios.

II - Uma imprensa omissa - Na segunda etapa, o foco se voltará para a crítica de JB em relação à imprensa que, segundo ele, falha em fornecer cobertura equilibrada e imparcial dos acontecimentos. Será examinada a maneira como o ex-presidente identifica lacunas na cobertura midiática, destacando tópicos que, de acordo com ele, foram negligenciados ou minimizados pela imprensa de forma premeditada.

III- Uma imprensa odiada - Na terceira etapa, a atenção se voltará para a dinâmica complexa do relacionamento entre JB, a imprensa e a opinião pública. Será analisada a afirmação de Bolsonaro de que certa parcela da sociedade nutre sentimentos de hostilidade em relação à imprensa. A análise explorará as estratégias comunicativas usadas pelo político para amplificar ou explorar esse sentimento de descontentamento em relação à imprensa, além de provocar um ato de ameaça aos meios de comunicação, em especial a Globo, instigando a polarização política e a violência aos jornalistas.

É importante ressaltar que, nesta fase, a análise está direcionada para a compreensão da violência incorporada no discurso de JB, e como isso repercute no tecido social democrático. Portanto, ao contrário das seções anteriores, os dados serão analisados em seu conjunto expressivo, à luz das teorias pertinentes.

³⁹ Destacamos que não temos o intuito de investigar se há mérito nas alegações do referido político sobre a omissão da imprensa, e, sim, estabelecer como critério a interpretação dos usos linguísticos e discursivos tais como “explorados” por JB e que redundam para justificar a manifestação de um discurso de ódio.

Excerto III (31min18s- 36min16s) – “Por que a resistência ao voto auditável?”

1	JAIR MESSIAS BOLSORARO	Deixo bem claro aqui
2		se o Congresso Nacional (.) aprovar e promulgar a PEC do voto impresso
3		<u>vamos ter eleições auditáveis no ano que vem e ponto final (.)</u>
4		quem tem autoridade para falar isso?
5		é o <u>Parlamento</u>
6		sou eu que sou votado (.)
7	FÁBIO FARIAS	tem muita fake-news com esse (-) com assunto
8		eles (estão) falando, presidente
9		quem é contra
10		fica falando que vão destacar o voto para levar para casa
11		não destaca nada, o voto <u>aparece</u>
12		é o voto <u>auditável</u> , não é o voto (=)
13	JAIR MESSIAS BOLSONARO	(parece que cai na urna) ninguém vai (=)
14	FÁBIO FARIAS	cai na urna e ninguém toca no voto.
15	JAIR MESSIAS BOLSONARO	até a (-) a VEJA, só falar de Veja, né (.)
16		olha a Veja aqui:
17		“o voto no retrocesso”
18		acho que o que a Veja quer é exatamente o retrocesso
19		que é esse voto (.) eletrônico que está aí
20		para poder <u>voltar</u> (-) voltar a <u>mamar</u> das propagandas do governo
21		o pessoal da imprensa tem que entender
22		se o Brasil (.) for bem (.) como está indo bem, graças a Deus, agora
23		e vai crescer <u>muito</u> (.) no meu entender (.)
24		vocês <u>ganham</u>
25		vocês vão anunciar na televisão, nos jornais, nas revistas,
26		aquilo que o Brasil <u>produz</u> (.) da iniciativa <u>privada</u>
27		NÃO PRECISA VOCÊS meterem a MÃO no bolso do contribuinte (.)
28		quase três <u>bilhões</u> por ano, de forma direta ou indireta
29		dinheiro <u>público</u>
30		para vocês fazerem o quê? (.)
31		Como disse uma pessoa há pouco tempo ae, né
32		eu acho que foi o Juca Chaves, não tenho certeza
33		a imprensa brasileira é tão boa
34		que se você <u>pagar</u> pode até dizer a verdade.
35		sabia?
36	FÁBIO FARIAS	não, não, (risos) Juca Chaves?
37	JAIR MESSIAS BOLSONARO	acho que foi o Juca Chaves
38		se você <u>pagar</u> , a imprensa pode até escrever a verdade (.)
39		é impressionante.
40		se você pega amanhã a Folha de São Paulo, O Globo, Estado de São Paulo
41		não tem UMA matéria favorável ao governo
42		não se fala <u>nada</u>
43		não <u>vão</u> falar
44		>se eu for falar da internet para eles<, não <u>vão</u> falar
45		vão falar da (.) da barragem lá de Jucurutu?
46		Não vão falar (=)
47	FÁBIO FARIAS	(incompreensível) da apodi, da (=)
48	JAIR MESSIAS BOLSONARO	não vão falar nada, <u>só tem coisa ruim</u>
49		ah, já estava na imprensa ae:

50		"Bolsonaro manda menina de dez anos tirar a máscara para continuar recitando".
51		estava uma menina sozinha recitando um <u>poema</u>
52		ninguém ouvia quase o que ela falava
53		pedi para ela:
54		"pode abaixar a máscara?"
55		abaixou a máscara e <u>falou</u> (.)
56	FÁBIO FARIAS	teve um assunto que saiu, presidente, que esse foi absurdo
57		a gente foi visitar a barragem de Oiticica
58		ai subimos lá, né, ai (-) falamos a história de Oiticica, que era desde 1952
59		nós fizemos lá umas <u>trinta</u> fotos
60		na hora da foto, o presidente olhou para o céu, apontou para o céu
61		ai disse: "vamos agradecer a Deus"
62		ai todo mundo agradeceu a Deus
63		ai saiu na (-) na imprensa que (-) tinham feito o L
64		pelo amor de Deus
65		todo mundo apontando para cima (=)
66	JAIR MESSIAS BOLSONARO	muita gente faz assim para mim, né
67		depois fazem assim
68		agora, para imprensa, é Lula
69		<u>po</u> , pessoal da imprensa, já que vocês apoiam tanto o Lula
70		convidem ele para dar um passeio em qualquer lugar
71		pode ser um lugar humilde, como nós estivemos né, em (locais) humildes
72		pode ser lá na (-) na Paulista, lá na Copacabana
73		<u>convide</u> o Lula para ir para lá, <u>po</u>
74		já que ele é tão bom assim (.)
75		convida fácil <u>po</u> , vai lá,
76		vai ver como é que o povo o recebe
77		até vocês né da imprensa né, dessa grande imprensa
78		tem >grande imprensa< como a <u>Globo</u>
79		o pessoal vai fazer entrevista e tira a logomarca da Globo
80		<u>bota a logomarca da Globo!</u>
81		vocês não estão fazendo a coisa certa? Deixa a logomarca ali
82		<u>bota</u> o carro de vocês (-) com a logomarca da Globo perto de uma manifestação
83		bota lá (.)
84		a grande mídia né, diz que nós (-) nós não estamos bem na política internacional
85		é o <u>tempo</u> todo assim
86		não nos faltou lá com o Ernesto Araújo
87		agora com o Carlos França
88		bons contatos com todos os países que precisávamos ter para conseguir insumos, etc.
89		há questão de uns dez dias (.)
90		foi votada uma cadeira não-permanente no Conselho de Segurança da ONU
91		<u>190</u> países votaram
92		sabe quantos votos o Brasil teve? <u>182</u> votos.
93		um voto contrário
94		e o restante ali - sete - abstenções
95		o Brasil está mal com a política externa?(.)
96		o que seria normal? se (estivéssemos) mal?
97		é votar <u>contra!</u>
98		não era nem se abster, era votar <u>contra</u> (.)
99		o Brasil vai muito bem. (.)

4.3.1 Uma imprensa mentirosa e interesseira

A tensão entre o presidente Jair Bolsonaro (JB) e os meios de comunicação se destaca pela frequente estratégia do político em desacreditar a imprensa, muitas vezes ligando-a à disseminação de informações distorcidas ou falsas sobre os eventos políticos. Dentro desse contexto, é possível identificar duas ocasiões em que JB, juntamente com seu convidado Fábio Farias, sugere certa deslealdade na apresentação dos fatos por parte da mídia. Primeiramente, o ex-presidente afirma que surgiram notícias falsas relacionadas à proposta de voto auditável, que era defendida pelos aliados de Jair Messias Bolsonaro. Em segundo momento, ele menciona também malícia dos meios de comunicação ao reportarem acontecimentos sobre suas visitas a apresentações públicas.

Em relação ao primeiro contexto, o convidado Fábio Farias menciona: (7) tem muita fake-news com esse (-) com assunto / (8) eles (estão) falando, presidente / (9) quem é contra/ (10) fica falando que vão destacar o voto para levar para casa / (11) não destaca nada, o voto aparece/ (12) é o voto auditável, não é o voto (=) / (14) cai na urna e ninguém toca no voto. Nesse momento, fica evidente a afirmação de Fábio Farias de que a imprensa dissemina informações distorcidas acerca de um tópico altamente controverso, apoiado pelo ex-presidente e seus seguidores: a aprovação da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) para implementar o voto auditável. Para o ex-presidente, o sistema eleitoral tradicional não oferecia transparência e segurança suficientes, abrindo margem para possíveis fraudes nas eleições.

Amossy (2014, 2017) afirma que uma das estratégias de reforçar a polarização é a desqualificação do oponente, através do desmerecimento de seus argumentos e sua pessoa, ou seja, com o objetivo de deslegitimá-lo. A desqualificação, conforme ensina a autora, “põe o adversário em descrédito, definindo-o como um homem que toma partido caracterizado pela má fé (...) e fazendo do outro o símbolo do erro e do mal.” (AMOSSY, 2014, p.61).

As declarações de Fábio Faria ilustram claramente essa estratégia de polarização, ao sugerir que a imprensa, como oponente, manipula a crítica ao voto impresso de forma desonesta. Através desse discurso, Fábio Farias está construindo uma narrativa que reforça a posição do ex-presidente JB e seus apoiadores, caracterizando a imprensa como tendenciosa e desonesta na sua abordagem ao tópico do voto auditável. Essa abordagem cria uma dicotomia

entre os defensores do voto auditável, que supostamente buscam maior transparência, e a imprensa, que é retratada como propagadora de fake-news, desleal e manipuladora, isto é, um símbolo do erro e do mal.

Amossy (2017) menciona que a violência verbal pode aparecer como estratégia eficaz para expressar julgamento de valor e para levar o adversário ao descrédito, no caso da polêmica⁴⁰. Essa tática consiste em utilizar linguagem agressiva ou depreciativa para desacreditar a posição do oponente. Nas seguintes falas de JB, percebemos a utilização dessa estratégia: (15) até a (-) a VEJA, só falar de Veja, né (.) / (16) olha a Veja aqui: / (17) “o voto no retrocesso” / (18) acho que o que a Veja quer é exatamente o retrocesso / (19) que é esse voto (.) eletrônico que está aí / (20) para poder voltar (-) voltar a mamar das propagandas do governo

Nesse conjunto de declarações, JB direciona sua retórica contra a revista Veja e seu enfoque na abordagem crítica sobre o sistema de voto eletrônico. Através do uso de expressões como "só falar de Veja" e "olha a Veja aqui," ele adota uma atitude irônica e sarcástica, sugerindo que a revista não tem valor no mercado informativo. Ainda mais, ao se referir ao "voto no retrocesso," ele desqualifica a matéria feita pela revista – que vai contra os ideais dele- e garante para seu telespectador que a Veja está promovendo uma ideia prejudicial, pois prioriza interesses pessoais.

A violência verbal de fato ocorre quando JB afirma que a revista deseja "o retrocesso" e que busca o "voto eletrônico que está aí" para voltar a receber recursos do governo. Ao utilizar a expressão "mamar das propagandas do governo," o político usa de uma expressão informal e vulgarizada, pois "mamar" adquire um sentido de parasitismo, exploração ou aproveitamento indevido dos recursos públicos por parte da imprensa. O emprego da expressão chula coloca a revista em uma posição de desonestidade, em que se busca deslegitimá-la perante o público. No entanto, ele não apresenta evidências que corroborem as insinuações feitas contra essa empresa. Dessa forma, as atitudes de JB se revelam paradoxais e incoerentes. Isso ocorre porque ele acusa uma revista bastante conhecida e de renome de disseminar informações falsas, lançando ataques diretos contra ela, mas sem fornecer provas substantivas que sustentem suas alegações.

⁴⁰ Apesar de tratar da polêmica, a autora apresenta contribuição importante para se pensar a violência verbal em contexto de polarização, por essa razão, destacamos alguns conceitos que julgamos pertinentes para a análise, uma vez que narrativas polarizadoras encontraram eco na e ganharam força na guerra cultural e despolitização da *pólis*, engendrada pela extrema direita, conforme João Cesar de Castro Rocha (2023) bem aponta e argumenta no primeiro volume de **Bolsonarismo**: da guerra cultural ao terrorismo doméstico.

Essas enunciações de JB demonstram a aplicação da estratégia de violência verbal para polarização conforme discutida por Amossy. Ele busca não apenas expressar seus julgamentos de valor sobre a mídia crítica, mas também desacreditar seus argumentos e motivações através da utilização de termos banais, caracterizando-a como adversária e não confiável. A estratégia visa polarizar a narrativa e solidificar sua própria posição de forma a fortalecer a lealdade de seus apoiadores, enfraquecendo a influência da imprensa.

Após suas declarações direcionadas à revista VEJA, Jair Messias Bolsonaro expande sua crítica para abarcar toda a mídia, conforme refletido nas falas subsequentes: (27) NÃO PRECISA VOCÊS meterem a MÃO no bolso do contribuinte (.) / (28) quase três bilhões por ano, de forma direta ou indireta / (29) dinheiro público / (30) para vocês fazerem o quê? (.) / (31) Como disse uma pessoa há pouco tempo ae, né / (32) eu acho que foi o Juca Chaves, não tenho certeza / (33) a imprensa brasileira é tão boa / (34) que se você pagar pode até dizer a verdade. / (35) sabia?

Essa ampliação da crítica à imprensa é interessante de analisar à luz das ideias de Judith Butler (2021, p. 89), que questiona como o discurso adquire autoridade para efetuar o que ela chama de "citações performativas" e como essas citam convenções linguísticas de autoridade. A autora argumenta que, quando um ato performativo alcança sucesso provisório, isso não se deve apenas à intenção que guia a fala, mas também porque a ação ecoa práticas passadas, acumulando autoridade por meio da repetição de práticas autoritárias anteriores. Em outras palavras, o ato de fala não acontece em um vácuo isolado, mas emerge de práticas rituais e históricas. "Nenhum termo ou afirmação pode funcionar performativamente sem a historicidade acumulativa e dissimuladora da força" (BUTLER, p. 90, 2021).

Portanto, um ato agressivo para ferir precisa operar por meio da acumulação e da dissimulação de sua força. No caso de Jair Messias Bolsonaro, ao incessantemente afirmar que a imprensa é corrupta e mentirosa – muitas vezes sem provas -, ele não apenas performatiza a ação de desacreditar a mídia no momento de sua fala, mas também cria uma história acumulativa de autoridade para seus atos de fala. Isso resulta em um aumento de potência e uma escalada da violência à medida que a repetição das declarações se ritualiza na sociedade, contribuindo, dessa maneira, para a cristalização de ideias e crenças com pautas conspiratórias e anti-democráticas.

Ao dizer e repetir que a imprensa só fala a verdade quando subornada, Bolsonaro mobiliza o princípio de que a mídia não cumpre seu papel informativo, sendo inútil e merecendo desprezo. Essa postura, ativada pela força ilocucionária de seus discursos, pode incitar e embasar discursos de ódio contra a mídia, especialmente entre seus seguidores.

Portanto, independentemente da intenção inicial de Bolsonaro, suas ações discursivas desencadeiam outras ações injuriosas, com efeitos amplificados. Essa análise nos ajuda a compreender como as palavras de Bolsonaro, ao serem repetidas e ritualizadas, ganham poder e podem se tornar catalisadoras de atitudes mais extremas. Em nosso entender, essa atitude corrobora o que Rocha (2023) denomina de dissonância cognitiva coletiva, constituindo-se como uma estratégia que não só mina o debate público (por isso não há polêmica, e, sim, polarização), quanto visa à eliminação do outro, no caso, aqui, a imprensa:

O que a extrema direita tem feito no plano da política é a despolitização do debate público para avançar o projeto político totalitário de eliminação completa do adversário ou do outro que resiste. (ROCHA, 2023, p. 153).

Além das declarações iniciais destacadas no início do trecho, Jair Messias Bolsonaro e seu convidado, Fábio Farias, retomam posteriormente a discussão centrada na desconfiança em relação à mídia, intensificando assim a performatização de seus atos de fala. Isso fica evidente no trecho a seguir:

56. FÁBIO FARIAS: teve um assunto que saiu, presidente, que esse foi absurdo
57. a gente foi visitar a barragem de Oiticica
58. aí subimos lá, né, aí (-) falamos a história de Oiticica, que era desde 1952
59. nós fizemos lá umas trinta fotos
60. na hora da foto, o presidente olhou para o céu, apontou para o céu
61. aí disse: "vamos agradecer a Deus"
62. aí todo mundo agradeceu a Deus
63. aí saiu na (-) na imprensa que (-) tinham feito o L
64. pelo amor de Deus
65. todo mundo apontando para cima (=)
66. JAIR MESSIAS BOLSONARO: muita gente faz assim para mim, né
67. fazem assim
68. agora, para imprensa, é Lula

Nessa sequência, as falas resgatam um contexto em que a mídia relatou que o ex-presidente teria, durante uma apresentação pública, supostamente feito um gesto promovendo seu oponente, Luiz Inácio Lula da Silva, pedindo que a multidão fizesse o sinal "L", símbolo da candidatura de Lula à presidência. Nesses enunciados, não se observam indícios claros de violência explícita, mas sim comentários sobre mais um incidente em que a imprensa teria agido de maneira prejudicial ao ex-presidente. No entanto, essa retomada do contexto, que insinua uma narrativa falsa divulgada pela mídia, mais uma vez fortalece a estratégia de descredibilização dos principais meios de comunicação.

4.3.2 Uma imprensa omissa

Outra pauta que foi abordada neste excerto é a alegação de omissão da imprensa em relação às realizações do governo. Segundo o ex-presidente, a falta de cobertura midiática em relação às conquistas e projetos executados durante seu mandato, ou a recusa em divulgar matérias que favoreçam sua gestão, configura, ainda que de forma implícita, um tipo de perseguição contra ele. Em outras palavras, conforme a perspectiva do político, além de disseminar informações distorcidas sobre sua administração, a imprensa também se abstém de apresentar ao público as realizações positivas do governo. Esse comportamento, de certa forma, contribui para a manipulação da opinião pública.

Neste trecho, JB menciona: (40) se você pega amanhã a Folha de São Paulo, O Globo, Estado de São Paulo/ (41) não tem UMA matéria favorável ao governo/ (42) não se fala nada/ (43) não vão falar / (44) >se eu for falar da internet para eles<, não vão falar/ (45) vão falar da (.) da barragem lá de Jucurutu? / (46) Não vão falar (=)/ (48) não vão falar nada, só tem coisa ruim

Certamente, a dinâmica de conflito entre a imprensa e políticos é um fenômeno constante não apenas no Brasil, mas também em âmbitos políticos globais. Essa interação muitas vezes deriva das divergências de interesses, metas e visões entre esses dois grupos. Diversos fatores contribuem para essa tensão, incluindo a busca pelo controle da narrativa pública, diferenças ideológicas, discordâncias em relação a políticas governamentais e a luta por visibilidade e influência. Portanto, seria ingênuo supor que a imprensa opera de forma totalmente neutra, sem considerar certos interesses. A imprensa desempenha um papel central na formação da opinião pública e, devido a essa influência, muitas vezes não é imparcial, resultando em conflitos com líderes políticos.

No entanto, é importante recordar que a imprensa é garantida constitucionalmente no Brasil. A liberdade de imprensa é protegida pelo Artigo 220 da Constituição Federal de 1988⁴¹, conforme se observa abaixo:

Art. 220. A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo, não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição.

⁴¹ https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

Parágrafo único. Nenhuma lei conerá dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística em qualquer veículo de comunicação social, observado o disposto no art. 5º, IV, V, X, XIII e XIV. (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988)

Desse modo, é crucial que tanto a população quanto os atores políticos exijam dos meios de comunicação um serviço ético, livre e responsável, que priorize a veracidade das informações e mantenha o compromisso com o público. É necessário garantir que os interesses pessoais dessas instituições não se sobreponham à promoção da transparência em diversos setores, incluindo negócios e instituições. No entanto, nenhuma estratégia de repressão e censura aos meios de comunicação de nossa nação é aceitável e cabível legalmente.

O ponto que buscamos examinar nesta seção é até que ponto é justificável a adoção de hostilidade e violência em prol da exposição de supostas falhas do adversário. No contexto de Jair Messias Bolsonaro, ex-presidente de uma nação, a forma desconsiderada e não civilizada com que ele se refere à imprensa revela um rompimento do equilíbrio nas relações sociais. Nesse cenário, a postura de combate e aniquilação do oponente, considerado um inimigo, ultrapassa os limites das normas de respeito social, elevando as interações a um nível de conflito no qual o diálogo e a tentativa civilizada de comunicação estão ausentes. As atitudes de JB, ao se mostrar hostil e usar linguagem violenta contra a imprensa, ilustra o pensamento de Butler (2021):

Embora pensemos em autodefesa como resposta contra um golpe vindo de fora, o eu privilegiado não precisa de tal estímulo para estabelecer suas demarcações e policiar suas exclusões. Qualquer possível ameaça – ou seja, qualquer ameaça imaginada, qualquer fantasma de ameaça – é suficiente para desencadear a violência em nome próprio. (BUTLER, p. 27, 2021)

Mesmo que a estratégia da violência seja provocada e justificada pelo ponto de vista de JB, ela levanta questionamentos discutidos por Butler (2021, p. 24): devemos recorrer à violência apenas porque outros a empregam? Segundo a autora, esse argumento se baseia no princípio da reciprocidade direta, sugerindo que qualquer ação adotada por outros permite ao sujeito atacado adotar a mesma ação. Entretanto, Butler (2021) lança a seguinte indagação: a ação do outro é justificável? A partir dessa pergunta, a autora reflete que “o medo, ao que tudo indica, é de que, se deixarmos a questão da justificação de lado, toda violência será justificada. (p. 31)”.

Nesse contexto, a atitude de JB e sua abordagem hostil à imprensa ressoam a argumentação de Butler (2021), isto é, mesmo que o ex-presidente considere (e invoque) uma reação justificada pelo comportamento da imprensa, a reflexão sobre a legitimidade da

violência torna-se crucial. Destacamos duas passagens de Rocha (2023) que ilustram como a retórica do ódio tornou-se a base do governo Bolsonaro. Apoiada em um conjunto de crenças, facilmente acessíveis e amplificadas nos ambientes digitais, colocou (e coloca) em risco os princípios democráticos, esses defendidos por Butler (2021), que, uma vez fragilizados e destruídos, seriam responsáveis pelo enfraquecimento dos e pelo ataque aos laços sociais e interpessoais, ou seja, aos laços vitais. Diz Rocha o seguinte:

Em apenas dezenove meses no governo, o bolsonarismo tornou-se a mais eficiente e perversa máquina de destruição de toda a história republicana, representando à democracia uma ameaça ainda mais assustadora do que os excessos da própria ditadura civil-militar.

Os bolsonaristas sabem exatamente o que estão fazendo e sem dúvida se congratulam ao escutar que o bolsonarismo não existe: é mais fácil destruir se não se reconhece a sua existência. Por fim, esse ânimo forjou sua linguagem: a retórica do ódio. (ROCHA, 2023, p. 60)

4.3.3 Uma imprensa odiada

Neste trecho, o ex-presidente inicia sua fala sugerindo de forma subtendida que a população brasileira teria aversão ao seu oponente político, Lula. Com um tom sarcástico, ele desafia a imprensa a convidar Lula para passear em locais públicos, insinuando que as pessoas o receberiam com hostilidade. Observe as falas: (69) po, pessoal da imprensa, já que vocês apoiam tanto o Lula/ (70) convidem ele para dar um passeio em qualquer lugar / (71) pode ser um lugar humilde, como nós estivemos né, em (locais) humildes/ (72) pode ser lá na (-) na Paulista, lá na Copacabana / (73) convide o Lula para ir para lá, po/ (74) já que ele é tão bom assim (/) (75) convida fácil po, vai lá, / (76) vai ver como é que o povo o recebe.

Em seguida, o recado se direciona diretamente à imprensa, em especial à emissora de TV Globo: (77) até vocês né da imprensa né, dessa grande imprensa/ (78) tem >grande imprensa< como a Globo / (79) o pessoal vai fazer entrevista e tira a logomarca da Globo / (80) bota a logomarca da Globo! / (81) vocês não estão fazendo a coisa certa? Deixa a logomarca ali/ (82) bota o carro de vocês (-) com a logomarca da Globo perto de uma manifestação / (83) bota lá (/) / (84) a grande mídia né, diz que nós (-) nós não estamos bem na política internacional / (85) é o tempo todo assim.

Com essa fala, JB exarceba a polarização e a provocação contra a imprensa, especialmente, a TV Globo, em geral, alvo de ataques de políticos de distintas tendências. A

questão que se coloca em relação a este ataque deliberado e intencional é a forma como é feito e o que instiga. Não se trata de uma provocação que visa à crítica, ao debate, ao diálogo; ao contrário, trata-se de um ataque com vistas à eliminação do outro, conforme já assinalado, contribuindo para a disseminação de uma guerra cultural. Em contextos de guerra, Butler (2021) explica que:

O poder de destruição liberado pela guerra rompe os laços sociais e produz raiva, vingança e desconfiança (amargura), de modo que não fica claro se a reparação é possível; isso mina não só relações construídas no passado, mas também a possibilidade futura de coexistência pacífica. (BUTLER, p. 123, 2021)

Ou seja, minam-se as possibilidades relacionais, de convívio social (não necessariamente harmonioso), instaurando-se uma dinâmica social e política com impulso subjacente de destruição tal como ocorre numa guerra. A autora sugere que, muitas vezes, os objetivos formais de uma guerra podem ser delicados e vulneráveis quando comparados à força avassaladora do desejo de causar devastação. Essencialmente, a guerra é encarada como uma empreitada que busca remover as barreiras que normalmente contêm as ações humanas, chegando a extremos e concedendo aos soldados uma espécie de licença para infligir violência e morte.

Embora a afirmação possa soar excessiva à primeira vista, especialmente quando aplicada a situações de conflito entre opositores que talvez não se enquadrem na tradicional definição física de guerra, como observado nos campos de batalha convencionais, podemos argumentar que as ideias de Butler (2021) ganham relevância quando consideramos a ampla influência da guerra em contextos ideológicos, especialmente no cenário político.

O que torna essa análise ainda mais relevante é o alerta dado por Butler (2021, p. 123) quando ela ressalta que, independentemente da forma que a guerra assume há sempre o risco latente de que sua força destrutiva possa transcender os objetivos expressos e as intenções conscientes dos envolvidos. Isso nos conduz a uma visão mais abrangente da guerra como uma força que ultrapassa as fronteiras físicas, penetrando nas fibras da sociedade, moldando perspectivas, impulsionando ações e, por vezes, minando a coexistência pacífica, como é o caso da guerra cultural como aponta Rocha (2021; 2023).

Conforme Rocha observou, durante o mandato de Jair Messias Bolsonaro, testemunhamos a "guerra cultural bolsonarista". Esse fenômeno se destaca como um verdadeiro eixo de projeto autoritário de poder encabeçado pelo próprio ex-presidente: "A guerra cultural implica um entendimento fundamentalista do mundo, cujo corolário é a

eliminação pura e simples de tudo que seja adversário” (ROCHA, p. 113, 2021). O autor vai além, sustentando que essa guerra cultural bolsonarista foi concebida como um projeto estratégico com o propósito de minar completamente as instituições estabelecidas pela Constituição de 1988.

Retomando as observações feitas nesta subseção, emerge de maneira clara o sentimento de destruição ou eliminação do outro, caracterizado como um adversário, no ponto de vista de Jair Messias Bolsonaro. As estratégias de comunicação que ele emprega parecem buscar catalisar esse sentimento e encorajar atitudes agressivas. Através de suas falas, como “(73) convide o Lula para ir para lá, po/ (74) já que ele é tão bom assim ./ (75) convida fácil po, vai lá, / (76) vai ver como é que o povo o recebe”, percebemos a implantação de um tom de chantagem e provocação.

O mesmo estímulo à violência volta ocorrer quando JB diz aos meios de comunicação: / (80) bota a logomarca da Globo! / (81) vocês não estão fazendo a coisa certa? Deixa a logomarca ali/ (82) bota o carro de vocês (-) com a logomarca da Globo perto de uma manifestação / (83) bota lá. Evidenciamos que há uma sugestão de uma postura confrontadora e desafiadora em relação aos meios de comunicação. Ele insinua que a exposição da logomarca da Globo em meio a seus seguidores poderia resultar em ações hostis contra a emissora. Isso sugere, de forma implícita, a possibilidade de atos de violência física ou ameaças, representando uma instrumentalização de seu público como força de confronto. Essa tática retórica, ao sugerir o uso da força, pode ser comparada à estratégia de uma guerra física, em que um líder militar autoriza suas tropas a agirem de maneira agressiva. Através dessa analogia, é como se Bolsonaro estivesse dando a entender que seus seguidores (ou soldados?) têm permissão para agir com violência ou intimidação em situações onde a emissora Globo – ou outros meios de comunicação que o confrontam – se façam presentes.

Concluimos, ao término desta análise, que a presença de discursos carregados de violência por parte do político Jair Messias Bolsonaro se consolida no momento em que se estabelece a chamada "guerra cultural bolsonarista" (ROCHA, 2021). Nesse cenário, o objetivo é a erradicação, anulação e eliminação de tudo e todos que contrariem seus ideais. Esses atos verbais não apenas expressam violência, mas também agem como uma representação de ações violentas direcionadas ao sistema democrático. Isso é particularmente relevante, uma vez que, como bem assinala Rocha: “a democracia não é um regime que impõe a vontade da maioria, mas, ao contrário, um sistema que garante plenos direitos às minorias e aos perdedores em eleições” (ROCHA, p. 116, 2021).

Conseqüentemente, encerramos essa subseção ressaltando a última declaração de Jair Bolsonaro mencionada no trecho: "(100) vão (h) ter que me engolir, po." Afirmamos que um governo autoritário não é compatível com um estado democrático e sublinhamos que não cabe à minoria se submeter à maioria, conforme foi proferido pelo próprio político em uma exposição pública em Minas Gerais, em 15/07/2022. Em vez disso, é nossa responsabilidade lutar pela preservação dos direitos de todos. Portanto, não estamos obrigados a tolerar/“engolir” qualquer forma de violência

4.4 As fórmulas convencionais de impolidez (Culpeper 2011) a partir das falas de Jair Bolsonaro.

Nosso conjunto de dados foi cuidadosamente elaborado com o objetivo de identificar e destacar a construção de uma face violenta adotadas pelo presidente Bolsonaro em suas interações. Durante nossa análise, observamos que em diversos momentos ele adotou uma postura impolida e hostil, a qual, por vezes, parecia não estar em conformidade com as expectativas sociais associadas ao seu cargo público. Em decorrência disso, afirmamos que Jair Bolsonaro, nas interações que foram analisadas, empregou recursos e estratégias de impolidez, muitas vezes profanando a imprensa.

Conforme discutido anteriormente, Culpeper (2011, p. 135-6) destaca a possibilidade de pensar em formas convencionalizadas de impolidez, caracterizadas como estruturas linguísticas comumente utilizadas para causar ofensas. Nesse contexto, o autor desenvolve fórmulas convencionalizadas de impolidez a partir de construções sintático-semânticas e escolhas lexicais associadas à impolidez, considerando sua regularidade em interações impolidas.

A abordagem proposta pelo autor, ao identificar e analisar essas fórmulas convencionalizadas de impolidez, oferece uma perspectiva reflexiva para compreender as dinâmicas linguísticas associadas a comportamentos que transgridem as normas sociais. Vale ressaltar que a impolidez não é um conceito absoluto e imutável, por isso tivemos o cuidado de avaliar não apenas as palavras ou construções isoladas, mas também o contexto mais amplo em que são empregadas.

Ao aplicar as fórmulas convencionalizadas de impolidez (Culpeper, 2011) à análise do discurso de JB sobre a imprensa brasileira, a intenção é evidenciar e categorizar expressões

que demonstram o rompimento dos contratos civilizatórios, e que, em sua maioria, acabam resultando em violência. Isso sugere um interesse em entender como as dinâmicas de linguagem impolida podem se manifestar na mídia e no campo político, onde os discursos são amplamente públicos e sujeitos a interpretações diversas.

Portanto, com base na tabela desenvolvida por Culpeper (2011), elaboramos uma tabela com o objetivo de retomar e sintetizar as expressões impolidas utilizadas por JB nos três fragmentos de nossa análise. Este quadro proporcionará uma visualização mais clara das estratégias de impolidez empregadas nas interações analisadas, a saber:

Tabela 4: Expressões impolidas utilizadas por Jair Messias Bolsonaro

Fórmulas convencionais de impolidez elaboradas por Culpeper (2011, p. 135-6)	Falas de Jair Messias Bolsonaro retiradas dos três excertos de análise
Insultos - Vocativos negativos personalizados	Não é com jornalista, esses picaretas de grande parte da imprensa ae, os picaretas da Folha, do Estado, da Globo
Insultos - Afirmções negativas personalizadas	1. Não manjam nada (os jornalistas) 2. O pior é se virasse mentiroso igual vocês são da imprensa, sem caráter.
Insultos - Referências negativas personalizadas	Querem é esse voto eletrônico que está aí para poder voltar a mamar das propagandas do governo
Insultos - Referências negativas personalizadas para uma terceira pessoa (em presença do alvo)	Falta de caráter de muitos, de muitos.
Críticas/apontamentos incisivos	1. Dae quando faz uma pergunta idiota, é comum, comuníssimo né, esse pessoal da imprensa, da Globo em especial, fazer pergunta idiota 2. A ema tomou, segundo os imbecis da imprensa...
Perguntas e/ou pressupostos desagradáveis	A imprensa brasileira é tão boa, que se você pagar pode até dizer a verdade. Sabia?
Soberba	Fica cheio de mimimi
Ameaças	1. Bota a logomarca da Globo! vocês não estão fazendo a coisa certa? Deixa a logomarca ali bota o carro de vocês com a logomarca da Globo perto de uma manifestação bota lá! 2. vão (h) ter que me engolir, po. 3. vamos ter eleições auditáveis no ano que vem e ponto final.
Expressões negativas (por exemplo, maldições,	Dispensio Globo, a Folha, Estado de São

desejos ruins)	Paulo, essas porcarias todas, dispenso.
----------------	---

FONTE: Goulart, Marcele. 2023

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas considerações finais deste estudo, emerge a reflexão sobre as intrincadas nuances da impolidez e da violência verbal presentes nas interações analisadas do presidente Jair Bolsonaro com a imprensa brasileira. A cuidadosa observação desses episódios revelou não apenas a frequência da adoção de posturas impolidas, mas também a aparente desconformidade dessas atitudes com as expectativas associadas ao exercício de seu cargo público.

Contudo, também identificamos situações discursivas em que a impolidez estava presente, mas era utilizada de forma sarcástica para cativar a audiência, sem necessariamente resultar em ataques violentos aos meios de comunicação. Da mesma forma, houve casos em que não encontramos termos impolidos explicitamente, mas percebemos a presença de ações violentas em suas falas, o que, por sua vez, transmitia ódio através de uma postura confrontadora e desafiadora em relação à imprensa.

Os resultados de nossa análise evidenciaram que, embora alguns comportamentos verbais fossem tipicamente impolidos, eles não eram uniformemente impolidos, sendo a interpretação dependente do contexto em que ocorriam. Portanto, a percepção do comportamento impolido está intrinsecamente ligada ao grau de violação das normas e à análise do contexto específico, levando em consideração o tipo de valor ou expectativa que esse comportamento inadequado desafia. A violência verbal, nesse contexto, vai além da quebra das regras sociais e se fundamenta na possibilidade de destruir o oponente, priorizando o confronto e a eliminação, quase como se fosse um ato de guerra verbal.

Ressaltamos que, além de utilizamos como suporte teórico as obras de autoras como Judith Butler (2021), Silva e Alencar (2013), e Ruth Amossy (2020) para refletir sobre o fenômeno da violência linguística e como ela se tornou uma ferramenta de ação nos discursos de Jair Messias Bolsonaro, recorreremos também às contribuições de Jonathan Culpeper (2011, 2017, 2021) para analisar as estratégias de impolidez empregadas pelo ex-presidente com o intuito de intensificar seus ataques à imprensa. Sob os preceitos dessas teorias, evidenciamos que quando uma autoridade governamental ataca publicamente os meios de comunicação, isso não apenas afeta as interações imediatas, mas também deixa uma marca duradoura na identidade dessas instituições.

As considerações finais desta pesquisa representam a culminação de nossos esforços ao longo deste estudo que se propôs a analisar os ataques públicos à imprensa brasileira

realizados pelo ex-presidente Jair Messias Bolsonaro durante interações mediadas pelo formato de transmissões ao vivo, conhecido como "Live". Situamos nosso trabalho no campo da Pragmática e da Sociolinguística Interacional, explorando temas relacionados à elaboração e manutenção da face, estratégias de impolidez e a presença de violência verbal nas comunicações. Nossa motivação para essa pesquisa surgiu em decorrência das frequentes ocorrências de ataques públicos à imprensa, com destaque para os anos de 2020 e 2021.

Outro ponto que vale destaque em nossas observações é que, mesmo em um ambiente diferente, os internautas continuam a reproduzir certos comportamentos que são típicos das interações face a face. No caso das "lives", percebemos que as interações frequentemente seguem um roteiro pré-estabelecido, direcionando os diálogos. No entanto, durante o discurso do ex-presidente, observamos oscilações entre a construção de uma face agressiva contra os meios de comunicação e sua representação como vítima dos ataques dos chamados "inimigos". Essa variação demonstra que as interações virtuais muitas vezes seguem padrões semelhantes às interações presenciais, e o trabalho na construção e manutenção da face nesse ambiente pode até ser intensificado devido às particularidades do ciberespaço.

Portanto, este estudo levou em consideração os princípios e processos interacionais do mundo físico para entender como são replicados e ampliados no ambiente virtual. Para isso, recorreremos às contribuições teóricas de Erving Goffman (2011), especialmente seus conceitos sobre face, identidade social e rituais de interação. Esses fundamentos teóricos foram essenciais para lançar luz sobre o comportamento adotado pelo ex-presidente Bolsonaro durante essas interações virtuais.

Não podemos negar que as interações humanas são marcadas tanto por momentos de entendimento como por desencontros. No contexto político, os confrontos e ataques são particularmente comuns, especialmente quando a polarização se intensifica e se manifesta de forma mais evidente. A opção pelo conflito e pelos ataques verbais torna-se, em algumas circunstâncias, uma escolha considerável, embora as consequências possam ser percebidas como violações das regras de civilidade. É importante ressaltar que, embora possamos questionar os ataques de natureza ofensiva, esse questionamento não apaga o impacto das ofensas proferidas. Portanto, nosso objetivo foi analisar esses eventos de forma científica, fornecendo dados e reflexões confiáveis sobre o discurso violento que ocorre deliberadamente nas redes sociais e suas implicações.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Claudiana Ferreira de. FERREIRA, Dina Maria Martins. Por uma ‘Nova Pragmática emancipatória’. **Trabalhos de Linguística Aplicada**. n. 52.2, p. 271 – 285, jul/dez 2013.

AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. Coleção dirigida por Michel Meyer. Coordenação de trad. Mônica Magalhães Cavalcante. São Paulo: **Contexto**, 2017.

AMOSSY, Ruth. Por uma análise discursiva e argumentativa da polêmica. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, p. 227-244, 2017.

AMOSSY, Ruth; ZAVAGLIA, Adriana. O lugar da argumentação na análise do discurso: abordagens e desafios contemporâneos. **Filologia e linguística portuguesa**, n. 9, p. 121-146, 2007.

ARAÚJO, Willian. Ciberativismo: levantamento do estado da arte na pesquisa no Brasil. In: V Simpósio Nacional ABCiber , 2011, Santa Catarina. ABCiber. Santa Catarina: UDESC/UFSC, 2011. p.1-15

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: **Artes Médicas**, 1990 [1962].

BAKHTIN, Mikhail. O Enunciado como unidade da comunicação discursiva. Diferença entre essa unidade e as unidades as línguas (palavras e orações). **Estética da criação verbal**. 4ªed. São Paulo: Martins Fontes editora LTDA, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261-306.

BALOCCO, A.E. e SHEPERD, T. M. G. A violência verbal em comentários eletrônicos: um estudo discursivo-interacional. In: **DELTA**, 2017. v.33. n.4 p. 1013-1037.

BARRETO FILHO, Ricardo Rios. impolidez em interações online no facebook. **LETRAS EM REVISTA**, v. 10, n. 01, 2020.

BARRETO FILHO, Ricardo Rios; DE BARROS, Kazue Saito Monteiro. Footing, estrutura de participação e formato de produção no espaço on-line: um estudo da interação no Facebook. **Veredas-Revista de Estudos Linguísticos**, v. 25, n. 1, 2021.

BARRETO FILHO, Ricardo Rios; FERNANDES, Otávia Pinheiro Pedrosa. “A senhora tá totalmente descontrolada”: as avaliações da impolidez no caso de machismo na CPI da Pandemia no Brasil. **Revista do GELNE**, v. 25, n. 1, p. e30651-e30651, 2023.

BUTLER, Judith (2021), **A força da não-violência**. Lisboa: Edições 70, 166 pp. Tradução de Hugo Barros [ed. orig. 2020]

BUTLER, Judith, **Discurso de ódio: uma política do performativo**. São Paulo: Editora Unesp digital. 2021

CABRAL, A. L. T.; LIMA, N. V. Argumentação e polêmica nas redes sociais: o papel de violência verbal. **Signo**. Santa Cruz, v. 42, n. 73, jan./abril 2017, p.86-97.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco; DE LIMA, Nelci Vieira. Interações conflituosas e violência verbal nas redes sociais: polêmica em comentários no Facebook. **Revista (Con) textos linguísticos**, v. 12, n. 22, p. 39-58, 2018.

CULPEPER, Jonathan. **Impoliteness: Using language to cause offence**. Cambridge University Press, 2011.

CULPEPER, Jonathan; HAUGH, Michael; KÁDÁR, Dániel Z. (Ed.). **The Palgrave handbook of linguistic (im) politeness**. London: Palgrave Macmillan, 2017.

DE MELLO, Cleide Maria. A contemporaneidade de Goffman em tempos de redes sociais: reações a uma denúncia de racismo corporativo. **Veredas-Revista de Estudos Linguísticos**, v. 25, n. 1, 2021.

DE OLIVEIRA, Maria do Carmo Leite. Goffman na era digital: um estudo da interação no WhatsApp. **Veredas-Revista de Estudos Linguísticos**, v. 25, n. 1, 2021.

Federação nacional dos jornalistas (fenaj). **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil**. São Paulo: FENAJ, 2021.

FERNANDES, Cleudemar Alves. Contribuições de Erving Goffman para os estudos linguísticos. **Cadernos de linguagem e sociedade**, v. 4, p. 94-94, 2000.

GASTALDO, Édison. Goffman e a interação por videoconferência: notas teórico-metodológicas. **Veredas-Revista de Estudos Linguísticos**, v. 25, n. 1, 2021.

GASTALDO, Édison. Goffman e as relações de poder na vida cotidiana. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 23, p. 149-153, 2008.

GOFFMAN, Erving. A elaboração da Face. In: FIGUEIRA, Sergio Augusto (org.). **Psicanálise e ciências sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980, p-76-144

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana. 20 ed.** Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

GOFFMAN, Erving. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, Branca Telles (org). **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Loyola, 2017, p- 1-15

GOFFMAN, Erving. Footing. In: RIBEIRO, Branca Telles (org). **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Loyola, 2017, p- 70-97

GOFFMAN, Erving. **Interaction Ritual: Essays in Face to Face Behavior**. New York, 1967.

LEMOS, André. Cibercultura e mobilidade: a era da conexão. In: XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2005, Rio de Janeiro. Intercom. Rio de Janeiro: Uerj, 2005. p. 1 - 17.

MARCONDES, Danillo. **A Pragmática na filosofia contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p.62

MARCONDES, Danillo. Desenvolvimentos recentes na teoria dos atos de fala. O que nos faz pensar: **Revista do Departamento de Filosofia da PUC-Rio**, 2003, 25-39.

MARCONDES, Danillo. **Filosofia, linguagem e comunicação**. São Paulo, Cortez, 2000, p. 168.

MARCONDES, Danilo. Teoria dos Atos de Fala como concepção pragmática de linguagem. Filosofia Unisinos. **Revistas.unisinos.br**: 2006 vol. 7.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. (2007). **Cognição, Linguagem e Práticas Interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna (Série Dispersos). 176 pp.

MEY, Jacob. *As vozes da sociedade: seminários de pragmática*. Campinas: **Mercado de Letras**, 2001.

OLIVEIRA, Maria do Carmo Leite de. Entrevista à Profa. Dra. Maria do Carmo Leite de Oliveira In: **Soletras**. n.39, jan.-jun., 2020, p.7.

OTTONI, Paulo. John Langshaw Austin e a visão performativa da linguagem. **D.E.L.T.A.** vol. 18, n. 1, 2002, p. 117-183

PEREIRA, Maria das Graças Dias; GASTALDO, Édison; VIEIRA, Amitza Torres. *O legado de Goffman aos estudos da interação social*. 2021.

POLIVANOV, Beatriz Brandão; CARRERA, Fernanda Ariane Silva. Rupturas performáticas em sites de redes sociais: um olhar sobre fissuras no processo de apresentação de si a partir de e para além de Goffman. **Intexto**, p. 74-98, 2019.

QUEIROZ, Eliani. *Ciberativismo: a nova ferramenta dos movimentos sociais*. Goiânia: **Panorama**, 2017, v. 7, nº1, p. 2-5.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Nova pragmática: fases e feições de um fazer**. São Paulo: **Parábola Editorial**, 2010.

RECUERO, Raquel. Atos de Ameaça a Face e a Conversação em Redes Sociais na Internet. In: Alex Primo. (Org.). **Interações em Rede**. 1ed. Porto Alegre: Sulina, 2013, v. 1, p. 51-7.

RECUERO, Raquel. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. Rio Grande do Sul: **Verso e Reverso**, 2014.

RIBEIRO, Branca Falabella (org.). Apresentação. In: RIBEIRO, Branca Falabella (org.) **Sociolinguística interacional: perspectivas inspiradoras e desdobramentos contemporâneos**. **Mórula**, 2020, p. 23.

ROCHA, João Cezar de Castro; RIBEIRO, Cláudio. Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político. **(No Title)**, 2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Sobre o autoritarismo brasileiro. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2019. *Sociology*, n. 94, p. S95-S120, 1988.

SILVA, D. N., & ALENCAR, C. N. de. A propósito da violência na linguagem. **Cadernos De Estudos Linguísticos**, 2013. p. 129-146.

SILVA, Danillo da Conceição Pereira. (Meta) pragmática da violência linguística: patologização das vidas trans em comentários online. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 58, p. 956-985, 2019.

SILVA, Danillo da Conceição Pereira. Atos de fala transfóbicos no ciberespaço: uma análise pragmática da violência linguística. 2017.

SILVA, Danillo da Conceição Pereira. **Quando dizer é violentar: violência linguística e transfobia em comentários online**. Editora Devires, 2019.

VELHO, Gilberto. Goffman, mal-entendidos e riscos interacionais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, p. 145-147, 2008.

VILLELA, Gabriel & Sampaio de Almeida, Fabio & Giorgi, Maria Cristina. O gênero discursivo live - tensões entre saberes acadêmicos e políticos ao vivo no instagram. **In: Pesquisa com gêneros discursivos: interrogando práticas de formação docente**. Rio de Janeiro: Cartolina, 2020, p. 32-46.

WILSON, Victoria. “Cuidado, presidente”—a não violência como compromisso ético. **Diacrítica**, v. 36, n. 3, p. 174-191, 2022.

WILSON, Victoria. Afeto e ethos interacional: a construção de emoções no discurso em situações de reclamação. In: II Congresso Nacional da ABRALIN, 1999, Florianópolis. Caderno de resumos, 1999. p. 148-9.

WILSON, Victoria; MARTELOTTA, Mario ; OLIVEIRA, Mariangela Rios de ; CEZARIO, Maria Maura ; CUNHA, M. A. F. ; VOTRE, Sebastião . **Manual de Linguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008. v. 1. 254p.

WILSON, Victória; WIEDEMER, M. L. Por uma abordagem discursiva da linguagem: esboço de um estudo e de um entendimento. In: Marcos Luiz Weidemer. (Org.). **Estudos linguísticos contemporâneos: questões e tendências**. 1ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2019, v. 1, p. 11-33.

WODAK, Ruth; CULPEPER, Jonathan; SEMINO, Elena. Shameless normalisation of impoliteness: Berlusconi’s and Trump’s press conferences. **Discourse & Society**, v. 32, n. 3, p. 369-393, 2021.

AFFONSO, Julia. Projeto de Fake News vai à votação na Câmara, mas votos para aprovar não estão garantidos. São Paulo: Estadão, 2023. Disponível em:

<https://www.estadao.com.br/politica/projeto-de-fake-news-vai-a-votacao-na-camara-mas-votos-para-aprovar-nao-estao-garantidos/> Acesso em: 26 out 2023

AFFONSO, Julia; TELES, Levy e GALZO, Wesley. PL 2630 das Fake News: pressão de big techs e desarticulação da base do governo adiam votação. São Paulo: Estadão, 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/relator-pede-adiamento-de-votacao-do-pl-2630-das-fake-news/> Acesso em: 26 out 2023

AFP, Bolsonaro sobre vacina de Pfizer: 'Se você virar um jacaré, é problema de você. São Paulo: OUL, 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2020/12/18/bolsonaro-sobre-vacina-de-pfizer-se-voce-virar-um-jacare-e-problema-de-voce.htm> Acesso em: 26 out 2023

AFP: Bolsonaro sobre vacina da Pfizer: 'Se você virar um jacaré, é problema seu'. São Paulo: ISTOÉ, 2020. Disponível em: <https://istoe.com.br/bolsonaro-sobre-vacina-de-pfizer-se-voce-virar-um-jacare-e-problema-de-voce/> Acesso em: 26 out 2023

ANDRADE, Hanrikson de. Bolsonaro contraria Constituição e diz que 'minorias têm que se adequar'. Brasília: UOL, 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/07/15/bolsonaro-defende-falas-transfobicas-minorias-tem-que-se-adequar.htm> Acesso em: 26 out 2023

ASSIS, Fabiana. Menino de 6 anos 'vira' jacaré para se vacinar contra Covid em Matão: 'para mostrar que era brincadeira'. São Paulo: G1, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2022/01/27/menino-de-6-anos-vira-jacare-para-se-vacinar-contracovid-em-matao-mostrar-que-era-brincadeira.ghtml> Acesso em: 26 out 2023

BAPTISTA, Rodrigo. Jornalistas denunciam aumento de ataques à imprensa durante governo Bolsonaro. Brasília: Agência Senado, 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/06/15/jornalistas-denunciam-aumento-de-ataques-a-imprensa-durante-governo-bolsonaro>. Acesso em: 26 out 2023

BAPTISTA, Rodrigo. Jornalistas denunciam aumento de ataques à imprensa durante governo Bolsonaro. Brasília: Agência Senado, 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/06/15/jornalistas-denunciam-aumento-de-ataques-a-imprensa-durante-governo-bolsonaro>. Acesso em: 26 out 2023

BOEHM, Camila. Bolsonaro é condenado em segunda instância por ataques a jornalistas. São Paulo: Agência Brasil, 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2023-05/bolsonaro-e-condenado-em-segunda-instancia-por-ataques-jornalistas>. Acesso em: 26 out 2023

CAMARGO, Renata. Fhc e lula na mídia: dois pesos, duas medidas. Brasília: Congresso em foco, 2008. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/fhc-e-lula-na-midia-dois-pesos-duas-medidas/> Acesso em: 26 out 2023

CONTEÚDO, Estadão. Bolsonaro anuncia lives no Facebook todas as quintas-feiras, às 18h30. Minas Gerais: Estado de Minas, 2019. Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2019/03/07/interna_politica,1036078/bolsonaro-anuncia-lives-no-facebook-todas-as-quinatas-feiras-as-18h30.shtml . Acesso em: 26 out 2023

CURY, Maria Eduarda. "Lives surgiram como forma de adaptação", diz Marília Mendonça. São Paulo: Exame, 2020. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/lives-surgiram-como-forma-de-adaptacao-diz-marilia-mendonca/> Acesso em: 26 out 2023

DO UOL, Bolsonaro exhibe caixa de cloroquina para emas no Palácio da Alvorada. São Paulo: UOL, 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/07/23/bolsonaro-exibe-caixa-de-cloroquina-para-emas-no-palacio-da-alvorada.htm> Acesso em: 26 out 2023

EXPRESSA, Carta. Audiência de lives cai e Bolsonaro enfrenta dificuldades para engajar nas redes. São Paulo, Carta Capital, 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/audiencia-de-lives-cai-e-bolsonaro-enfrenta-dificuldades-para-engajar-nas-redes/> Acesso em: 26 out 2023

Federação Nacional dos Jornalistas – FENAJ, [s. 1.], 1 jan. 2023. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2023/01/FENAJ-Relat%C3%B3rio-2022.pdf>.

G1 Rio, Ano de 2020 tem recorde de ataques à liberdade de imprensa desde início da série na década de 1990, diz Fenaj. Rio de Janeiro: Globo, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/01/26/ano-de-2020-tem-recorde-de-ataques-a-liberdade-de-imprensa-desde-inicio-da-serie-na-decada-de-1990-diz-fenaj.ghtml> Acesso em: 26 out 2023

GALINDO Rogerio. Pediatra vai se vacinar vestida de jacaré. Curitiba: Plural, 2021. Disponível em: <https://www.plural.jor.br/noticias/vizinhanca/pediatra-vai-se-vacinar-vestida-de-jacare/> Acesso em: 26 out 2023

LOUREIRO, Rodrigo. Instagram passa a permitir lives com até 4 horas de duração. São Paulo: Exame, 2020. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/instagram-passa-a-permitir-lives-com-ate-4-horas-de-duracao/> Acesso em: 26 out 2023

MOSER, Sandro. Um presidente feito e desfeito pela imprensa. Curitiba: Gazeta do Povo, 2023. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/especiais/impeachment-20-anos/um-presidente-feito-e-desfeito-pela-imprensa-2zd0gilpep3bxuw32brc3fd5a/> Acesso em: 26 out 2023

NERY, Erick Matheus. Sucesso da pandemia, lives viram 'acessório' de lucro na retomada econômica. São Paulo: UOL, 2021. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/mercado/sucesso-da-pandemia-lives-viram-acessorio-de-lucro-na-retomada-economica-64616> Acesso em: 26 out 2023

OLIVEIRA, Joana. Bolsonaro é “líder e porta-voz” das ‘fake news’ no país, diz relatório final da CPI da Pandemia. São Paulo: El País, 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-10-20/bolsonaro-e-lider-e-porta-voz-das-fake-news-no-pais-diz-relatorio-final-da-cpi-da-pandemia.html> Acesso em: 26 out 2023

RAMALHO Yara. Influenciador digital se fantasia de jacaré e faz até performance ao se vacinar contra Covid em Boa Vista. São Paulo: G1, 2021. Disponível em:

<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/07/23/influenciador-digital-se-fantasia-de-jacare-e-faz-ate-performance-ao-se-vacinar-contracovid-em-boa-vista.ghtml> Acesso em: 26 out 2023

REDAÇÃO, Veja. Após “gafe” ao ganhar celular, Maísa não deixa passar crítica de seguidor. São Paulo: VEJA, 2019. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/coluna/pop/maisa-celular-samsung> Acesso em: 26 out 2023

REDAÇÃO. Ataque a Vera Magalhães: lembre episódios polêmicos envolvendo Bolsonaro, seus apoiadores e mulheres. São Paulo: Estadão, 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/ataque-a-vera-magalhaes-lembre-episodios-polemicos-envolvendo-bolsonaro-seus-apoiadores-e-mulheres/>. Acesso em: 26 out 2023

REDAÇÃO. Contra fake news, TSE quer explicações de Bolsonaro, três de seus filhos e desmonetiza sites. São Paulo: Brasil De Fato, 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/10/18/mirando-em-fake-news-tse-intima-bolsonaro-tres-de-seus-filhos-e-desmonetiza-sites-mentirosos> Acesso em: 26 out 2023

SOARES, Olavo. Rodrigo Maia faz live com Tico Santa Cruz. Brasília: Gazeta do Povo, 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/breves/rodrigo-maia-faz-live-com-tico-santa-cruz/> Acesso em: 26 out 2023

TAVARES, Joelmir. Ataques a jornalistas sobem 23% e têm família Bolsonaro em 42% dos casos, aponta levantamento. São Paulo: Folha de São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/03/ataques-a-jornalistas-sobem-23-e-tem-familia-bolsonaro-em-42-dos-casos-aponta-levantamento.shtml>. Acesso em: 26 out 2023

VAQUER, Gabriel. Ex-presidente Dilma Rousseff ataca Globo e diz que mundo sem emissora é necessário. São Paulo, UOL, 2017. Disponível em: <https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/ex-presidente-dilma-rousseff-ataca-globo-e-diz-que-mundo-sem-emissora-e-necessario> Acesso em: 26 out 2023

WERNECK Natasha, Bolsonaro no JN sobre virar jacaré com vacina: 'Parte da língua portuguesa'. Minas Gerais: Correio Braziliense, 2022. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/politica/2022/08/5031297-bolsonaro-no-jn-sobre-virar-jacare-com-vacina-parte-da-lingua-portuguesa.html> Acesso em: 26 out 2023